

A FORÇA DO *Amor*

escrito por

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Primeira edição | Novembro de 2023

Copyright © 2023 *by*
Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2022] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira
Revisão gramatical: Autor
Capa e composição: Marcos Ferreira
Imagens da capa e contra-cap: Zara Lúcia

...

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

A FORÇA DO *Amor*

escrito por

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Novembro de 2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

Martines Brentan, Antonio (Escritor).

A Força do Amor -- Antonio Martines
Brentan. -- São Sebastião Pontal, MG. ; Zara Lúcia
(fotografia) : Edição do autor. 1ª ed. novembro de 2023.

1. Romance 2. Amor 3. Relacionamento
4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

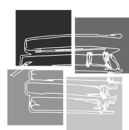
Índices para catálogo sistemático:

1. Romance : Relacionamento : Amor

Dedicatória

DEDICO ESSE MEU quinto romance “A Força do Amor”, para todos aqueles leitores, que movidos pelos seus esforços, e perseveranças, conseguem encontrar motivação para continuarem lendo meus singelos romances, sem imaginarem que estão contribuindo positivamente para que eu também encontre incentivo para que os continue escrevendo.

Antonio Martinez Brentan



Índice

Dedicatória.....	7
Prefácio.....	11
Introdução	17
Professor Improvisado.....	23
Encontro Marcado.....	35
Precipitação dos Fatos.....	47
Fuga Planejada	57
Para o Amor Verdadeiro, Não Existem Barreiras	67
Experiência Surreal	75
Um Presente Incerto.....	85
Paraíso Escondido.....	95
Família Dividida.....	103
Viagem à Negócios	111
Futuro Promissor	119
Declaração Desaforada	127
A Incerta Profissão de Garimpeiro	137
Coronel Ferdinando, Devidamente Punido.....	143
Clemente, o Visionário	151

Segunda Parte

Mudanças nos Planos	161
Surpresa Frustrada	169
Um Paraíso Terrestre	177
Sorte de Garimpeiro	183
Viagem Bem-Sucedida	193
Coronel e seus Conflitos	203
Quem Somos, Diante dos Desígnios de Deus?	217
Nada Acontece por Acaso	227
Casa Nova, Vida Nova	235
Minha Máxima Culpa.....	243
Uma Verdadeira Confraternização.....	249
Rio Clemente.....	257
Epílogo	263

Prefácio

QUANDO COMEÇAMOS escrever nossas singelas concepções, discurríamos sobre assuntos diversos, sem omitir que tínhamos a pretensão que no momento oportuno, como se encontra relatado em nosso terceiro livro “Estranhos Valores”, no capítulo “Romance Perfeito”, que num futuro não muito distante, gostaríamos de escrever romances despidos das nuances, que de certa forma maculam e comprometem a sinceridade e a pureza das relações conjugais. Talvez influenciados pela realidade do que sempre presenciamos, quando

muito raramente temos notícias, que essas relações conseguem transcorrerem sem sofrerem esses sobressaltos, ou mesmo rupturas definitivas, que acabaram fazendo parte do cotidiano da vida moderna, ocorrências essas aceitas e praticadas frequentemente que se tornaram comuns, que acabaram fazendo parte dos procedimentos normais da sociedade hodierna. Com base em conhecimentos obtidos nos ensinamentos dos Espíritos, que temos adquirido com o passar do tempo, o casamento ou os relacionamentos de natureza conjugal, são ligações que têm como finalidade equacionar pendências pretéritas que necessitam serem solucionadas. Não necessariamente entre os dois seres diretamente envolvidos, mas entre uma teia de seres que a ligação conjugal consegue aglutinar, basta observarmos que é um elo que consegue ligar famílias completamente antes desconhecidas. Por falta-lhes determinação e perseverança nem sempre esses envolvidos, conseguem superar e eliminar com êxito essas pendências, quando essas relações se rompem, destruindo temporariamente todo um programa de reabilitação, permitindo que elas agora continuem existindo, sob estado de suspensão, aguardando em prazo de espera por uma nova oportunidade, para efetivar sua solução, por assim se fazerem necessário. Também é possível constatar que mencionamos nessa oportunidade, com base nas mesmas fontes instrutivas, que existem uniões que ocorrem levadas por motivos outros, os relacionamentos felizes, que ocorrem entre Espíritos afins, que nenhuma razão

ou circunstância de natureza indébita, seja a causa que contribuisse para que acontecesse. Mas as razões se justificam por pertencerem ao seletto grupo das relações pacíficas bem-sucedidas, experiências pretéritas foram tão satisfatórias, que os seres de livre e espontânea vontade e comum acordo decidem repetirem suas experiências conjugais indefinidamente, com possibilidade de se perpetuarem.

Considerando que havia chegado esse momento de maturidade de entendimento, lastreados nessa possibilidade, nos propusemos imaginar uma relação que correspondesse e possuísse essas peculiaridades, e demonstrasse de maneira convincente que essa possibilidade é perfeitamente possível. Para que isso causasse menos impacto, retrocedemos no tempo e constatamos que em todas as épocas das civilizações, essa instituição denominada casamento, ou uniões conjugais, de certa forma sofreram intervenções externas constrangedoras, para satisfazerem e atenderem interesses e objetivos nem sempre condizentes a sua verdadeira razão de acontecer, produto das concepções equivocadas que o ser humano sempre adotou, e ainda cultua sobre vários aspectos da vida.

A história que pretendemos relatar, apesar de tudo nela ser de natureza fictícia, tem como pano de fundo, tornar perceptível o potencial de forças e de coragem que um amor verdadeiro é dotado, que traz em si a capacidade de superar esses supostos impedimentos, seja lá qualquer que seja a forma como se apresentam. A história de amor entre Clemente e Cândida, tem seu início,

no exato momento em que se conheceram, como se uma força anterior já existisse, não obstante as circunstâncias apresentarem-se desfavoráveis, principalmente se levarmos em conta a condição dele, mas em momento algum colocaram em dúvida que a viabilidade daquela relação seria impossível.

Não obstante serem dois jovens inexperientes e materialmente desestruturados, ignoraram as dificuldades e as consequências que poderiam advir, e se lançaram de corpo e alma pelo mundo, levando nos bolsos apenas dois meses de salário de professor. Como se estivessem sendo assistidos por protetores espirituais, souberam decifrar as situações controversas, como avisos de alertas, sobre prováveis perigos que se avizinhavam, e reconhecerem em pessoas humildes que cruzaram seus caminhos, como instrumentos sinalizadores a indicar-lhes a direção que deveriam seguir. Orientados por suas melhores intenções, deixaram por onde passaram seus rastros que refletiam as boas impressões das quais eram portadores. Tendo em mente que procuravam apenas um lugar, para vivenciarem o amor que os haviam unidos.

Como avançamos na época um amor transcendental trás inserido em sua essência, um elenco de valores incorruptíveis, que as intempéries do dia a dia não conseguem macular, nem abalar. Não exige grandes esforços, são metades que se complementam e se completam, formando um todo indestrutível, e tudo conspira a favor, e a discórdia não encontra espaço para se estabelecer. Não obstante serem raríssimos, por

refletir uma aquisição do espírito meritório no âmbito sentimental. Uma vez adquirida essa condição, dificilmente o espírito que conquistou essa satisfação, retrocederá ao estágio anterior, porque experimentará o significado de uma verdadeira felicidade, compartilhar a própria felicidade. Ninguém desfrutará nem saberá o significado do que seja felicidade plena, se estiver ao lado de alguém menos feliz.

Baseado nesses conceitos racionais compete-nos reconhecer como verdade irrefutável, que o espírito humano não retrograda, todas nossas conquistas imperecíveis nos proverão dos meios que impedirá que aceitemos mais conviver com aquilo que não nos proporciona felicidade. Entendemos por compatibilidade, a paridade dessas conquistas, uma vez que ninguém tem capacidade de sozinho fazer a outra feliz, se essa outra pessoa não dispuser da capacidade de perceber o que seja felicidade. Faz-se necessário compreender que estamos sob forças ascendentes, quem analisar as Leis Divinas, conhecidas como leis morais, ou naturais, comprovará.

O fato desses relacionamentos serem raríssimos, se justifica plenamente pela condição evolutiva de nosso planeta, que está consoante à condição evolutiva de seus habitantes, mas facilmente perceptível que ambos se encontram em marcha ascendentes, logo essas uniões se tornarão mais comuns, à medida que o homem terreno for evoluindo em entendimento, moral e justiça, e num futuro mais distante serão unânimes. Quando nosso planeta conquistar o status de mundo feliz.

Não obstante pulularem na imensidão dos Cosmos, miríades de mundos habitados, em todos os níveis evolutivos, é consolador saber que nos Evangelhos do Novo Testamento, consta que no futuro a palavra felicidade não será mais uma utopia, ou uma pretensão vã, o homem terreno conhecerá e desfrutará dela plenamente, mas isso ocorrerá somente quando o espírito humano estiver despojado de suas imperfeições, para que conquistemos essa condição, Deus concedeu-nos inteligência, a imortalidade do espírito e a eternidade de tempo. Seria razoável que o homem de nosso tempo, despertasse que é plenamente possível internalizar essas verdades, com certeza começaria construir dentro de si a tão sonhada felicidade e seria menos infeliz.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 29/04/2022

Introdução

POR ALGUM TEMPO andei procurando por um livro intitulado “Amor Perfeito”, segundo um sonho que tive há muitos anos atrás, esse livro me revelaria conhecimentos, que responderiam alguns questionamentos que naquela época, de certa forma me incomodavam. Morávamos em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, e lá existiam várias livrarias enormes, como até hoje ainda devem existir. Essas livrarias vendiam livros novos e usados, por incrível que pareça, por mais que tenha pesquisado, nunca encontrei esse livro, ou um que ti-

vesse esse título, isso não quer dizer que não possa existir. Mas se tivesse encontrado, com certeza o teria lido, com um interesse todo especial e o reconheceria.

Isso não me impediu de procurar informar-me sobre o assunto. A literatura espírita é muita rica em discorrer sobre os mais variados assuntos, que envolvem o cotidiano da vida das pessoas, não foi difícil deparar-me com esse tema, relatado das maneiras mais diversificadas. A união conjugal de almas gêmeas, é um fato prodigamente explorado, o suficiente para esclarecer uma pessoa leiga e incrédula sobre a existência e a possibilidade dessas ocorrências.

Se as pessoas soubessem o quanto perdemos, quando deliberamos pensar que uma obra espírita, mesmo que seja um simples romance despretensioso, não possui nada de interessante que possa agregar ao nosso conhecimento informações úteis, e mudar radicalmente nossa concepção sobre determinados assuntos.

Quando escrevi o livro “Estranhos Valores”, no capítulo Romance Perfeito, em 2019, meu entendimento sobre o tema “Amor Perfeito”, diferia em muito de minha concepção atual, tanto que na época senti-me incapaz para escrevê-lo, e agora depois desse período relativamente curto, senti em condições de aventurar-me por esses caminhos, que somente os privilegiados têm a satisfação de vivenciá-los. Como disse o poeta contemporâneo “Ninguém nesse mundo é feliz, tendo amado uma vez”. Temos informações que essas uniões felizes, têm possibilidades de se perpetuarem. E quem somos para tecer

entendimento contrário, ou discordar dessas possibilidades. Se nossos conhecimentos das coisas transcendentais são precários, e limitados, e para muitos praticamente inexistentes, porque nunca se interessaram conhecê-los.

As sensações dos sentidos do ser humano vão se depurando, na proporção que seus instintos grosseiros e animalizados vão se atrofiando, cedendo espaço às sensibilidade e aos sentimentos puros, permitindo o afloramento da racionalidade plena, e um elenco de aquisições de natureza virtuosas. Diria que o ser humano quando experimenta, os eflúvios de um amor transcendental, atingiu o ápice das sensações, e não mais se conformaria com tudo aquilo que lhe parece razoável e inexpressível.

O que tentaremos deixar em evidência no romance de Clemente e Cândida, que em nenhum momento um deles se decepçiona ou demonstre estar enganado sobre seus sentimentos e o do outro. A convivência pacífica proporciona essa satisfação mútua, e permite que os obstáculos do cotidiano sejam subestimados e até mesmo ignorados, porque algo mais consistente e indestrutível constitui o amálgama que consolida a relação, o entendimento sem mácula e hipocrisia lhe permite ser cada vez mais confiável e inabalável. O amor verdadeiro entre duas pessoas, forma um único todo que se locupletam e se complementam. Nenhum elemento externo danoso encontra espaço para interferir ou interceder. Segundo dizem, ele permanece e se perpetua indefinidamente, isso é que o torna metafísico, transcendente, um diamante se comparado aos outros minerais.

Na época em que escrevi o livro “Estranhos Valores”, nesse capítulo Romance Perfeito, logo no início fiz uma declaração no mínimo irrefletida, que somente agora percebi, não ser verdadeira, quando escrevi: “Olhando para o passado, não me recordo de ter testemunhado nenhuma relação de amor que chegasse a tanto, chego a pensar que um amor nessa condição está mais para utopia do que para realidade”. A reflexão me permitiu retroceder no tempo, recapitulando meu passado de recordações, permitiu encontrar registrado nos refoelhos de minha memória, um fato de que na época não havia me lembrado, mas agora achei que seria oportuno revelar. Quando criança por diversas vezes ouvi referências sobre a vida conjugal de um casal de vizinhos, que tive a felicidade de conhecê-los, em consideração a suas memórias, pelo excelente exemplo deixado para quem os conheceu, penso que não seria nenhuma apologia ou desrespeito identificá-los, estou me referindo ao casal “Sr. Nêgo e Dona Sinhana”, assim como eram conhecidos por todos. Segundo diziam, nunca ninguém presenciou o menor desentendimento ou desavença entre eles. Na época já era um casal septuagenário, haviam criado uma dezena de filhos, tinham dezenas de netos, e os filhos e os netos comentavam em uníssono que o relacionamento dos pais e avós, era algo muito raro de se ver. Ao longo de suas existências, nunca presenciaram o menor desentendimento entre eles, diziam que se falavam muito pouco na presença das pessoas, mas a maneira como se relacionavam impressionava, e emocio-

nava, sempre respeitosos e felizes, um para com o outro, externando uma convivência exemplar, que não passou despercebida por muitas pessoas, pelo fato de ser algo muito raro de se presenciar, principalmente quando nos referimos ao longo de uma existência juntos.

Faço oportuno ratificar, enganam-se quem pensam que nossas existências físicas, nada têm a nos ensinar. O mundo é a escola dos homens, e os homens serão eternos aprendizes das lições transcendentais, onde quer que ele esteja.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 08/05/2022

Professor Improvisado

HOJE EXISTE APENAS uma pequena comunidade de pescadores, incrustada às margens do Rio Clemente, exatamente no ponto, onde nascem duas serras, uma do lado direito do rio, outra do lado esquerdo. Caprichosamente a natureza, deixou propositadamente, um espaço entre essas duas elevações rochosas, por onde esse rio haveria de passar e dar vazão as suas águas, para seguir seu curso, na direção do Vale do Rio Guaporé, que

por sua vez, continuaria seguindo sua trajetória rasgando centenas de quilômetros de terras, através de matas intocadas pelo homem, abrigando em seu leito um sem número de afluentes, dos dois lados, até encontrar o Rio Beni, que por sua vez vem cortando o território boliviano, e formar um todo único volume de águas, que à partir desse ponto recebe o nome de Rio Madeira, que entra e atravessa o Estado de Rondônia, atraído pela topografia ascendente até muito além desaguar no majestoso Rio Amazonas, que por sua vez segue quase em linha reta, engrossando significativamente o volume de suas águas, à medida que vai recebendo em seu leito, da mesma maneira uma infinidade de outros afluentes, até desaguar seu volume colossal no Oceano Atlântico, como é o destino de todas as águas fluviais da região norte do território brasileiro.

Como estávamos descrevendo, nesse gargalho que a natureza sábia e caprichosa construiu através de milênios, antes mesmo que esse pequeno afluente do Rio Guaporé, tornasse perene, nesse ponto, percorre uma extensão de aproximadamente duzentos metros, formando um estreito com largura de aproximadamente cinquenta metros, nas épocas secas do ano forma-se uma fina lâmina de água que se espalha sobre a plataforma de pedras, tornando uma mansa corredeira, dificultando, e até mesmo impedindo que os peixes maiores, prossigam suas trajetórias rio acima, na faina da reprodução sazonal. Nas épocas chuvosas do ano, as condições seriam bem diferentes, a torrente formada pela intensidade

de águas, em sua maioria fornecida pelas chuvas que caem generosas e abundantes ao longo de sua cabeceira, oferece perigo ao aventureiro incauto que se arriscar atravessá-lo, ou descer através de seu curso, devido à força imprimida pela corredeira. O historiador à princípio o batizou de “Rio Corrente”, somente depois, por força de alguns acontecimentos fictícios ali sucedidos, que pretendemos revelar no decorrer desta nossa narrativa, o nome seria alterado por conveniência da população local, para Rio Clemente.

Estávamos na primeira metade do século passado, contam os mais antigos dessa região, que esse local foi descoberto há muitas décadas atrás, quando esse lugar era completamente desconhecido e desabitado pelo homem civilizado, nos tempos quando ocorreu a Proclamação da República, quando a cidade de Cuiabá, foi designada pelo Imperador, ser a nova capital da província de Mato Grosso, no apagar das luzes da monarquia brasileira, em detrimento à primeira capital Vila Bela da Santíssima Trindade, que ocupava posição geográfica estratégica, que permitia garantir a soberania de nosso território. Esse local onde existem duas serras, foi encontrado ao acaso por um casal de jovens fugitivos, ele chamava-se Clemente, e ela chamava-se Cândida. Não obstante esse lugar ainda conservar sua beleza natural, imaginamos que a ação predadora da presença do homem, e as intempéries ocorridas através de mudanças climáticas sucedidas no decorrer dos tempos, lhe subtraíssem a exuberância do cenário primitivo, a abundância de peixes que eram retidos nas fendas

das pedras, permitiam que uma imensidade de animais e aves, que se alimentavam desses viventes aquáticos, fizessem daquele lugar seu habitat preferido, em certas épocas do ano. Transformando aquele oásis numa permanente sinfonia de miríades de vozes inteligíveis, que se misturavam em algazarras alvissareiras. Como se DEUS, caprichosamente colocasse uma fração do paraíso celeste sobre a face da Terra, porém escondido da ação predadora dos homens. Por que estava reservada com exclusividade para esse casal de jovens fugitivos, pois as circunstâncias fariam que ali se aportassem, vivessem uma grande aventura, desfrutassem desse paraíso, por um longo período, e acabassem se apropriando dele, e ali construíssem uma linda história de amor, que podemos enquadrá-la no rol dos amores transcendentais, que há algum tempo perseguíamos escrever, e agora parece que nos surgiu os elementos necessários que nos municiaria dos argumentos competentes para representá-los.

Para que possamos entender como tudo aconteceu, faz-se necessário retroceder no tempo e abandonarmos temporariamente esse paraíso natural, localizado na região norte do Brasil, e regressarmos há centenas de quilômetros deste local, na direção sul do mesmo Estado, desse imenso território brasileiro, para uma região predominante pantaneira, onde as condições naturais, apesar de serem igualmente privilegiadas, não possuíam com a mesma exuberância tantos atributos paradisíacos, mas foi exatamente o lugar onde nossa história teria tido sua origem e seu ponto de partida.

Como fizemos entender, muito distante deste lugar, há muito tempo atrás, quando as propriedades rurais, nestas regiões pantaneiras eram verdadeiros latifúndios agrários, que nem os próprios usufrutuários conheciam exatamente a dimensão, e eram exploradas de maneira extensiva, e as cercas de arames dos tipos farpados e lisos, praticamente inexístiam, exceto pequenos cercados nas proximidades dos mangueiros e currais das fazendas, mais frequentemente construídas de madeiras fincadas, utilizados para reter por pouco tempo os animais capturados à força de laço de couro de boi trançado, nas larguezas dos campos nativos, infiltrados nas entranhas dos cerrados e savanas, e trazidos quase que arrastados, nas chinchas de burros e bestas, ou de bois sineiros treinados para essa função, até se formar um lote considerável para ser remanejado aos centros consumidores, fomentando o comércio da região.

Existiam nessa região vários Coronéis, como eram conhecidos os grandes detentores de imensas propriedades rurais, onde se dedicavam à criação de gado semisselvagem. Um em particular ao qual reportaremos, chamava-se Coronel Ferdinando Macambira, cujo número exato de reses que possuía em seus domínios era desconhecido por ele, e também pelos seus serviçais, mas estimados em milhares de cabeças, embrenhadas pelas entranhas das matas, várzeas e cerrados. Coronel Ferdinando, era um Senhor de quarenta e dois anos, portanto ainda jovem, muito bom e honesto, porém muito sistemático, e até severo e violento em determi-

nadas situações, casado com Dona Cecília, que como ele, também nativa da mesma região, que contava nessa época com trinta e seis anos, o casal tinha apenas três filhos. A filha mais velha chamada Cândida, na época a qual quando começamos desvendar nossa história, contava com quinze anos de idade, mais um casal de gêmeos, Fernando e Fernanda, com treze anos de idade. A sede da fazenda de Coronel Ferdinando, constituía em uma pequena comunidade, a casa principal localizada na parte central, apesar de ser muito simples, destacava-se das demais devido seu tamanho, onde ele morava com a família, cercada de uma dezena de casas pequenas e simples, todas próximas umas das outras, e também da casa principal, essas destinadas à moradia dos empregados, à maioria vaqueiros, alguns tropeiros, e dois carreiros, todos funcionários efetivos da fazenda, denominada “Fazenda Estaleiro”. Existia também nas proximidades da casa principal, um galpão grande, que servia como depósito de suprimentos, garagem para o carro de bois, e para a carruagem de passeio, espécie de charrete grande, geralmente tracionada por dois animais potentes, e abrigo para trabalhadores temporários, que o Coronel empregava em determinadas épocas do ano, quando o trabalho braçal se fazia mais necessário. Próximo ao galpão, uma pequena dependência, construída mais recente, há uns oito anos para funcionar como escola, para atender às necessidades de alfabetização, e conhecimentos elementares de seus filhos e das crianças da localidade. A localização dessas residências ficava

numa região elevada da enorme propriedade, fora do alcance das grandes cheias que invariavelmente ocorriam todos os anos no rio, conhecido como “Rio Mutum” que cortava toda a região, e corria vagarosamente devido a mansuetude do terreno, transbordava e se esparramava de maneira generalizada pela vasta planície, sem deixar de seguir seu destino em direção aos rios maiores, num ritmo lento muito preguiçoso, percorrendo no sentido sul, até desaguar na calha do Rio Paraguai em direção à bacia do Rio da Prata, até o Oceano Atlântico, da mesma forma como todas águas fluviais, que têm seu grande volume de águas providas de fontes pluviais nas épocas das chuvas abundantes.

A escola começou funcionar exatamente quando Cândida, completou sete anos de idade. Coronel Ferdinando foi até à Capital do Estado, contratou por sua conta, uma professora jovem, chamada Dona Isaura, hospedou-a em sua casa, e durante oito anos, em tempo integral exercia a função de professora, o suficiente para que todos seus filhos e muitas crianças da mesma faixa etária da localidade concluíssem o curso primário. Como restaram poucas crianças em idade escolar, no âmbito da pequena comunidade, Dona Isaura cansou-se da profissão, decidiu se casar, e voltou para sua cidade de origem.

Justamente no início daquele ano, em que a escola havia ficado sem a professora, apareceu por lá um rapaz de dezoito anos, chamado Clemente dos Santos, procurando por serviços gerais de fazenda, foi recebido pelo proprietário Coronel Ferdinando, tomou conhecimento

que a escola estava sem professora, e umas dez crianças não teriam como continuar estudando. Como Clemente havia concluído dois anos do curso ginásial, que para à época significava possuir um bom nível de instrução, considerou-se apto continuar ensinando essas crianças, propôs lecionar até o meio do dia, depois poderia se ocupar com outros afazeres afetos à fazenda que sabia executar com facilidade.

Coronel Ferdinando, fez sua proposta, pagaria um salário, correspondente à média ao que costumava pagar a seus vaqueiros, e como incentivo lhe forneceria as refeições, e a lavagem de suas roupas, com a condição que teria que morar no galpão, eventualmente na companhia de alguns trabalhadores temporários, se fosse o caso, porque em certas épocas do ano, não empregava esse tipo de trabalhador. Como Clemente precisava trabalhar, aceitou a proposta do Coronel.

Dessa forma Clemente passou residir no galpão, e fazer suas refeições nas dependências da casa do Coronel, mais precisamente na enorme varanda localizada do lado externo ao lado da cozinha, e imediatamente passou exercer a função de professor, na parte da manhã como haviam combinado. Nesse início de ano, a esposa do Coronel Ferdinando, Dona Cecília e os três filhos estavam ausentes, visitando os familiares dela, em outra região, a casa principal da fazenda, durante o dia ficava sob o comando de duas empregadas, esposas de funcionários da própria fazenda que residiam próximas na mesma comunidade.

Quando Dona Cecília retornou com os filhos, de imediato ficou sabendo através das empregadas a notícia de que o Coronel, havia contratado um professor para realizar o trabalho antes exercido por Dona Isaura, e já se encontrava na ativa, lecionando para as crianças, e todos os dias, depois do meio-dia comparecia ali para almoçar. Dona Cecília ficou feliz que o marido havia resolvido o problema da escola, assim rapidamente. Depois do meio-dia, quando todos estavam reunidos em torno de enorme mesa para almoçar, também chegou Clemente, que foi apresentado pelo Coronel Ferdinando, à esposa e aos filhos, como sendo o novo professor da escola.

Clemente era um rapaz simples, apesar de ter boa aparência, era forte e levemente amorenado, extremamente educado, mas um pouco tímido com estranhos. No momento sentiu-se meio atrapalhado, em conhecer a família do patrão, principalmente quando viu sua filha Cândida, que lhe cumprimentou com um sorriso inocente, pouco sem jeito, foi até o fogão como sempre fazia, fez seu prato e sentou-se em um banco de madeira, retirado da mesa da varanda onde todos estavam sentados almoçando. Enquanto almoçava por mais de uma vez, seu olhar como guiado por uma força magnética desconhecida, procurou e se uniu ao olhar de Cândida, o suficiente para perturbá-lo completamente. Cândida era uma moça com quase dezesseis anos, mas simples e bastante ingênua, sua beleza insinuante, tinha o poder de desestabilizar a harmonia dos pensamentos de um

jovem inexperiente como ele, e por acréscimo, tirar-lhe a naturalidade e a fome por completo. Com dificuldade Clemente terminou de almoçar, colocou seu prato sobre uma outra mesa, e saiu sem dizer nada, precisava respirar profundamente e desembaraçar suas emoções. Entrou no galpão, foi até onde ficava sua cama, deitou e um turbilhão de pensamentos incontrolláveis o envolveu como a fúria de uma tempestade que se avizinhava trazida pela força de um vendaval.

Cândida por sua vez, assim que o rapaz se retirou, foi para seu quarto, deitou-se em sua cama e ficou pensativa, o olhar de Clemente o havia impressionado estranhamente, mas pensar nele não seria nada conveniente. A verdade é que Cândida há pouco tempo obtivera conhecimento através de confidências da mãe, que seu pai a sua revelia, já tinha escolhido quem seria seu provável marido, um seu primo dois anos mais velho que ela, filho de um irmão de seu pai, seu tio também Coronel, conhecido como Coronel Justino, igualmente fazendeiro nesta mesma região, mas morava há algumas léguas de distância. Tinha visto esse seu primo Joaquim, algumas vezes, em reuniões de famílias, ou quando a família de um irmão, ia na casa do outro, mas a ideia de casar-se com ele, era uma hipótese que até então, nunca levou em consideração, de que um dia isso lhe acontecesse. Nesse momento que divagava com esses pensamentos, entra no quarto sua irmã Fernanda, que era ainda uma moçoila, e haveria de ficar bonita, como a irmã um pouco mais velha, e lhe disse: — Você viu

como o professor é bonito! Cândida respondeu à irmã de maneira evasiva, tentando disfarçar sua real impressão: — Pareceu-me ser bastante tímido também.

“Faz-se oportuno esclarecer que nessa época, nessa região, todos os grandes fazendeiros não se importavam serem tratados de Coronel, muito pelo contrário, muito se orgulhavam ostentarem esse título, não como um distintivo militar, por que nem faziam ideia que Coronel designava uma patente militar, todos eram cidadãos civis, nem haviam adquirido oficialmente essa insígnia, como acontecia em certas regiões do interior do Brasil, onde se comercializavam esses títulos, mas nessa região pantaneira era sem dúvida a forma mais utilizada para se identificar um proprietário ou detentor de grande extensão de terras e muitas cabeças de gado, muitos cavalos, muitos empregados, e até mesmo capangas, para garantir a segurança de seus protegidos, e resolver as querelas, com eventuais adversários”. Coronel Ferdinando Macambira, não era diferente dos demais, esse título lhe atribuía certa distinção e respeitabilidade.

28/03/2022

Encontro Marcado

N A TARDE DAQUELE mesmo dia, Clemente conversando com o Coronel Ferdinando, solicitou caso não se opusesse, preferia fazer suas refeições na privacidade do galpão onde morava, bastava as empregadas fazerem sua pequena matula, ele a pegaria e iria almoçar e jantar na privacidade de seu canto. Coronel transmitiu o desejo do professor a sua esposa, Dona Cecília, por sua vez instruiu as empregadas, e desde então, Clemente limitava-se passar pelas dependências externas da cozinha da casa, pegava sua refeição e

retornava ao galpão. Concluíram que as razões desse seu proceder, era devido sua visível timidez, se sentia constrangido fazer suas refeições na presença dos familiares do Coronel, consideraram perfeitamente compreensível, somente Cândida não teve a mesma impressão, suspeitou que era devido sua presença que de certa maneira o perturbava.

Na verdade, a presença de Cândida, perturbava de fato Clemente, ao ponto de lhe tirar a fome, mas ele tinha consciência, que pensar nela, mesmo em secreto seria um atrevimento absurdo, que o Coronel Ferdinando, não poderia nem suspeitar que isso estivesse acontecendo, certamente lhe causaria uma decepção tão grande que romperia imediatamente a confiança que lhe havia depositado. Então ponderou que a melhor coisa fazer, para seu próprio bem, seria ignorar que Cândida existia, e não a ver seria a solução para tirá-la do pensamento.

Mas a concepção que Cândida, tinha a respeito do posicionamento do pai, em relação a sua liberdade de escolha sentimental, desde que sua mãe lhe revelou a intenção dele, em casá-la com o primo, sem ao menos consultá-la para que ela externasse sua opinião, e não permitir que ela escolhesse de livre e espontânea vontade, a pessoa a quem amar e se casar. Essa atitude prepotente e autoritária do pai, fez nascer em seu íntimo, um sentimento de resistência que ela estava decidida que não se submeteria. O que sentiu por Clemente, foi algo que ainda não saberia definir, mas era muito diferente do que sentia pelo primo, um desejo

de conhecê-lo melhor, falar com ele, o fato dele ser um simples empregado do pai, para ela não consistia em um empecilho para que o preterisse, se acaso ele possuísse as qualidades que sempre esperou encontrar no amor de sua vida, então teria todos os motivos para se rebelar e não realizar as vontades do pai, e todas as razões para lutar pelo amor que sempre sonhou.

Cândida só não entendeu a atitude de Clemente, evitar em vê-la, isso de certa forma em vez de arrefecer o que começou sentir, exerceu efeito contrário, fez aumentar o desejo e a urgência em conhecê-lo melhor, caso ele não correspondesse as suas impressões, seria mais fácil eliminá-lo de suas pretensões, mas isso não significava que estaria disposta ceder aos caprichos paternos, isso definitivamente ela não cogitava, e continuaria pensando no seu imaginário que criou, para acalantar seus sonhos de jovem romântica.

Havia se passado uma semana do dia em que se conheceram, ou melhor, do dia em que se viram pela primeira e única vez. Coincidência ou não, Clemente depois de encerrar seu turno na escola, decidiu passar na casa do patrão para pegar seu almoço, e não teve como evitar um encontro casual com Cândida, sem que nenhum dos dois esperassem, se viram um na frente do outro. Clemente num gesto espontâneo, cumprimentou a moça, ela retribuiu o cumprimento com o mesmo sorriso inocente da primeira vez, assim que ele pegou a matula que as empregadas deixavam sobre a mesa da varanda dos fundos da casa. Numa atitude irrefletida Cândida, perguntou-lhe:

Por que preferia fazer suas refeições no galpão? Clemente a olhou nos olhos, e respondeu: — Penso que lá sou menos inconveniente. Cândida lhe sorriu meigamente e completou: — Almoçar e jantar aqui em casa, para nós não é nenhum incômodo. Então Clemente lhe sorriu, e respondeu: — Se é assim, vou repensar o assunto. E saiu em direção ao galpão, seu coração batia descompassado, a presença de Cândida o perturbava naturalmente, e um pedido dela, soava como uma ordem, que não poderia deixar de atender.

Enquanto almoçava sentado em sua cama, no galpão, pensava: “Não vou conseguir lutar contra o que sinto por Cândida, vou permitir que as coisas aconteçam naturalmente, se ela quiser me destruir vou submeter aos seus desígnios, minha vida só voltará ter sentido, depois de descobrir o que significa tudo isso que estou sentindo, e tirá-la de meu pensamento”.

Assim que acabou de almoçar, retornou à casa grande para devolver a matula, não encontrando Cândida, disse para uma das empregadas: — Avise sua patroa que à noite virei para jantar, obrigado. Clemente depois de seu turno na escola que ia até ao meio-dia, se envolvia com afazeres próximos à casa. Coronel Ferdinando o incumbiu de manter limpo o enorme quintal, que consistia em um pomar com muitas variedades de frutas, logo depois do pomar, havia um pequeno mandiocal, para consumo dos moradores do local, mais abaixo um bananal e uma pequena plantação de abacaxis, cultivados para a mesma finalidade. Enquanto

capinava sozinho o mandiocal, pensava numa explicação plausível, para justificar sua decisão de voltar fazer as refeições na casa, sem mencionar que a razão, fora para atender o pedido feito por Cândida.

Clemente como já revelamos era um jovem de dezoito anos, nunca antes tinha se envolvido em nenhuma espécie de namoro, nem se apaixonado por ninguém, não estava compreendendo o que estava acontecendo com seus sentimentos, um desejo de conversar e desvendar os segredos daqueles olhos, e o magnetismo do sorriso de Cândida, que tinham o poder de transportá-lo para um mundo de felicidade, e ao mesmo tempo conduzi-lo de volta ao seu mundo depressivo que lhe entristecia, só em pensar que tudo aquilo poderia significar apenas produto de sua imaginação sonhadora.

Ao entardecer tomou um bom banho, vestiu-se e se arrumou decentemente, e foi para a casa do patrão, todos exceto o Coronel, tinham conhecimento que ele viria para o jantar. Para facilitar as coisas, encontrou Coronel Ferdinando nas imediações da casa, e em poucas palavras se justificou que havia reconsiderado e decidido voltar fazer suas refeições como antes. Coronel aceitou com naturalidade as explicações do rapaz, sem levantar nenhuma suspeita.

Como estava na hora do jantar, aproximaram da varanda onde costumavam fazerem as refeições, e num gesto cordial, Coronel Ferdinando convidou-o a ocupar à mesa com ele e sua família, foi o suficiente para desestabilizar as emoções de Clemente, mas como ha-

via decidido que não furtaria enfrentar o desafio, fez seu prato e sentou-se em uma das extremidades da mesa, quando Cândida chegou e o viu sentado jantando, o cumprimentou com seu sorriso discretamente, fez também seu prato, e veio sentar-se próxima a ele. Durante o jantar trocaram umas poucas palavras, mas seus olhares se comunicaram o tempo todo, como se estivessem atraídos por uma força desconhecida, o suficiente para saciar a fome e a saudade que sentiam de se verem novamente. O breve jantar e a forma discreta como se comportaram, não deixou transparecer nenhuma impressão suspeita aos demais, mas permitiu consolidar entre os dois uma cumplicidade que os proporcionou uma satisfação indescritível, como se a força daquela comunhão ocular, fizesse aflorar em cada um, miríades de reminiscências que dormitavam em suas mentes confusas, e os fizessem recordar acontecimentos nebulosos que eles ignoravam de onde procediam, mas com toda certeza existiam.

Assim que terminou o jantar, Clemente desejou a todos um boa noite, e se retirou, precisava ficar sozinho, respirar longos haustos e recompor suas forças, refletir, e tentar entender o significado de tudo aquilo, começava pôr em dúvidas sua capacidade de levar a termo aquela decisão, sentia-se impotente, aqueles sorrisos e olhares de Cândida, tinham o poder de aniquilá-lo ao ponto de fazê-lo querer evadir-se, fazia reconhecer que era muita pretensão sua, desejar algo tão inacessível. Não conseguia mensurar o que lhe poderia acontecer, se as coisas continuassem evoluindo, o que seria de sua vida.

Se tinha algo que ele prezava, era o senso de compatibilidade, e reconhecia sem nenhum esforço, que entre ele e Cândida existia um abismo de impossibilidades que o desencorajava, e de certa forma sentia-se muita presunção de sua parte, só pelo fato de alimentar aqueles pensamentos e sentimentos.

Cândida intimamente gostaria que Clemente não tivesse se retirado tão rapidamente, poderia ter ficado conversando com seu pai, quem sabe indiretamente revelar algumas particularidades de sua vida e de sua pessoa, que ela gostaria tanto em conhecer, mas como saiu, deixou a impressão de que talvez ela estivesse fantasiando uma realidade que de fato não existia. Sem motivo para ali permanecer, também se retirou, a solidão de seu quarto seria o lugar ideal para concatenar a aparente decepção que estava sentindo. Lá chegando se deitou em sua cama, e percebeu que estava triste, não obstante a cumplicidade do olhar incisivo de Clemente, que lhe assegurava que não estava fantasiando, contrastava explicitamente com sua decisão de evitar permanecer em sua presença, tinha impressão de que ele se sentia asfixiado em sua companhia, e isso a intrigava, e fazia aumentar inexplicavelmente seu fascínio por ele. Então concluiu que estava apaixonada pelo professor misterioso.

No dia seguinte Cândida propositadamente deixou para almoçar, exatamente quando percebeu que Clemente vinha em direção a sua casa para almoçar. Sentiu-se atrapalhado quando a viu sozinha sentada à mesa almoçando, cumprimentou-a e perguntou-lhe

por que estava almoçando sozinha: Ela respondeu-lhe com um sorriso: — Todos já almoçaram, hoje estava completamente sem fome, decidi almoçar um pouco mais tarde, vai se servir e sente para que façamos companhia um para o outro. Vindo de Cândida aquela ordem e aquela sugestão, mesmo se quisesse não poderia contrariá-la.

Clemente foi até o fogão, colocou apenas um pouco de comida em seu prato, porque sentiu que sua fome também havia se expirado, sentou-se à mesa e perguntou à título de curiosidade:

— Quando cheguei aqui na fazenda, você, seus irmãos, e sua mãe estavam viajando?

— Todos os anos nossa família tem como tradição, visitar os pais de minha mãe, meus avós, em Corumbá, esse ano papai não pode ir, ficamos lá quase um mês.

— Seus avós moram na cidade?

— Não, moram também na fazenda, mas não fica muito distante da cidade. Você conhece Corumbá?

— Não, nunca fui para aqueles lados.

— Onde você morava antes de vir para aqui?

— Eu sou nascido e criado na região de Cuiabá, mais precisamente num lugar conhecido como Coxipó do Ouro, ou Coxipó da Ponte, não exatamente na área urbana, mas numa chácara que meus pais possuem na beira do Rio Coxipó do Ouro, e fica bem próximo à cidadezinha. Foi lá que cursei até o segundo ano ginasial, depois precisei parar de estudar e comecei trabalhar em fazendas.

— Você está gostando de ensinar as crianças?

— Eu nunca tinha lecionado antes, seu pai explicou-me que a professora tinha se mudado, e precisava de alguém para ocupar o lugar dela, então combinamos, e passei ensiná-las pela manhã. Para dizer a verdade, estou gostando de ensinar o pouco que sei.

— Conversando com algumas pessoas, principalmente com as duas senhoras que trabalham aqui em casa, Dona Maura e Dona Selma, mães de crianças que são seus alunos, disseram que as crianças estão gostando muito como ensina, por considerá-lo muito dedicado e esforçado, exatamente por perceberem que gosta daquilo que está fazendo.

— Fico feliz em saber que pensam assim sobre mim e meu trabalho, isso me proporciona mais motivação para que continue esforçando e procurar melhorar cada vez mais, sinto que a cada dia venho adquirindo mais confiança, no meu trabalho, meu maior medo seria decepcioná-los, e também a seu pai, que depositou em mim sua confiança. Como deve saber meu trabalho ainda não terminou. Agora preciso ir capinar no quintal, foi um prazer muito grande em almoçar com você, e ouvir as coisas que me revelou, à noite nos vemos novamente.

Clemente levantou-se e saiu em direção ao galpão, sentia-se emocionado, e satisfeito consigo mesmo, apesar de ter almoçado muito pouco, considerou que aquela conversa com Cândida, lhe havia proporcionado um bem estar, que nunca antes tinha experimentado, o que fazia concluir que estava irremediavelmente apaixonado.

do pela moça, ela demonstrava ser bastante humilde, em tratá-lo com consideração e apressos, no momento não queria nem pensar no que poderia acontecer depois, mas certamente seus pais não aprovariam aquela ousadia.

Dona Cecília discretamente observou a filha almoçando ao lado do rapaz, conversando animadamente com ele, achou tudo muito normal e natural, mas percebeu que depois que ele se retirou, Cândida foi lavar os pratos, trabalho que espontaneamente ela nunca fazia, e demonstrava uma alegria contagiante, ao ponto de depois de lavar os pratos, tomar uma vassoura e começar varrer a varanda, cantarolando uma velha cantiga da infância. Aquela atitude de Cândida, era excessivamente anormal, Dona Cecília limitou-se em observá-la, mas tudo aquilo era no mínimo muito suspeito.

À noite na hora do jantar, Coronel Ferdinando estava presente, Dona Cecília disfarçadamente deliberou continuar observando as atitudes da filha, Clemente serviu-se e sentou-se na extremidade da mesa que dava para a parte externa da varanda, Cândida serviu-se e foi sentar-se próxima a ele, como no almoço, como se fossem velhos conhecidos começaram se falar, Dona Cecília que se mantinha atenta aos dois e ao marido, percebeu que Coronel Ferdinando estranhou a atitude da filha, e não estava gostando nada daquela intimidade espontânea dos dois, mas a seu modo tentava disfarçar, principalmente por ter percebido que a iniciativa havia partido de Cândida .

Depois do jantar como na noite anterior, Clemente desejou boa noite a todos e saiu em direção ao galpão.

Antes que deixassem à mesa, Coronel Ferdinando, interpelou a filha em tom áspero, dizendo: — Cândida ainda não lhe disse nada, mas não quero tornar a vê-la de conversas com esse rapaz.

Cândida que sempre obedecia ao pai, e nunca ousou contestá-lo em nada, ao ser repreendida daquela maneira, sentiu que estava na hora de fazê-lo entender que tinha vontade própria, perguntou-lhe quase chorando:

— Que mal o Senhor vê em conversar com o rapaz, na presença de todos vocês?

Dona Cecília a repreendeu, dizendo:

— Cândida não fale assim, tenha modos com seu pai.

— Mamãe não vejo nada de errado em conversar com o Clemente, se ele quiser conversar comigo, eu vou conversar com ele sim.

Levantou-se e saiu chorando, entrou em seu quarto e fechou a porta, atirou-se na cama e chorava em silêncio, enquanto chorava pensava: “Se estão pensando que vão fazerem o que querem de minha vida, estão enganados, eu sou a dona de meu destino, tenho o direito de conversar e gostar de quem eu bem quiser”.

Não seria necessário dizer que o clima ficou um tanto tenso, Coronel Ferdinando também se levantou para seguir a filha para dizer-lhe mais algumas coisas, quando a viu entrar e fechar a porta do quarto, entrou em seu quarto, estava visivelmente nervoso, sentou-se na cama e começou recapitular o acontecido, nisso Dona Cecília chegou e sentou-se ao seu lado, e tentava acalmar o marido, dizendo:

— Ferdinando não precisa ficar assim, amanhã falo com ela, e isso não vai mais se repetir, o que ela sente por esse rapaz é só amizade, talvez esteja na hora de termos uma conversa séria com ela, a respeito do compromisso que você assumiu com seu irmão, em comprometê-la com nosso sobrinho Joaquim, entenderá que não fica bem andar de conversas com estranhos.

— Se você acha que ela entenderá e nos obedecerá, falamos com ela pela manhã, como já lhe disse, não quero mais vê-la conversando com esse professor, que não tira seus olhos de cima dela, e me pareceu que ela facilita a ousadia dele.

— Você está imaginando coisas, nossa filha é uma menina responsável, e não se envolveria com um reles empregado da fazenda, que graças a sua bondade permitiu que ele exercesse a condição de professor, quando na verdade ele não possui essa qualificação, apesar de estar contribuindo para solucionar um compromisso que assumimos com nossos empregados, em manter uma pessoa para instruir suas crianças.

— Entendo que temos que agir antes que o problema venha se instalar, nunca sabemos o que possa se passar na cabeça desses jovens, de repente começam se entenderem, e se gostarem e começarem a nos criar problemas, que já os temos em quantidade, são tantas as coisas que tenho que resolver, que não gostaria vê-los aumentando.

04/04/2022

Precipitação dos Fatos

N O DIA SEGUINTE pela manhã esperaram que Cândida se sentasse para tomar seu café da manhã, e a abordaram com a intenção de desfazer o mal-entendido da véspera, e restituir a harmonia familiar. Coronel Ferdinando e Dona Cecília, sentaram-se também, Cândida evitou encará-los, e pressentiu que queriam lhe falarem algumas coisas, então permaneceu cabisbaixa tomando seu desjejum. Seu pai começou dizendo:

— Minha filha, como sua mãe já lhe comunicou, há algum tempo atrás conversando com meu irmão Coronel Justino, achamos por bem, como é tradição em muitas famílias, os pais escolherem no âmbito da própria família, os cônjuges para seus filhos, decidimos de comum acordo, que num futuro não muito distante, pretendemos unir você e seu primo Joaquim em casamento, para prosseguirem as tradições de nossa família. Por essa razão, acho que não fica bem, você manter qualquer tipo de relacionamentos, mesmos à título de amizade com rapazes de sua idade, para se evitar comentários maliciosos, e colocar sob suspeita o que foi pactuado. Por isso chamei sua atenção na noite de ontem, e não gostaria que esse fato venha se repetir, na condição de seu pai e responsável, é meu dever preservar o bom nome de nossa família.

Cândida levantou a cabeça, encarou o pai, olhando em seus olhos, disse:

— Meu pai, antes de assumir o compromisso de casar-me com meu primo Joaquim, o mínimo que o Senhor deveria ter feito, era ter me consultado, para saber se concordava com essa vossa decisão. Lamento em dizer-lhe que não aceito essa maneira de decidirem por mim, quem deverá ser a pessoa para compartilhar minha vida conjugal, sinto em comunicar-lhes que terão que desfazerem o que combinaram, por que não abrirei mão desse direito que me pertence. Não tenho nada contra meu primo Joaquim, tenho certeza de que como eu, ele também não sente nada por mim, portanto nada nesse

mundo me obrigará a casar com quem não ame e deseje para ser meu marido.

— Saiba minha filha, que minha palavra já foi hipotecada, portanto quem terá que começar mudar de ideia é você. Enquanto estiver sob minha responsabilidade, eu decidirei o que é melhor para você e nossa família, deveria orgulhar-se e agradecer-me por ter escolhido um dos melhores partidos desta região, um rapaz honesto, trabalhador e muito rico, que lhe proporcionará uma vida tão boa, como a que você sempre teve dentro desta casa, desde o dia em que nasceu.

— Agradeço seus cuidados e suas preocupações meu pai, mas se um dia vier me casar, será com a pessoa que de minha livre vontade escolher.

Cândida levantou-se e saiu em direção a seu quarto, entrou e passou a chave na porta. Dona Cecília por sua vez, disse ao marido:

— Ferdinando não se preocupe, deixe que esfrie a cabeça, falarei com ela e acabará aceitando, quando estiver de acordo, anteciparemos os acontecimentos, ela logo completará dezesseis anos. Talvez fosse bom que Joaquim se preparasse para esse momento. Depois que estiver casada, reconhecerá que estava errada.

Quando Coronel Ferdinando enfrentava esse tipo de contrariedade, dentro de sua casa, costumava sair, pedir a um de seus empregados que fechassem os animais, escolhia um burro ou uma besta bem matreira, encilhava com sua tralha especial, saltava sobre a sela e saía sem destino certo, era sua maneira de espairecer os

pensamentos. Nessa manhã decidiu ir até à fazenda de seu irmão Coronel Jacinto, pensando ter uma conversa com ele e com o sobrinho Joaquim, e reforçar o compromisso que havia feito, e se possível definir uma data próxima para consumir a união conjugal da filha com o sobrinho. Depois de cavalgar algumas horas, pelos atalhos que conhecia, perdidos na vastidão daquela planície sem fim, chegou à sede da fazenda do irmão, que muito se assemelhava a sua, já eram quase onze horas da manhã, exatamente quando os vaqueiros também chegavam para almoçar. Foi direto à casa do irmão, por sorte encontrou a família toda na mesa do almoço. Depois de cumprimentar a todos, foi convidado pegar um prato, servir-se nas panelas no fogão, para também almoçar, sentou-se em uma cadeira da mesa, e passou almoçar como se estivesse em sua própria casa.

Depois do almoço os dois Coronéis irmãos, acompanhados dos sobrinhos, sendo Joaquim o mais velho dos três, sentaram-se em uma varanda mais afastada da cozinha onde estavam as mulheres em serviços de arrumação, a cunhada, as duas sobrinhas e mais duas serviçais, para em particular, tratar do assunto que o fizera vir até à casa do irmão. Tomou a palavra e começou perguntando ao sobrinho, que já o tinha como seu futuro genro:

— E aí Joaquim, me dei o trabalho de vir até aqui, primeiro para ver todos vocês, e saber que estão todos bons, com as graças de Deus. Em segundo lugar para saber de vocês para quando estão pensando consumir o casamento que combinamos. De nossa parte, penso que

só estamos dependendo conhecer a data, que ficará melhor para vocês.

Coronel Jacinto que era alguns poucos anos mais velho que o irmão, demonstrava ser mais ponderado também, argumentou:

— Estivemos aqui em casa conversando em família sobre esse assunto, ponderamos que seria conveniente que Joaquim e Cândida, passassem algum tempo juntos, para se conhecerem melhor. Ela poderia vir ficar aqui em casa algumas semanas, então os dois teriam oportunidade de conversarem e se conhecerem melhor. Ou se preferir, Joaquim passaria umas semanas lá em vossa casa, para a mesma finalidade.

Coronel Ferdinando apesar ser um pouco mais jovem que o irmão, não entendia que esse estágio entre os dois poderia contribuir, muito pelo contrário, da maneira como Cândida reagiu, era bem provável que poria tudo a perder, poderia passar má impressão para o rapaz e convencê-lo que nunca seria capaz de amá-lo, seria melhor não arriscar. Então expressou seu parecer de pai ciumento:

— Acho desnecessária essa convivência preliminar, os dois já se conhecem, se viram várias vezes, na verdade terão muito tempo para se conhecerem melhor depois, o que temos a fazer é marcar uma data que não seja muito distante, e consumir o que já foi combinado, você não acha Joaquim?

— Estou de acordo com o Senhor meu tio, se Cândida pensar como eu, nada disso será necessário. Nos

casamos e ela virá morar aqui conosco, isso até que construamos nossa própria casa, como desejo que seja.

Da maneira como Joaquim se manifestou, ficou bem nítido, que não tinha as preocupações de Cândida, o casamento para ele não envolvia os mesmos aspectos, amor, afinidades eram detalhes subjetivos que viriam naturalmente com o tempo. Para ele o importante era se casar, as implicações eram detalhes que ele desconhecia, portanto apesar de ser quase três anos mais velho que ela, transparecia claramente ser bem mais imaturo, ingredientes que certamente Cândida perceberia e não aprovaria.

Diante dos argumentos e da convicção do irmão, e do posicionamento do filho, Coronel Jacinto desconsiderou a necessidade do estágio preliminar, para agradar ao filho e ao irmão, deliberou:

— No final da outra semana todos de nossa família faremos uma visita de cortesia a sua casa, e reunidos oficializamos o pedido, e marcaremos a data do casamento, e os demais detalhes da cerimônia, possivelmente para o final do mês de abril, dois meses serão tempo suficiente para as providências pertinentes, principalmente por parte da noiva, que envolve mais requisitos e rapapés.

— Assim fica melhor, agora vou me despedir de todos, porque tenho de voltar para casa, devem estarem me esperando, para tomarem conhecimento das novidades, e daqui até lá, como vocês sabem, é um bom estirão.

E dessa maneira à revelia de Cândida, o pai ignorou sua reação, e agilizou os procedimentos para consumir o compromisso assumido por ele, com o irmão e o sobrinho.

Chegou de volta à sede de sua fazenda, quando o sol havia desaparecido por completo na linha do horizonte, assim que entrou em casa, Dona Cecília questionou-lhe onde esteve durante todo aquele dia, alegando urgência em tomar um bom banho, disse que depois lhe revelaria onde estivera. Ao sair do banho observou Clemente sentado na extremidade da mesa jantando, como se aquele fosse seu lugar preferido, viu que Cândida não lhe fazia companhia como na noite anterior, sem saber ele que Cândida durante o almoço, já havia dito a ele que o pai a havia proibido de falar-lhe, que quando o pai estivesse presente o obedeceria para evitar atritos, mas que ele não se ofendesse, que seu pai sempre foi muito ciumento, e não gostava que ela conversava com rapazes.

O mais incrível que Coronel Ferdinando, ignorou a presença do rapaz, como se ele fosse invisível, Clemente percebeu a indiferença do patrão, assim que terminou de jantar, saiu sem dar satisfação também, Coronel percebeu a ausência da filha mais velha durante o jantar, terminado o jantar pediu que Fernanda, fosse chamar a irmã que gostaria fazer um comunicado para toda família.

Cândida chegou de cabeça baixa, sentou-se e assim se manteve, Coronel Ferdinando percebeu que a filha estava casmurra ainda magoada com eles, mesmo assim começou dizer o que pretendia:

— Essa manhã deliberei ir até à fazenda de meu irmão Jacinto, para tratar do casamento de Cândida com Joaquim. Ficou combinado que no final da outra semana, eles virão até aqui em nossa casa, para oficializar

o pedido, marcar a data do evento, para uma data não muito distante, e discutir os detalhes da cerimônia, provavelmente para o final do mês de abril, portanto dona Cândida, seria bom que começasse pensar na confecção de seu vestido de noiva, providenciar o restante de seu enxoval, e considerar que tudo aquilo que lhe falei não era implicância ou brincadeira, o assunto era muito sério. Você gostaria de nos dizer mais alguma coisa?

— Não papai, nessa manhã eu já disse tudo que tinha a dizer.

Levantou-se e foi para seu quarto, entrou e trancou a porta à chave. Pegou um seu caderno, uma pena e um tinteiro, e escreveu:

Clemente,

Acabei de saber através de meu pai, que esteve hoje na casa de meu tio Coronel Jacinto, e ofereceu-me em casamento ao meu primo Joaquim, que é um rapaz de dezoito anos, a quem vi apenas algumas vezes, e nunca senti nada por ele, e nem acredito que um dia venha sentir. Ontem disse ao meu pai, se um dia viesse me casar, teria que ser com uma pessoa que eu mesma decidisse, que amasse e desejasse para ser meu marido. Que esse era um direito que me pertencia, e não aceitaria que ninguém fizesse isso por mim.

No momento em que o conheci, meu coração falou-me que você seria o grande e único amor de minha vida, desde então tenho tentado me aproximar de você, para saber o que você sentiu por mim, gostaria que me dissesse do fundo de seu co-

ração, o que ele lhe disse quando me conheceu. Saiba que não quero nada de meu pai, a única coisa que desejo dessa vida é que você me ama, como eu o amo, e esteja disposto a fazer tudo por esse amor. Porque estou decidida fazer tudo por você e pelo amor que sinto.
Ficarei aguardando sua resposta.

Cândida

No dia seguinte enquanto Clemente almoçava sozinho, na extremidade da mesa, como sempre fazia, Cândida passou ao seu lado, disfarçadamente colocou o bilhete ao lado de seu prato, sem que ninguém percebesse, no momento apenas uma das empregadas, lavava na pia, entrou na casa e fechou-se em seu quarto, ela tremia literalmente, jogou-se na cama e chorava em silêncio sentidamente.

Clemente colocou rapidamente o bilhete no bolso, quando viu Cândida entrar na casa, percebeu que ela estava muita aflita, alguma coisa grave havia acontecido, encerrou seu almoço e saiu em direção ao galpão, sacou o bilhete do bolso, sentou-se na cama para ler o recado de Cândida.

Clemente e Cândida haviam se conhecido há menos de um mês, falaram-se poucas vezes, assuntos não relativos aos seus sentimentos, a paixão entre os dois nasceu e cresceu exclusivamente pela cumplicidade dos olhares, quando estavam próximos um do outro, era

perceptível que se olhavam interruptamente, esse detalhe não passou despercebido pela mãe, nem pelo pai, a atração entre eles era tão visível e evidente, que preocupou o Coronel Ferdinando, a ponto de levá-lo fazer o que fez, principalmente quando observou a reação da filha quando falou sobre seu casamento com o primo. À maneira como ela, que sempre se demonstrou obediente e submissa reagiu, deixou transparecer claramente ao pai e a mãe que estava apaixonada, e da maneira como olhava para Clemente, não foi difícil entender o que estava acontecendo, daí a necessidade em consumir seu casamento com Joaquim, e o fator tempo era um detalhe que requeria urgência, ou tudo poderia fracassar.

09/04/2022

Fuga Planejada

CLEMENTE TERMINOU de ler o bilhete de Cândida, ficou paralisado, como se o mundo tivesse desabado sobre seus ombros, a maneira como Coronel Ferdinando o tratou na noite anterior, quando saiu do banho era o indicativo, que havia descoberto tudo, ou desconfiado do que estava acontecendo, foi a maneira que encontrou para afastá-lo da filha, comprometê-la através do compromisso em efetivar seu casamento com o sobrinho. O recado foi rápido e objetivo, qualquer atitude por parte dele, infligiria em transgressão grave, desencorajando à

ambos levar à efeito suas pretensões. Mas a maneira como reagiu Cândida, confessando seus sentimentos e sugerindo que somente ele, poderia livrá-la daquela situação que o pai estava obrigando aceitar, lhe imputava uma decisão, caso ele a amasse como ela suspeitava, competia a ele provar, se omitisse em ajudá-la naquele momento, certamente a decepçionaria à ponto de não lhe restar outra alternativa. Então decidiu naquele primeiro momento não a desamparar, e de certa forma manter suas esperanças, escreveu um breve bilhete, que dizia:

Cândida,

Talvez agora entenda o motivo por que evitava ficar ao seu lado, justamente para não a prejudicar, mas como mesmo assim, seus pais descobriram, e já trataram de nos afastar definitivamente, veio comprovar o que sempre suspeitei, que nunca permitiriam nosso amor.

Saiba que estou disposto e vou fazer tudo, para salvar nosso amor. Pelo que me revelou, temos quase dois meses para impedir que tudo aconteça. A partir desse momento vou começar pensar na melhor maneira, para solucionar nosso problema, assim que elaborar meu plano, darei um jeito para que você o conheça, se aprovar o colocaremos em prática, mas pretendo encontrar a solução, antes do final da próxima semana, vai se preparando, mas não deixem que percebam nada. Vou provar que te amo, mais que possa imaginar.

Ass. Clemente.

Colocou o bilhete no bolso e saiu para o trabalho, enquanto trabalhava limpando o enorme quintal, pensava numa solução inteligente e eficiente, não poderia falhar, essa possibilidade poderia lhe custar a própria vida, tinha conhecimento que Coronel Ferdinando, era um homem bom, mas sem escrúpulos, por isso seu plano teria que ser infalível.

Como naquela tarde não surgiu oportunidade para entregar seu bilhete à Cândida, durante o jantar aproveitou-se a displicência de todos, com um sinal discreto a fez entender que deixaria o bilhete sob a toalha da mesa, quando todos se retiraram, ela apanhou o papel sem que ninguém percebesse e foi para seu quarto, quando leu a mensagem ficou radiante. As poucas palavras dele transmitiram segurança e maturidade, a convenceram e lhe fez acreditar, que ele também a amava, mais do que ela podia imaginar. Era tudo que ela precisava saber, se antes estava disposta a tudo, agora nada mais faria retroceder de sua decisão, sua vontade seria sair por aquela janela e ir se encontrar com ele, e convencê-lo que não se importava com o que poderia lhe acontecer. Era exatamente o que esperava ouvir, da pessoa que sempre sonhou encontrar, para ser seu verdadeiro amor.

Cândida para demonstrar sua gratidão e que estava feliz com a reação de Clemente, não resistiu e escreveu-lhe mais um bilhetinho, que dizia apenas:

Clemente,

Escrevo-lhe essas poucas linhas, para dizer-lhe que suas palavras fizeram um bem imenso ao meu cora-

ção, saber que também me ama, e está disposto assim como eu a fazer tudo para salvar nosso amor. Quero dizer-lhe se antes já o amava, sinto agora amá-lo ainda mais, estarei aqui pensando sempre em você, esperando o momento de começarmos viver nosso amor.

Ti amo muito.

Cândida

Da mesma maneira que no dia anterior, Cândida fez chegar às mãos de Clemente, seu recado singelo. O tempo corria célere, faltavam apenas dois dias para que a comitiva da família de Coronel Jacinto, chegasse para oficializar o compromisso de casamento de Joaquim e Cândida, essa possibilidade não passava pelas cabeças de Clemente e Cândida. Depois de muito ponderar, Clemente estudou e avaliou todas as possibilidades, resolveu colocar no papel a alternativa mais viável que encontrou, durante o almoço deixou um bilhete sob a toalha da mesa, se ela estivesse de acordo com o que havia realizado, a fuga se daria naquela mesma noite, ele estaria lhe esperando. Naquela tarde, começo de noite, enquanto Clemente jantava, Cândida apareceu e com apenas um olhar, e um movimento de cabeça, lhe sinalizou que estava de acordo e aceitava fugir.

Assim que todos foram dormir, Cândida trancou a porta de seu quarto, apossou-se de uma matula contendo

algumas peças de roupas, que já havia providenciado, saltou a janela, caminhou em direção ao galpão, Clemente lhe esperava com uma sacola contendo todas suas roupas, e algumas garrafas com água, se abraçaram e se beijaram pela primeira vez, deram-se as mãos e partiram em direção ao rio, que ficava distante uns três quilômetros, às margens do rio havia uma canoa previamente escondida por Clemente que fazia parte de seu plano. Como Clemente pretendia submeter seu plano de fuga à Cândida para que ela aprovasse, no domingo depois do almoço, percorreu alguns quilômetros rio acima, até encontrar uma canoa que parecia estar abandonada, por estar quase cheia de água, provavelmente das chuvas, logo acima existia uma outra canoa maior e nova, que não continha água, pensou se apropriar da canoa nova, mas voltou tirou a água da primeira canoa, e percebeu que apesar de ser menor, era bem mais leve e estava em perfeito estado de uso, desamarrou e a trouxe pelo rio, e a escondeu em lugar isolado nos fundos da sede da fazenda do Coronel, entraram na embarcação improvisada, que ele havia providenciado para a fuga, sentou-se no comando, ela forrou o assoalho com uma das sacolas, sentou-se e deitou sua cabeça sobre as pernas dele, com dois remos de madeira leve, que ele mesmo havia construído, manobrou a canoa com habilidade, encontrou a corrente do rio, sem dificuldade ia apenas mantendo a embarcação à mercê da força da correnteira, a lua crescente despontava iluminando à noite quente de final de verão, deixando-se refletir nas águas barrentas do Rio Mutum, fazendo brilhar os olhos dos ja-

carés que pululavam as margens ao longe. De quando em quando ele se inclinava e beijava demoradamente a boca e o rosto de agora aquela que seria para sempre sua mulher, se aprumava consertava a trajetória da embarcação para o centro da corredeira e voltava beijá-la. Pouco se falavam, apenas interagiam seus hálitos, um ouvindo a respiração ofegante do outro, embalados pelo balanço cadenciado da frágil canoinha, quando Cândida começava cochilar, era despertada pelo beijo carinhoso, daquele a quem de livre e espontânea vontade escolhera para ser seu marido, aquele princípio sinalizava que suas vidas iniciavam uma fase de muitas aventuras, e somente Deus saberia ao certo o futuro que os esperava, mas de uma coisa estavam seguros, voltar atrás jamais.

Quando o sol começou tingir de vermelho o horizonte, a lua havia percorrido quase a totalidade da abóbada celeste, e já navegavam em águas que pertenciam a terras diferentes, a vegetação das margens denunciava que ninguém os alcançariam mais, deveriam ter descido uns cinquenta quilômetros, não sabemos dizer precisamente em qual direção, por que o Rio serpenteava a todo momento, procurando a direção do cruzeiro do sul, que é o destino das águas de todos os rios que cortam o pantanal do Estado de Mato Grosso.

Clemente na condição de timoneiro não pregou os olhos, Cândida depois de muitos beijos dormiu profundamente, acordou ao som dos habitantes da natureza, que voavam em bandos ou simplesmente em casais, ignorando completamente a privacidade de um casal de

fugitivos, depois de uma inesquecível noite de núpcias, que não havia de fato se consumado, que ficou limitada em um sem-número de beijos apaixonados. Abriu os olhos, olhou para Clemente e o saldou com seu sorriso de menina ingênua, achando engraçado toda aquela situação, perguntou-lhe:

— Você não dormiu nem um pouquinho?

— Não, fiquei sonhando o tempo todo, mas agora vejo que não foi um sonho, você existe e é real, agora é minha mulher de verdade, e beijou Cândida apaixonadamente.

Depois perguntou a Clemente: — Será que já descobriram que fugimos?

— Ainda não, está muito cedo.

Há bem mais de cinquenta quilômetros rio acima, na “Fazenda Estaleiro”, amanhecia um dia como os outros, quando as crianças chegaram na escola e a encontraram fechada, esperaram um pouco, como o professor não apareceu, foram até o galpão e não o encontraram, foram até à casa do Coronel Ferdinando, o encontraram ao lado de Dona Cecília, tomando o café da manhã, quando viram as crianças chegando, Dona Cecília perguntou:

— O que aconteceu?

Responderam: — O professor não está na escola nem no galpão.

Coronel Ferdinando imediatamente pressentiu o pior, levantou-se assustado, disse à esposa: — Vai ver Cândida no quarto.

Dona Cecília chegou forçou a maçaneta, percebeu que a porta estava trancada, bateu chamando pela filha, nisso chegou o marido, também bateu na porta chamando pelo nome da filha, como não obteve resposta, saiu, deu volta foi até a janela, percebeu que estava entreaberta, olhou para dentro do quarto e não viu a filha. Sua reação foi dizer: – Vou matar os dois.

Foi até o galpão e nem sinal da presença do professor. Nisso chegaram alguns empregados, Coronel Ferdinando estava transtornado, deu a ordem:

— Vamos fechar a tropa, arrear os cavalos, o professor raptou minha filha, não devem estar muito longe, vamos procurá-los, encontrá-los, e trazê-los de volta. Depois saberão o que pretendo fazer.

Enquanto os empregados saíram apressados em direção ao curral, para fechar a tropa, Coronel voltou até sua casa, confirmou à esposa que os dois havia fugidos, colocou o chapéu na cabeça e o revolver carregado na cintura, disse à esposa: — Não devem estar muito longe, vamos todos procurá-los, eu lhe garanto que os traremos de volta, depois decido o que fazer com eles. Fernando que já se encontrava de pé, devidamente pronto, ofereceu-se para também ir, o pai concordou com um gesto.

Uns dez homens montados em seus cavalos, mais uns tantos cachorros, no máximo depois de uns vinte minutos, se reuniram em frente ao galpão, Coronel Ferdinando ordenou:

— Vamos formar duplas, cada uma toma direção diferente, quando localizá-los amarre-os e tragam de volta,

quem os localizar dê uns tiros para cima, avisando para que todos retornem.

Em poucos minutos todos se dispersaram, saindo em duplas cada qual para um lado, acompanhados de cachorros. Coronel acompanhado de seu filho Fernando, um rapazinho de treze anos, com valentia de adulto, tomaram direção do rio, se desse falta de alguma das canoas, concentrariam a busca no rio, lá chegando percebeu que as quatro canoas de uso exclusivo da fazenda estavam devidamente ancoradas e amarradas em seus lugares costumeiros, desceu do cavalo, sondou o terreno e não percebeu nenhuma pegada que denunciasse a presença de pessoas ali durante à noite, então deliberou procurar subindo, seguindo às margens do rio, na esperança de encontrá-los ou ouvir som de tiros, efetuado por companheiros. Nenhuma pista foi encontrada, quando distanciaram muitos quilômetros rio acima, decidiu retornar na esperança de que alguém os houvessem encontrados, chegaram à sede da fazenda passava do meio-dia, nenhuma das duplas tinha retornado, então Coronel pegou sua arma, e a descarregou, fazendo vários disparos, era seu aviso, suspendendo temporariamente a procura. Amarraram os animais sob uma árvore na sombra, e foram para casa, se Coronel estava arrasado, diria que Dona Cecília estava em frangalhos, o reservatório de suas lágrimas, há muito havia se esgotado, quando viu o marido naquele estado de desânimo, abraçou-se a ele e perguntou-lhe chorando: — Onde está nossa filha Ferdinando?

Ele desvencilhou-se dos braços da mulher, e pela primeira vez, ela sentiu que ele também era capaz de

chorar, virou o rosto para que ela não percebesse, mas chorava desesperado, e disse: — A culpa foi toda minha, quando acolhi aquele desgraçado em nossa casa.

Dona Cecília desabafou: — Talvez tenha sido quando você, contra a vontade dela decidiu com quem deveria se casar.

— Eu sempre só desejei o melhor para ela.

Dona Cecília abaixou a cabeça, era melhor não piorar as coisas, foi para seu quarto expelir os últimos resquícios de lágrimas que ainda lhe restavam.

12/04/2022

Para o Amor Verdadeiro, Não Existem Barreiras

PASSAVAM DAS DEZ horas da manhã, o sol ia alto no céu despido de nuvens, seus raios incidiam diretamente sobre os ocupantes da canoa de madeira, que parecia deslizar, conduzida apenas pela força das águas, quando ao longe avistaram uma canoa ancorada do lado esquerdo do rio, sob uma grande árvore, à medida que aproximavam

perceberam a presença de pessoas, Clemente disse para Cândida: — Vou acostar e conversar com essas pessoas, para pedir informações. Cândida demonstrou concordar, mas não disse nada. Clemente embicou a canoa para o lado esquerdo, e foi aproximando lentamente, então perceberam que eram três as pessoas, um homem, uma mulher e um menino de uns dez anos de idade, estavam limpando os peixes que haviam pescado. Parou próximo de onde estavam, cumprimentaram-se, Clemente pediu com educação: — Podemos esticar nossas pernas, e descansar um pouco nessa sombra de árvore?

O homem autorizou com um sorriso, apesar de falar perfeitamente nossa língua, seu sotaque denunciava que deveria ser boliviano ou paraguaio, e pela aparência, descendente de índios. Clemente encostou a canoa o máximo possível, e com dificuldade puseram-se de pé, esperaram as pernas acordarem estavam dormentes, ou dormindo, devido a longa viagem, até que conseguiram equilibrarem e meio trôpegos saírem da canoa, Clemente perguntou: — Vocês moram aqui perto?

O menino simpático, um pouco acanhado apontando com o dedo, respondeu: — Bem ali.

A mulher jovem, demonstrando envelhecimento precoce, perguntou em bom português para Cândida: — Vocês são casados, de onde estão vindo?

Clemente antecipou-se e respondeu por Cândida, que pareceu não saber o que responder de imediato, disse: — Somos casados, estamos procurando uma cidade ou uma vila. Viemos de muito longe, estamos nos mudando.

A mulher continuou perguntando: — Vocês não gostariam de almoçar, antes de seguir viagem, o povoado mais próximo, fica umas quatro horas de barco daqui.

Cândida respondeu antes que Clemente o fizesse: — Sabe que não seria uma má ideia, você não acha? Clemente a interrompeu antes que ela dissesse seu nome e apresentou-se dizendo: — Meu nome é Joaquim e minha esposa chama-se Joana. Na verdade, estamos morrendo de fome, podemos pagar pelo almoço.

O homem que estava próximo sentiu-se na obrigação de participar da conversa: — Me chamo Ari, sou de família de índios bolivianos, apesar de ter nascido e me criado na Bolívia, estou no Brasil há mais de dez anos, me considero mais brasileiro que boliviano, minha mulher é brasileira seu nome é Iracema, como o ex-marido dela a chamava de Cema, eu resolvi chamá-la de Ira, que é Ari ao contrário, o menino chama-se Berlarmino, mas o chamamos de Belo, por que o danado é muito bonito, ele não é meu sangue mas o considero meu filho, também depois de cinco anos. Fazemos questão que vocês fiquem para almoçar, se gostarem fiquem para jantar, e também para pousar, amanhã se quiserem seguem vossa viagem. Os peixes estão tratados, prontos para ir para panela.

Clemente aproximou-se de Cândida e segredou em seu ouvido: — Essa sim, achei que foi uma excelente ideia, o que você achou?

— Você deve estar morrendo de sono, não dormiu nenhum minuto à noite.

— É verdade.

— Sr. Ari, o Senhor teria um lugar onde a gente pudesse passar a noite, estamos mortos de cansados, faz dois dias e duas noites, que venho controlando essa canoa no canal, não foi possível pregar os olhos.

— Amarre bem sua canoa, peguem vossas coisas, vamos lá pra casa, temos um quarto para as visitas, para quem está cansado é um hotel.

O casebre humilde ficava numa região elevada, fora do alcance das enchentes do rio, que depois de acolher em seu leito, vários afluentes, certamente ali tinha outro nome. O único defeito da casa, o engenheiro planejou a construção para pessoas pequenas, tudo era muito baixo, as portas, o teto, exigia atenção das pessoas mais altas, para evitar cabeçadas, mas tinha espaço suficiente e privativo para se passar uma inesquecível lua de mel. O fogão à lenha ficava na cozinha, mas a mesa de refeições no quintal debaixo de uma enorme mangueira, nos fundos da cozinha, isso para quando não estivesse chovendo. Os três demais cômodos eram todos dormitórios, inclusive com portas e janelas que poderiam ser fechadas, para assegurar privacidade. O alojamento foi aprovado por Clemente e Cândida, sem nenhuma restrição, a comida ficou pronta antes do meio-dia, estava deliciosa, arroz, feijão catador, mandioca cozida e pintado ao molho e alface fresquinha, colhida na horta ao lado da casa. A hospitalidade do casal não poderia ser melhor, a conversa divertida, principalmente quando Sr. Ari, resolveu revelar como se deu o romance dele com Dona Iracema. Talvez na esperança que Joaquim, tam-

bém revelasse como foi seu romance com Joana, que era praticamente uma mocinha, parecia ainda uma menina quando falava ou sorria.

A revelação de Sr. Ari aconteceu logo depois que todos almoçaram, quem sabe em momento oportuno a tornaremos conhecida, por ter certa semelhança com a história de amor de Clemente e Cândida, o que nos leva concluir que para o amor verdadeiro não existem fronteiras nem barreiras, ele simplesmente supera os obstáculos, tanto que à medida que Sr. Ari, narrava sua história, Cândida por várias vezes enxugou lágrimas que espontaneamente brotaram de seus lindos olhos. Para não deixar impressão de que os homens não têm sensibilidade, Clemente também se emocionou, e não resistiu, e desfez o mal-entendido quando propositadamente por descon-fiança trocou seu nome e de Cândida, e esclareceu:

— Sr. Ari e Dona Iracema, diante dessa revelação tão pessoal e particular, feita pelo Senhor, vejo-me na obrigação de esclarecer que não fui honesto com vocês, quando falei sobre nós. Na verdade, meu nome é Clemente e o dela é Cândida, e ainda não somos casados. Somos dois fugitivos, exatamente para salvar nosso amor. Eu trabalhava como empregado, essas horas o pai de Cândida, acompanhado de todos seus outros empregados, devem estarem nos procurando, acho se me encontrassem seria capaz de mandar matar-me, para impedir que ficassemos juntos, justamente por eu ser um rapaz pobre, e ela ser sua filha, um homem muito rico, que queria casá-la com um rapaz também rico, mas que

ela nunca amou. Por essa razão, se algum dia aparecer por aqui alguém procurando por nós, gostaríamos que dissessem que nunca passamos por aqui, e vamos fazer tudo para permanecermos sempre juntos, porque nós amamos, assim como vocês dois também se amam.

Sr. Ari arrematou: — Podem ficar tranquilo, nunca falaremos a ninguém que estiveram aqui, e desejamos que vocês dois sejam felizes, assim como eu e Ira somos. Como vocês podem ver, o que temos é muito pouco, mas é o suficiente para juntos sermos felizes.

Dona Iracema e Cândida tinham muito em comum, eram igualmente emotivas, ambas choravam comovidas. Sr. Ari, parece que tinha o poder de ler os pensamentos dos visitantes, assim se expressou:

— Como vocês disseram estão muito cansados, e com sono, vou mostrar-lhes o quarto de visitas, enquanto vocês descansam, nós vamos trabalhar um pouco em nossa roça, que fica bem aqui do lado, quando acordarem voltaremos para conversar mais um pouco. Afinal não é sempre que recebemos visitas assim tão especiais como vocês.

E com um carinho paternal, conduziu o casal até o quarto de visitas, assim que entraram, puxou delicadamente a porta, e se retirou.

Ambos ficaram parados se olhando, Clemente aproximou-se de Cândida, a envolveu em seus braços e a beijou demoradamente, apaixonadamente. Depois ela abaixou-se, e timidamente retirou dos pés suas sandálias, e deitou-se na cama. Clemente como meio atordoado sem

saber o que fazer, também retirou dos pés seus calçados, e deitou-se ao lado de sua mulher, e atrapalhados foram se abraçando sem imaginarem como deviam proceder. A cama era macia possuía um colchão desse comum feito de espuma, Clemente tomou Cândida em seus braços, e se entregaram num beijo apaixonado, ele sentia que amava Cândida, ela sentia que amava e desejava Clemente. Não haveria lugar mais apropriado para consumarem o princípio daquela comunhão de corpos e Espíritos afins, ninguém seria capaz compreender que forças foram acionadas e manipuladas, para que tudo viesse acontecer da maneira como ocorreu. Duas pessoas que se conheceram há menos de um mês, que muito pouco se falaram, que nenhuma carícia havia trocado, que nenhum bem material possuíam para começarem à vida a dois, Clemente perdeu agora seu emprego, e possuía no bolso penas o pagamento de dois meses de salário que recebeu do pai de Cândida. Se analisarmos friamente a coragem deles, poderíamos considerá-los loucos, inconsequentes, irresponsáveis. Mas se observássemos bem, perceberíamos que estavam felizes, que aquela fuga foi minimamente estudada, planejada, e executada, que conseguiram realizar tudo que mais desejavam, e se consideravam vencedores, em seus semblantes não percebemos nenhum indício de preocupação ou arrependimento. Um verdadeiro conto de fadas, ele um plebeu com cara de príncipe encantado, ela uma plebeia com cara de princesa sonhadora, que se uniram para se amarem e serem felizes para sempre, ignorando completamente o futuro que os esperava.

Quando ouvirem a história do romance de Sr. Ari e Dona Iracema, caso tivermos oportunidade de narrar, se não fizermos no decorrer desta história, com certeza um dia o faremos, por que ficará gravada em nossa memória indelevelmente, e ela é digna de ser conhecida, não acreditarão que duas pessoas tivessem coragem de fazer o que fizeram, a história de amor deles é infinitamente mais absurda e inconcebível se comparada à história de Clemente e Cândida, e depois de cinco anos podemos concluir que não é assim tão absurda e inconcebível. Porque facilmente percebemos que é uma família muito feliz, porque o amor deles é tão grande, que foi capaz de superar muitas barreiras.

Em nossa limitada visão e entendimento das coisas transcendentais e imponderáveis, reconhecemos e acreditamos que em nenhuma das duas histórias, os acontecimentos ocorreram ao acaso, existem coisas que são inexplicáveis, sem nenhuma lógica aparente, porque existem coisas que não foi dado ao homem comum compreender. Talvez quando concluirmos a história do amor de Clemente e Cândida, e revelarmos a história contada pelo Sr. Ari, de seu romance com Dona Iracema, o prezado leitor, também reconhecerá a veracidade do adágio que preconiza “Existem mais coisas entre a terra e o céu, que nossa vã filosofia supõe”.

13/04/2022

Experiência Surreal

N O DIA EM QUE Coronel Ferdinando convocou os funcionários para realizar busca aos fugitivos, quando todos retornaram, passavam das duas horas da tarde. Coronel incumbiu um de seus homens de confiança, ir até à casa de seu irmão, Coronel Jacinto, e comunicar-lhe o ocorrido, e evitar que fizessem a longa viagem inutilmente, e assim que fosse possível, iria pessoalmente explicar em pormenores o que sucedeu. Os demais, inclusive ele e o

filho Fernando, continuariam a busca infrutífera até ao entardecer daquele dia. À noite Coronel estava muito contrariado, Dona Cecília para elevar seu ânimo, num esforço sobre humano, procurava não demonstrar a tristeza que estava sentindo. Depois do acontecido, a única alternativa era aceitarem os fatos, e ambos resignarem-se. Mas para o marido as coisas seriam mais difíceis, devido o orgulho e a prepotência, inerente aos Coronéis.

Há muitas léguas rio abaixo, quando o sol descambava e arrefecia, Clemente e Cândida, deixavam o quarto de visitas, da humilde habitação, e juntos caminhavam em direção à roça onde Sr. Ari e Dona Ira, capinavam o mandiocal. Quando viram que os visitantes já haviam descansado, encerram seus afazeres, afinal não era sempre que tinham companhia para conversar, e saber notícias das coisas que estavam acontecendo pelo mundo, viviam completamente isolados naquele paraíso solitário.

Foram os cinco até as margens do rio onde estavam as canoas, sentaram-se sob a árvore frondosa, então Clemente explicou em detalhes, como tudo aconteceu, e a difícil situação que eles haveriam de enfrentar. Ficaram sabendo que nesse povoado mais próximo, que se localizava às margens do rio, seria possível desfazerem-se da canoa, e pegarem um transporte terrestre, puxado por animais, para um centro urbanizado, se fossem para o sul, chegariam à Campo Grande, se tomassem a direção norte, iriam para capital do estado, Cuiabá, ambas seriam igualmente longas e demoradas viagens, mas era a maneira de sair daquela região pantaneira, que nes-

sa época do ano as cheias dos rios começavam inundar praticamente tudo, à ponto de isolar as estradas, até os animais que viviam nos campos.

Clemente não saberia dizer se pretendia ir para o sul ou para o norte, só tinha certeza de que precisavam encontrar um lugar, para recomeçarem suas novas vidas, eram jovens, tinham saúde, se amavam, tinha encontrado o amor de sua vida, certamente Deus os abençoaria, não queriam muito, só desejavam serem felizes. E com certeza haveriam de ser muito felizes.

Na manhã do dia seguinte, antes que o sol aparecesse, depois de tomarem uma xícara de café preto, Clemente perguntou ao Sr. Ari quanto lhe devia, Sr. Ari com seus modos simpáticos lhe disse:

— Vocês vão ficar nos devendo uma outra visita, para nos dizer onde estão morando, então se puder quero ir com minha família visitá-los. Foi uma alegria imensa recebê-los em nossa humilde casa, que Deus lhes acompanhem, e que sejam felizes como nós.

Depois de se abraçarem, Clemente abaixou-se abriu sua sacola, pegou uma de suas camisas e lhe entregando disse: — Quero deixar com o Senhor esta camisa, como sinal de gratidão, por tudo de bom que nos proporcionou, com seus exemplos de superação, e que Deus lhe abençoe, e que continue sendo essa pessoa otimista e solidária que sabe conquistar as pessoas mesmo sem procurar conhecê-las.

Cândida imitando o gesto do marido, retirou de entre suas roupas, uma blusa e entregou a Dona Iracema,

sussurrou um segredo em seu ouvido, e falou com a voz trêmula, quase chorando de emoção: — Gostaria também deixar esta lembrancinha para a Senhora, e muito obrigado por tudo.

Desceram até o rio, tornaram se abraçar, Clemente desamarrou a canoa da raiz da enorme figueira, os dois se sentaram em seus lugares, e quando saíram acenaram se despedindo mais uma vez, em alguns minutos estavam no meio do rio, onde existia uma corrente mais forte, que fazia a canoinha deslizar sobre a água sem exigir o menor esforço do timoneiro, que se ocupava apenas em mantê-la no curso.

O sol despontava anunciando que aquele seria, como dizia o velho adágio, mais um sábado ensolarado, Cândida lembrou-se que aquele sábado era o dia marcado para oficialmente tornar-se noiva do primo, quando receberiam a visita da família de seu tio Coronel Jacinto, e certamente seria um dia todo de festa, e à noite por força das circunstâncias, ficaria comprometida de forma irreversível em casamento com o primo Joaquim, e Clemente assistiria a tudo passivamente. Não, isso ela não suportaria, melhor que tudo tenha sido assim. Deus haveria de abençoá-los, um dia seus pais a compreenderiam e a perdoariam.

Depois de navegarem algumas horas, perceberam algumas habitações às margens do rio, gente simples e humilde pescando às margens, era um indicador que estavam chegando ao povoado, então Clemente revelou à Cândida o que estava pensando fazer, queria saber a opinião dela:

— Estou pensando deixar a canoa em lugar seguro, vamos nos informar se existe um transporte terrestre que possa nos levar para Cuiabá, e quanto nos custará, depois almoçamos em alguma pensão. Se tudo der certo, depois vou tentar vender a canoa, para ajudar nas despesas, o que você acha?

— Vamos fazer como você está falando, acho que vai dar tudo certo.

Próximo ao rio existia uma espécie de hotel e restaurante, tudo muito simples e precário, Clemente e Cândida entraram, ele foi falar com o proprietário. Um Senhor moreno o recebeu, pelo seu linguajar era sem dúvida um cuiabano, cumprimentaram-se, Clemente muito educado lhe perguntou se era possível pegar um transporte para Capital, o senhor lhe disse que três vezes por semana saía uma jardineira motorizada, da Viação Transpantaneira para Cuiabá, a próxima sairia na segunda-feira, às cinco horas da manhã. Teria que comprar as passagens com antecedência, se deixassem para comprar na hora do embarque poderia não encontrar mais passagens, a próxima somente na quarta-feira, o carro levava no máximo vinte passageiros e as respectivas bagagens. Clemente perguntou quanto tempo demoraria a viagem. O cuiabano deu um sorriso irônico, disse que tinha dia e hora para sair, mas sem previsão de quando chegaria, mas um dia chegaria. Aproveitando a conversa Clemente reservou um quarto do hotel para passar duas noites, essa era a única opção.

Acompanhado por Cândida penetraram imenso corredor, e foram ocupar um quarto na parte dos

fundos, o quarto era pequeno, abafado e quente, tinha apenas uma cama tosca, havia dois banheiros que ficavam do lado externo dos quartos, e davam para o corredor e serviam aos hóspedes de vários quartos. Antes de almoçar Cândida desejou tomar um banho, Clemente a acompanhou até à porta dos banheiros, ela entrou e recusou-se banhar, tudo era muito sujo e imundo, então resolveram procurar uma outra pensão, ao justificar para o proprietário, o motivo por que estavam deixando o hotel, o cuiabano moreno, ficaram sabendo que não haveria outro lugar, aquela era a única hospedagem do povoado. Foram até um tanque de lavar roupas, onde lavaram as mãos e entraram na sala de refeições, se serviram nas panelas que estavam sobre o fogão à lenha, sentaram-se em uma mesa e almoçaram, a qualidade da comida também deixava muito a desejar, voltaram para o quarto, Cândida estava visivelmente insatisfeita, Clemente a consolou dizendo para que tivesse paciência seriam apenas dois dias, descansaram um pouco, e saíram para tentar vender a canoa. Conduziram a canoa até uma espécie de ancoradouro, onde havia alguns pescadores, Clemente ofereceu a canoa a alguns pescadores, mas o que lhe ofereceram pela embarcação de madeira era tão insignificante, que Clemente com anuência de Cândida, decidiram doá-la a um velhinho pescador que desejou comprá-la, mas não tinha nenhum dinheiro. Clemente perguntou ao velhinho como se chamava aquela localidade, o velhinho disse que o lugar era conhecido como “Toca da Onça”, depois dessa revelação

Clemente e Cândida decidiram voltar para a pensão e hibernaram no quarto até o momento de embarcarem na jardineira.

A jardineira era algo muito inusitado, fixado em sua estrutura de metal uma escada também de metal, que dava acesso ao teto, ali existiam três compartimentos, um para as bagagens e dois para víveres, num viajavam os bípedes, aves em geral, galinhas, patos, perus e congêneres. O outro destinado aos quadrúpedes, porcos, cabritos, ovelhas e similares. Na parte interna as pessoas, os assentos também de metal, não oferecia o menor conforto. Mas para época tudo aquilo era um luxo inovador. Alguém explicava que essa empresa de transporte coletivo, denominada “Viação Transpantaneira”, havia importado da América ou da Europa, várias unidades dessas máquinas motorizadas, para viagens de longa distância. Clemente e Cândida nunca haviam visto uma dessas antes, então seria a primeira vez que viajariam nesse moderno meio de transporte, em sua lateral propagava sua eficiência em letras enormes que diziam: VIAÇÃO TRANSPANTANEIRA LTDA – VIAJE RÁPIDO. Para época uma modernidade sem precedentes, carroças e cavalos, agora seriam somente para pequenas distâncias.

Medo de entrar na tal geringonça todos tinham, mas a necessidade obrigava, com muita dificuldade acomodaram todas as bagagens e os víveres, nos respectivos compartimentos do teto, o pessoal começou entrar e sentarem-se nos bancos, depois de todos devidamente

acomodados, o chofer entrou vistoriou a tripulação, pegou a manivela desceu, com a força dos braços fez girar o motor e ele funcionou provocando um barulho ensurdecido, que foi amenizado quando o chofer entrou e fechou a porta, sentou na cadeira de comando, acionou a engrenagem e pôs a jardineira em movimento, depois de viajar alguns quilômetros, muitos passageiros que nunca tinham viajado antes, como Clemente e Cândida, começaram passar mal, o chofer parou a máquina, e o pessoal desceu para vomitar, então o chofer orientou, que não iria parar mais, deixaria as janelas abertas e quando quisessem vomitar, é só colocar a cabeça para fora, senão não nunca chegariam ao destino.

Depois de algumas horas de viagem, as cabeças e os estômagos haviam se acostumado com o sacolejar e o vai e vem desconfortáveis, e só esporadicamente alguém ameaçava vomitar, mas ficava só na ameaça, lá pelo meio do dia chegaram às margens de um rio, onde havia um restaurante, era ponto de almoço, Clemente e Cândida acharam melhor não comer nada, encher o estômago talvez não fosse uma boa ideia, alguns que arriscaram logo tiveram problemas, o organismo humano tem dificuldade adaptar-se ao deslocamento rápido, provoca tontura e mal estar, com o tempo se adapta, a mesma reação acontece com quem não tem costume andar de barco, de trem, ou de avião, é questão de adaptação.

No período da tarde a chuva surpreendeu a todos, as bagagens, as aves, e os leitões, aboletados no teto da jardineira não tiveram como se proteger do aguaceiro,

os passageiros fecharam as janelas e estavam à seco, até quando o trambolho atolou no barro da estrada, então todos tiveram que descer para aliviar o peso e empurrá-lo, quando saiu do atoleiro todos estavam molhados como os que estavam sobre o teto. Esse seria apenas o primeiro, quantos foram os atoleiros acho que ninguém os contou, quando chegaram ao final da viagem na terça-feira, todos estavam molhados, enlameados, e estropiados literalmente. Desmentindo o que propagava a mensagem escrita na lateral da jardineira. VIAJE RÁPIDO, uma propaganda com certeza enganosa.

16/04/2022

Um Presente Incerto

DIZER QUE OS PAIS de Clemente se surpreenderam quando viram ele e Cândida, chegarem à chácara naquela tarde de terça-feira, seria um exagero, talvez quem tenha mais se surpreendido foi Cândida, com a indiferença de Sr. Cristovão e Dona Santa, e a pobreza em que se encontravam. A família de Clemente tinha tantos problemas, que imaginaram que o filho caçula era o privilegiado da família, estava em lua de mel, e era autossuficiente para solu-

cionar seus próprios problemas, que na verdade eles não consideraram propriamente um problema. Deixou a impressão de que Clemente era o menos encrencado de toda família.

Quando Dona Santa começou desfiar o rosário de aflições que a família estava passando, Cândida sentou-se desolada em uma cadeira, e considerou que a sogra tinha razão, a melhor coisa que eles tinham a fazer era ir para bem distante daquele lugar, antes que Clemente se metesse em alguma encrenca por causa dos irmãos.

Sr. Cristovão e Dona Santa tinham sete filhos, sendo duas filhas casadas, e cinco filhos, sendo Clemente o caçula da família. Pelo que Cândida entendeu, seu marido não poderia fazer nada para ajudá-los, por que na verdade eles nada possuíam, e o problema principal deles era dívidas e falta de dinheiro, e os irmãos de Clemente não gostavam nada de trabalhar, sobrecarregando os pais, que possuíam apenas uma pequena chácara às margens de um pequeno rio.

Cândida depois de ouvir as lamentações da sogra, chamou o marido para uma conversa particular, os dois desceram até às margens do rio, então revelou ao marido a real situação da família segundo sua mãe, que Clemente já conhecia, por ter ouvido do pai. Disse ao marido:

— Clemente sua mãe revelou-me a difícil situação que estão passando, estão pensando que você vai ajudá-los. Se dar a eles o pouco de dinheiro que restou, não sairemos mais daqui, e aqui já tem gente demais para comer. Acho que deve usar esse pouco dinheiro que ainda

temos, para procurarmos um lugar onde possamos começar nossa vida. Caso um dia tivermos condições os ajudaremos, mas no momento temos que resolver nossa situação.

— Papai perguntou-me se posso ajudá-los, disse-me que meus irmãos não querem trabalhar, estão pressionando para que venda a chácara para pagar as dívidas, todos exploram os coitados dos velhos, sempre foi assim, estou pensando falar com eles.

— Talvez seja melhor não se envolver, são mais velhos que você, melhor irmos embora sem brigar com ninguém, vamos nos despedir e seguir nosso caminho.

Clemente abaixou a cabeça, depois de refletir um pouco, disse: — Isso sempre foi assim, e penso que nunca vai mudar, por isso parei de estudar, e sai pelo mundo para trabalhar em fazendas, sempre mandei minhas economias para ajudá-los, mas a situação está cada vez pior, você tem razão, vamos seguir nosso caminho, porque não suporto ver a inércia de meus irmãos.

Se despediram, antes de sair, Clemente com lágrimas nos olhos, deu ao pai uma parte do pouco de seu dinheiro, que havia separado, e disse: — Isso é tudo que posso no momento dar ao Senhor, agora temos que ir.

Na mesma tarde, daquele mesmo dia, Clemente e Cândida, cada um levando sua sacola de roupas, saíram em direção à cidade, antes do anoitecer chegaram num ponto da Capital do Estado, cidade de Cuiabá, de onde partiam os transportes de passageiros para regiões longínquas do estado, pararam em uma praça, sentaram-se

em um banco para descansar da longa caminhada. Havia um Senhor negro próximo, se aproximou do jovem casal, e disse:

— Boas tardes, meu nome é Vitorino, estou aqui há vários dias, e muito pouco tenho comido, não poderia dar-me o dinheiro de um pão?

Clemente olhou para Cândida, como pedindo seu consentimento para ajudá-lo, ela fez um gesto como autorizando, pegou uma moeda deu ao senhor. Ele agradeceu com um sorriso, saiu foi até uma padaria próxima, comprou dois pães e retornou, aproximou-se novamente do casal, sentou-se na grama, e começou comer os pães. Clemente o perguntou: — Onde o Senhor mora?

— Estou morando pelo mundo, não tenho minha casa, vivo trabalhando aqui e ali, trabalhei com um homem chamado Sr. Soares, terminamos um serviço, numa fazenda perto do Rio Cuiabá. Viemos para receber o dinheiro do dono das terras, Sr. Soares pediu que eu o esperasse aqui, que ele iria até onde mora o proprietário, receberia o dinheiro voltaria para repartir, e cada um seguiria seu caminho. Acontece que já fazem uns quatro dias e ele não voltou até agora, estou pensando que fugiu com todo o dinheiro.

— Mas o Senhor é de que lugar?

— Nasci e me criei lá pelos lados da Bolívia, numa cidade que foi a primeira Capital de Mato Grosso, num lugar conhecido como Vila Bela da Santíssima Trindade. Sou filho de antigos escravos, trazidos por fazendeiros portugueses, para abrir fazendas no vale do Rio Gua-

poré, quando essa região era muito importante, por ser muito rica, tinha muito ouro. Depois a capital mudou para Cuiabá, os fazendeiros abandonaram as fazendas e os escravos e se mudaram, e o lugar ficou praticamente abandonado.

— Daqui nesse lugar é muito longe?

— Muito longe, mais de cem léguas, um mês de viagem ou mais.

— Esse Rio Guaporé, desce para o Rio Paraguai?

— Não, o Rio Guaporé, segue sentido norte, nasce pros lados de Pontes e Lacerda, passa por Vila Bela da Santíssima Trindade, depois segue rasgando as terras de Mato Grosso, em direção da Bolívia, e continua avançando na direção norte, dividindo o Brasil com a Bolívia, recebendo afluentes dos dois países até se juntar com o Rio Beni da Bolívia, onde passa receber o nome de Rio Madeira, que acabará desaguardo no Rio Amazonas.

— Nessa Vila Bela tem trabalho, é bom para se viver?

— Não, já foi melhor, agora está tudo abandonado, lá existem fazendas abandonadas, com casas velhas onde ninguém habita, ninguém sabe quem são os proprietários.

— O Senhor não pensa em voltar pra lá?

— Não, não tenho mais condições de voltar, estou muito velho, não tenho dinheiro. Mas deixei muitos parentes e amigos por lá, até minha canoa deixei com um amigo meu, chamado Sr. Joaquim Vilarinho, pensando que um dia voltaria, mas cada vez mais fui distanciando, agora é que eu não volto mais. Bom agora que estou com a barriga cheia, depois de comer dois pães, vou me dei-

tar num desses bancos pra dormir um pouco. Se mal lhe pergunto, vejo que levam duas sacolas de viagem, para onde pretendem viajar?

Clemente pensou um pouco, e respondeu: — Como estamos sem destino, acho que vou conhecer essa tal Vila Bela da Santíssima Trindade.

— Está dizendo a verdade?

— Estou, por quê?

— Você sabe escrever?

— Sei sim Senhor.

— Então quero que escreva uma carta em um papel, e entregue para meu amigo Sr. Joaquim Vilarinho, que mora em uma casinha perto da ponte do rio, que passa ao lado da Vila, é só chegar lá na ponte e perguntar pelo nome como ele lá é conhecido, todos o conhecem.

Clemente e Cândida levantaram-se, pegaram suas sacolas, e disse a Sr. Vitorino: — Então vamos até a padaria para escrever a carta, aqui não tenho lápis nem papel.

Os três foram até a mesma padaria do lado da praça, onde havia comprado os pães, chegando Clemente pediu um lápis e um papel, o vendedor entregou-lhe um lápis, e um papel de enrolar pão.

Sentaram-se os três em uma mesa, Clemente perguntou-lhe:

— O que queres que escreva para seu amigo?

— Escreva no papel: ompadre, Quim Vila, ...

Quem está mandando essa carta para você, é o seu compadre Santinho do poço. Encontrei esse moço chamado Clemente e sua esposa Cândida, aqui na Praça

Alencastro de Cuiabá, como estava sem dinheiro, e ele me disse que estava se mudando para Vila Bela, vendi para ele todas minhas coisas que deixei com o Senhor. Minha tralha de pescaria, minha canoa, todas as minhas ferramentas e meu facão. Vendi tudo porque talvez eu não volte mais, agora minhas coisas pertencem a ele.

Estou também mandando um abraço para você, e outro para comadre Sulema, muito obrigado de seu amigo e compadre, Santinho do Poço. Caso a gente não se ver mais, desejo que Deus lhe abençoe por tudo que me ajudou.

Vitorino Santiago, Seu compadre, Santinho do Poço.

— Sr. Vitorino, eu sinto muito, mas não posso comprar nada que é seu.

— Isso é para que compadre Sr. Quim Vila, lhe entregue minhas coisas. Estou lhe dando todas as minhas coisas, isso se ainda estiverem com meu compadre Joaquim Vila, pelo menos a canoa deve estar. Que Deus lhes abençoe e os acompanhe, e façam uma boa viagem. Agora vou dormir um pouco.

Assim que Sr. Vitorino ou Santinho do Poço, saiu Clemente olhou para esposa, e disse:

— E agora o que faremos?

— Você está mesmo pensando em ir para esse lugar, é muito longe?

— Ao menos lá, ninguém vai nos encontrar, e podemos ter uma canoa pra começar, se nosso dinheiro der para as passagens, nós iremos.

Naquela mesma noite Clemente e Cândida embarcavam em uma jardineira motorizada, para uma cidade por nome de São Luiz de Cáceres, o transporte era semelhante ao que os trouxeram do povoado Toca da Onça, até a capital.

As previsões de Sr. Vitorino não estavam muito corretas. Talvez pelo fato dele ter vindo parando pelas fazendas para trabalhar, perdeu a noção do tempo e da distância certa. Como Clemente e Cândida, viajaram direto, de São Luiz de Cáceres, foram para Pontes e Lacerda, depois para Vila Bela, a viagem ao todo deve ter demorado no máximo dez dias, chegaram na cidade onde no passado teria sido a primeira capital do Estado, segundo comentários ouvidos durante a viagem, o Estado de Mato Grosso, por um período de disputas políticas teve duas capitais, depois antes do fim do regime monárquico, lá pelos idos dos anos 1820. O Imperador através de um decreto destituiu Vila Bela da Santíssima Trindade, da condição de Capital da província, confirmando o nome da cidade de Cuiabá, como sendo a sede do governo da província do Estado de Mato Grosso, provocando o declínio econômico e social de Vila Bela, que esteve em vias de desaparecer do mapa, mas a população remanescentes, principalmente de escravos negros que foram abandonados pelos seus Senhores, ali perseveraram, e não permitiram que isso acontecesse, mas era fato verídico a história contada por Sr. Vitorino, existiam muitas propriedades abandonadas sem a presença dos antigos donos. Não só a cidadezinha, mas toda

a região se encontrava em profunda decadência econômica e social.

Finalmente depois de uma verdadeira odisseia de aventuras, sem dormirem mais juntos em uma cama, Clemente e Cândida, aportaram na pacata Vila Bela da Santíssima Trindade, daqueles velhos tempos. Clemente trazia nos bolsos uns poucos trocados que haviam sobrado, e o papel de enrolar pão, com os dizeres do Sr. Vitorino, primeiro foram até a velha ponte de madeira, procuraram por Sr. Quim Vila, que felizmente ainda morava nas imediações na companhia da esposa Sulema, essa de origem indígena do país vizinho Bolívia, em uma casinha modesta às margens do Rio Guaporé, depois de se apresentarem, Clemente leu para o dono da casa, a mensagem grafada no papel, por ele mesmo, mas ditada por Sr. Vitorino, na padaria próxima à praça. Quim Vila, coçou os cabelos da cabeça, deu um sorriso, sem graça, e disse:

— Pensava que o compadre Santinho do Poço já era morto, pelo longo tempo sem dar sinal de vida. Acontece que não tenho certeza se a velha canoa ainda existe, se existe deve se encontrar a algumas léguas daqui. Há alguns anos a levei para pescar em um outro pequeno rio. Mas podemos ir até lá, se ninguém a roubou, talvez ela ainda esteja lá.

— E as ferramentas e tralhas de pesca?

— Ferramentas restaram, um machado, uma foice, uma enxada, e o facão, mas todos muito velhos, mas estes ainda estão comigo.

— E as tralhas de pesca? Lembrou Cândida.

— As deixadas por compadre Sr. Santinho não existem mais, mas vou lhes dar, uns anzóis, umas linhas e uns chumbos, que são de meu uso, mas ultimamente não tenho mais pescado, apesar de morar quase dentro do rio.

— Onde o Senhor deixou a canoa?

— Há algumas léguas daqui. Vou pedir a charrete de um meu compadre emprestada, e levo vocês até lá, é só me esperar um pouco.

— Podemos comprar algumas coisas para levar?

— Desde que não seja muita coisa, senão o cavalo não conseguirá puxar.

Enquanto Sr. Quim Vila providenciou a charrete, Clemente e Cândida foram até um armazém próximo, compraram em pouca quantidade: Arroz, óleo, sal, açúcar, café, fósforo, uma panela pequena, uma frigideira pequena. Como o dinheiro que tinham não foi suficiente, devolveram a panela e a frigideira. Voltaram à casa de Sr. Quim, pegaram todas as coisas, antes de saírem Cândida deu uma de suas blusas para Dona Sulema, que emocionada perguntou-lhe o que gostaria de ganhar. Ela um pouco sem jeito disse, uma panelinha e uma frigideira. Dona Sulema, entrou e lhe trouxe os utensílios já usados.

18/04/2022

Paraíso Escondido

ABORDO DE UMA charrete tracionada por apenas um cavalo velho, Sr. Quim Vila, acompanhado de Clemente e Cândida, as duas sacolas de roupas, as ferramentas, as tralhas de pesca, e as compras. Partiram por estradas precárias em direção ao rio, onde supostamente há algum tempo atrás, que não saberia dizer precisamente quando, havia deixado amarrada a canoa que lhe fora confiada pelo seu compadre Sr. Santinho do Poço, para guardá-la

e a protegê-la até o dia que retornasse, mas displicentemente a havia utilizado para servi-lo em pescarias, e de maneira imprudente e irresponsável a havia deixado desprotegida, pensando que seu compadre jamais retornaria. Depois de muitas horas viajando à passos muito lentos, cuja maior parte do percurso Clemente e Cândida fizeram caminhando, porque o cavalo mal conseguia puxar a charrete com os apetrechos e o condutor, que não era nada cavalheiro, chegaram no provável local onde ele a havia deixado. E para felicidade de todos, ela continuava amarrada na mesma árvore, como nesta época o rio estava bastante cheio, ela se encontrava submersa, talvez graças a esse detalhe nunca foi percebida e roubada por ninguém.

O importante é que a canoa existia e foi encontrada, agora restava retirá-la do fundo do rio, Clemente retirou toda sua roupa, completamente nu mergulhou e a encontrou, emergiu e confirmou que ela se encontrava lá, tornou mergulhar e conseguiu emborcá-la, os três puxando pela corda de náilon a trouxe à superfície, e com dificuldade a retiraram do rio. Canoa entregue, Sr. Quim Vila havia cumprido sua missão de fiel depositário, o bem agora estava em plena posse e domínio de seu novo proprietário, despediu-se porque pretendia chegar em casa antes do escurecer, o que seria muito pouco provável, antes que saísse, Clemente lhe entregou o documento que comprovava a legitimidade da negociação, e por acréscimo de bondade lhe deu uma de suas poucas camisas. Sr. Quim Vila, ficou tão emocionado que os fez algumas re-

comendações: Que evitassem contato com índios e com bugres, que costumavam perambularem pelas fazendas às margens do rio, com os mosquitos, com a febre maleita, que assolava as regiões ribeirinhas, com as cobras que existiam em abundância, e as onças pintadas.

Clemente fez uma averiguação detalhada, e comprovou que a canoa se encontrava em perfeita condição de uso, devia ter afundado pela água captada das chuvas. Enxugaram e secaram bem, colocaram de volta sobre às águas, embarcaram todos os apetrechos, e entraram na canoa. A intenção de Clemente era encontrar e ocupar, um imóvel abandonado às margens do rio, munido de uma vara em forma de bastão comprido, que serviria para impulsionar a canoa e controlá-la, começaram descer o rio que estava bastante cheio. Clemente havia confabulado com Cândida, que quando encontrassem alguma casa abandonada às margens do rio, ali se instalariam, e ali começariam suas vidas. Cândida se encontrava tão atordoada e com tanto medo, depois que ouviu as recomendações do Sr. Quim, e com todos aqueles acontecimentos inesperados, aceitava de maneira passiva e se deixava conduzir, como uma criança impotente, sem capacidade de reação, tudo que mais desejava era dormir, e quando acordasse descobrir que tudo aquilo fosse irreal, que a realidade em que estava vivendo era mais consistente.

A canoa depois de alguns impulsos, deslizava sobre a corrente do rio como um corpo flutuante, que mesmo se quisesse não naufragaria, a mata densa e im-

ponente debruçava sobre as duas margens do rio, como que intencionando ocultar o enorme espelho natural, que refletia com todo esplendor aquele céu azul despidido de nuvens, nenhum sinal de clareira que denunciasses que por aqueles lugares no passado, o homem estivesse estado e deixado seus vestígios, nem se fosse uma tapera abandonada. Cândida como abobalhada contemplava aquela tela Divina, que somente o pincel do Criador seria capaz reproduzir. O sol da tarde potencializava a tonalidade das cores, dando o verniz necessário para que tudo brilhasse e resplandecesse, provocando uma mistura de cores e luzes que confundiam, tornando-as inseparáveis. Clemente ofuscado por miríades de cores e luzes, percebeu que não estava usufruindo plenamente do magnetismo daquele espetáculo, produzido e oferecido gratuitamente pela natureza pródiga, se rendeu como sua companheira na contemplação, e ficou imaginando o significado daquela recepção transcendental.

Era como se a humilde embarcação houvesse encontrado uma porta secreta, e penetrado clandestinamente pelo jardim do éden, levando-o e Cândida para usufruírem com exclusividade, daquele pedaço de paraíso celeste, que Deus havia escondido dos homens, e oferecido somente aos dois. Cândida forrou o assoalho da canoa com as roupas que estavam nas sacolas, fazendo a cama nupcial, Clemente deixou que a canoa prosseguisse descendo à deriva, e os dois deitaram e ficaram abraçados contemplando o firmamento, que lentamente foi se apagando, à medida que o sol diminuía a intensidade de sua luz, dei-

xando aparecer no céu as primeiras estrelas, e aos poucos foi sendo pulverizado de uma infinidade delas, sem revelar como nem de onde surgiam, de repente eram milhares delas, pontilhando o céu de pontos luminosos.

Pela primeira vez os dois se locupletaram do magnetismo proporcionado pela natureza, e numa simbiose de corpos e espíritos, se uniram formando um todo único indivisível, como um amálgama indestrutível e inseparável. Cansados como estavam depois da longa e desconfortável viagem, ignorando a possibilidade dos perigos que poderiam se esconderem naqueles caminhos, que prometiam levá-los ao paraíso. Depois de se amarem intensamente, adormeceram embalados pela cadência do movimento das águas, conduzindo e balançando a frágil embarcação. Quando acordaram, com o canto da passarada, que passava voando em bandos, a luz do sol começava expulsar as estrelas do céu, perceberam que a canoa estava encalhada, presa em uma pedra, tinham chegado exatamente no ponto, onde nascem duas serras, uma do lado direito do rio, outra do lado esquerdo. Onde caprichosamente a natureza, deixou propositadamente, um espaço estreito entre essas duas elevações rochosas, por onde esse rio haveria de passar e dar vazão as suas águas, para seguir seu curso, na direção do Vale do Rio Guaporé, que por sua vez, seguiria rasgando centenas de quilômetros de terras, através de matas intocadas pelo homem, até se unir ao Rio Madeira, que muito além desaguaria no majestoso Rio Amazonas, que por sua vez seguiria engrossando sig-

nificativamente o volume de suas águas, à medida que vai recebendo em seu leito, um sem números de outros afluentes, até desaguar o volume colossal no Oceano Atlântico, como é o destino de todas as águas fluviais brasileiras.

Nesse gargalho que a natureza sábia e caprichosa construiu através de milênios, as águas desse pequeno rio, nesse ponto, percorrem uma extensão de aproximadamente duzentos metros, por um estreito com a largura inferior à cinquenta metros, nas épocas secas do ano forma-se uma fina lâmina de água que se espalha sobre a plataforma de pedras, tornando uma mansa corredeira, dificultando, e até mesmo impedindo que os peixes maiores, prossigam suas trajetórias rio acima, na faina da reprodução. Nas épocas chuvosas, as condições são bem diferentes, a torrente formada pela intensidade de águas, oferece perigo ao aventureiro incauto que se arriscar atravessá-lo, devido à força da corredeira de águas chocando violentamente com as pedras espalhadas ao longo do estreito.

O leitor deve lembrar-se que Clemente e Cândida deixaram a fazenda de Coronel Ferdinando, no início do mês de março, portanto faziam apenas uns quinze dias e já tinham percorrido essa distância toda. No mês de março essa região norte onde agora eles estavam, se encontrava no final da época chuvosa, caso a embarcação não tivesse a felicidade de enroscar e ficar presa nessa pedra, teriam se precipitado sobre a corredeira, e certamente se espatifado contra as pedras, e não teriam sobrevivido.

Clemente esperou que o dia clareasse, só então compreendeu que por pouco não sucumbiram no precipício, com habilidade conduziu a canoa para um lugar mais seguro, então puderam avaliar a beleza daquele lugar, e que aquele era o final da linha, a violência das águas daquela corredeira, tornava aquele ponto intransponível, impediria qualquer embarcação em seguir seu curso. Subiram e se sentaram em um lugar elevado, ficaram admirando aquele paraíso natural, disse à Cândida, é aqui que vamos morar.

19/04/2022

Família Dividida

N A REGIÃO do pantanal mato-grossense na Fazenda Estaleiro, Coronel Ferdinando por uns três dias interruptamente, comandou pessoalmente as buscas aos fugitivos, até quando estava prestes à desistir, foi quando recebeu a visita de um fazendeiro chamado Coronel Aníbal, que desceu de canoa através do Rio Mutum, e comunicou o desaparecimento de sua velha canoa a um funcionário da Fazenda Estaleiro, sem deixar de comentar que não entendeu a decisão do meliante, tinha preterido levar a canoa

nova, e optou por levar a canoa velha sem muito valor. Quando Coronel Ferdinando tomou conhecimento, deduziu corretamente que o autor do roubo só poderia ser Clemente, e fizera tudo de caso pensado, e era mais esperto do que pensava que fosse. Se tivessem descido pelo rio imediatamente, os teria alcançado, mesmo assim arriscou seguir essa pista. Relembrem que Clemente e Cândida pousaram uma noite na casa de Sr. Ari, e duas noites no hotelzinho do povoado “Toca da Onça”. Coronel Ferdinando, acompanhado de um de seus capangas, chegaram ao povoado na terça-feira, um dia depois que Clemente e Cândida, haviam embarcado na jardineira motorizada com destino a Cuiabá. Conversou com o cuiabano moreno, dono do hotel, e ficou sabendo que estiveram dois dias esperando pelo transporte, que saiu somente na manhã de segunda-feira. Então ordenou que seu capanga retornasse com a canoa pelo rio, pousou no hotel, e na quarta-feira tomou a próxima jardineira para Cuiabá, no encalço dos fugitivos.

Como tinha conhecimento que os pais de Clemente, possuíam uma chácara às margens do Rio Coxipó, imaginou que estivessem na casa deles. Chegou em Cuiabá, foi à Delegacia de polícia, registrou queixa de rapto, alegando que a filha tinha apenas quinze anos, acompanhado do Delegado e dois policiais foram até a chácara do Sr. Cristovão, com um mandado de prisão, lá ficou sabendo que Clemente e Cândida, apenas passaram por lá, mesmo assim pediu aos policiais que dessem busca na casa, como não os encontraram, voltaram à estação rodoviária de

Cuiabá, e não obteve nenhuma informação deles, orientados pelo Delegado, os policiais deram uma batida geral em todas as pensões e hospedagens mais simples e humildes do entorno da rodoviária, sem sucesso. Desorientado não lhe restou outra alternativa, a não ser alugar um transporte e voltar para casa, com a certeza de que a filha estava com o malfadado professor.

Temos de considerar que por muito pouco Coronel Ferdinando, não conseguiu localizá-los, a intenção de Clemente era permanecer alguns dias na casa dos pais, devido à penúria da família, Cândida o convenceu a ir embora rápido. Depois encontraram Sr. Vitorino na praça, e através daquela conversa desprestenciosa. O fez decidir viajar naquela mesma noite para São Luiz de Cáceres, evitando construir pista contra si, dando entender que já tinham em mente para onde iriam.

Chegando em casa Coronel Ferdinando, estava se sentindo duplamente derrotado, Clemente e Cândida haviam lhe escapado por entre os dedos, devido sua própria incompetência. Mas enganam-se quem pensa que havia desistido de colocá-lo na cadeia, e trazer a filha de volta pra casa. O Delegado comprometeu-se que colocaria todo contingente policial do Estado de Mato Grosso, em seu encalço, e o pegaria vivo ou morto. Quando Coronel Ferdinando fez essa revelação à esposa, Dona Cecília o censurou peremptoriamente.

— Ferdinando eu não acredito que tenha mandado prender ou matar o marido de nossa filha. Você vai voltar e retirar a queixa imediatamente, antes que façam

alguma coisa contra ele, caso não consiga evitar que isso aconteça, eu nunca o perdorei, e saiba que estou indo embora desta casa.

— Cecília eu não posso fazer o que está me pedindo, autorizei o Delegado prendê-lo, se resistir ou tentar fugir ordenei matá-lo. Ele não é marido de nossa filha. Ela é apenas uma menina, tem somente quinze anos, ele a raptou.

— Ferdinando ele não a raptou, ela foi com ele por livre espontânea vontade, para não se casar com quem não queria. Não seja hipócrita, agora ela era apenas uma menina, esqueceu-se que queria casá-la contra sua vontade, obrigando que se casasse com quem não amava. E isso ela lhe avisou que não faria. Que espécie de pai é você? Volte lá imediatamente antes que nossa família seja destruída completamente, porque juro que não o perdorei, caso alguma coisa acontecer a esse rapaz que não se negou em ajudá-la, porque também a amava. Tudo por causa de seu orgulho idiota, sua prepotência e ignorância.

— Cecília se você quiser ir embora poder ir, não retirarei nenhuma queixa, amanhã recrutarei meus dois capangas, voltaremos para capital, para ajudar o trabalho da polícia.

— Então Ferdinando, quando voltar não me encontrará mais aqui, irei com meus filhos para Corumbá, pra casa de meus pais. E nunca mais voltarei.

Dona Cecília era uma mulher determinada e não estava blefando. Imediatamente foi para seu quarto e começou fazer sua mala. A filha Fernanda ao vê-la co-

locando suas roupas em uma mala, perguntou o que significava aquilo, Dona Cecília com lágrimas nos olhos, disse à filha:

— Fernanda minha filha, vá fazer sua mala também, amanhã iremos voltar para casa de seus avós em Corumbá, estou deixando seu pai.

— O que aconteceu mamãe, para senhora tomar essa decisão?

— Seu pai registrou queixa na polícia da capital, e deu ordem para prendê-lo e até matá-lo, caso ele não queira se entregar, se for encontrado. O Delegado de polícia de Cuiabá, prometeu acionar a polícia de todo Estado para atender à ordem de seu pai. Sabe Deus o que deve ter prometido ao Delegado.

Nesse ínterim Coronel Ferdinando encontrou o filho, relatou a ele todos os últimos acontecimentos, e o que pretendia fazer, e a decisão de sua mãe em deixá-lo e ir embora. O rapazinho sentiu o golpe, e ficou paralisado com a cabeça baixa pensando, de repente falou:

— Estou de acordo com o Senhor meu pai, ficarei aqui com os empregados, pode ir despreocupado, tomarei conta de tudo enquanto estiver fora.

— Obrigado meu filho, por concordar e apoiar-me. O Delegado prometeu que ele não escapará.

Fernando foi para casa, quando a mãe disse que ele também iria embora com ela e a irmã. O menino reagiu como se adulto fosse, disse à mãe: — Já prometi e disse ao meu pai, que ele tem todo meu apoio, não vou com ninguém, ficarei aqui no lugar dele enquanto estiver fora.

Dona Cecília desabou em uma cadeira, e chorando disse ao filho:

— Você gostaria que seu pai escolhesse a pessoa com quem fosse se casar?

— Comigo ele não fará isso.

— Fique com seu pai meu filho, vocês são iguais. Amanhã eu e Fernanda vamos embora para casa dos seus avós.

No dia seguinte assim que Coronel Ferdinando, saiu armado montado em um burro, acompanhado de seus dois capangas, com destino à Capital, com o propósito de ajudar a polícia capturar Clemente, Dona Cecília pediu a um dos funcionários de confiança da fazenda, que encilhasse dois cavalos à charrete e levasse ela e a filha até um ponto onde pudessem pegar um transporte para Corumbá, à princípio o funcionário não queria obedecê-la com medo do Coronel, mas depois de ouvir o filho do patrão, obedeceu e as levaram.

Naquela recuada época o telégrafo era o meio de comunicação mais utilizado pela polícia, as Delegacias das principais cidades do Estado, haviam recebido ordem para prender Clemente, caso o localizassem. Coronel Ferdinando acompanhado dos dois seguranças, permaneceram inutilmente por duas semanas hospedados em um hotel da Capital, acompanhando o trabalho da polícia, quando percebeu que não obteriam êxito, depois de ter gastado um bom dinheiro, resolveu voltar pra casa. Chegando na fazenda, ficou sabendo pelo filho que Dona Cecília,

sua esposa tinha realizado o que tinha prometido fazer, no mesmo dia havia saído de casa.

Coronel Ferdinando transformou-se em uma cobra ferida, pronto para inocular sua peçonha em quem se aproximasse dele. E os dias foram se passando, então Coronel decidiu buscar a esposa e a filha em Corumbá, na casa do sogro. Quando lá chegou, a primeira coisa que Dona Cecília perguntou, se ele havia retirado a queixa contra Clemente. Como disse que não, Dona Cecília condicionou sua volta à retirada da queixa. Aquilo era muita humilhação, para um Coronel como ele. Ter que ir até Cuiabá, depois voltar para buscá-la. Então Dona Cecília sugeriu que ambos fossem à Delegacia de Corumbá, registrassem a retirada da queixa, e através de uma mensagem via telégrafo, ordenassem a suspensão das buscas.

Felizmente o Delegado de polícia de Corumbá, abriu esse precedente e acatou a retirada da queixa, e todas as Delegacias envolvidas na busca, suspenderam a operação. Não precisamos dizer que esse processo foi trabalhoso e oneroso, mas foi realizado com sucesso, e depois de quase um mês, Dona Cecília e a filha retornavam ao lar.

21/04/2022

Viagem à Negócios

H Á MUITOS quilômetros ao norte, naquela feliz manhã que com as graças de Deus, não aconteceu terrível tragédia. Clemente e Cândida depois de contemplarem e analisarem a extensão e a grandiosidade da catástrofe que poderia ter ocorrido, caso a canoa bem acima não tivesse extraviado do curso da corrente do canal do rio, e se dirigido para as margens do lado direito, onde existia uma barreira de pedras onde a canoa ficou presa em enorme

pedra no fundo do rio, e a impediu que ela retornasse em direção ao curso do epicentro da vazão, que com certeza arremessaria a frágil embarcação contra pedras pontiagudas, e a desintegraria completamente, e tudo que dentro dela estivesse.

Clemente apossou-se da enxada e da foice que recebera de presente do velho Sr. Vitorino, andando sobre pedras, foi margeando a elevação rochosa, construindo uma picada até onde existia uma abertura que permitia penetrar numa fenda da parede de pedras, e dava acesso ao interior de enorme galeria incrustada no interior do morro, limpou a entrada da gruta, percebeu que a natureza benevolente lhe havia construído o abrigo que precisavam. Chamou por Cândida, quando ela chegou, foram juntos penetrando a enorme caverna, que daria para abrigar uma grande família, pelo estado de abandono eles deveriam ser os primeiros inquilinos. Benditas ferramentas, enquanto Clemente limpava e aplainava o piso de seu interior, Cândida buscava na canoa seus parques apetrechos, depois que acomodaram suas coisas, Clemente e a esposa saíram, e puderam observar que as terras em toda extensão na base do morro eram pretas, e ali poderia se plantar tudo que desejassem, bastaria retirar o capim nativo. O grande problema deles, seria onde encontrar sementes e mudas para se plantar.

Clemente com o facão à tiracolo, que passou ser seu companheiro inseparável, cortou uma taboca fina, Cândida só atinou sua finalidade, quando o viu improvisar uma vara para pescar, foram até o rio, próximo onde se encon-

trava amarrada a canoa, arremessou na água a linha com o anzol iscado com uma fruta do mato, imediatamente a linha se esticou, e o peixe estava fígado, já tinham algo para o almoço. Certamente de fome naquele lugar não morreriam. À que distância estariam de Vila Bela? Exatamente a distância que a canoa percorreu, ao sabor da correnteza de um rio em plena cheia, durante umas quinze horas, considerando que a canoa percorresse dez quilômetros em uma hora, deveriam estar há uns cento e cinquenta quilômetros no sentido norte. Com certeza estavam muito isolados, muito distante da civilização. Clemente absteve de revelar à Cândida esses detalhes, para não a desesperar, então passaram perscrutar a região em busca de outras fontes de alimentos, subindo o rio de canoa sempre navegando pelas margens de um lado, e retornando pelo outro lado, não foi difícil encontrarem cachos de bananas e mudas de bananeiras, moitas de cana de açúcar, pés de mamão, e outras frutas silvestres, tudo às margens do rio. E dessa forma Clemente e Cândida começaram plantar uma espécie de horta, quintal ou roça caseira. Os únicos adversários que apareceram em quantidade para tirar o sossego do casal, foram os pernilongos e os borrachudos, que ao anoitecer atacavam pra valer. A solução que encontraram foi se recolherem mais cedo, e fazer fumaça no interior da caverna.

Não obstante Clemente e Cândida serem pessoas civilizadas, passaram viver à maneira do homem primitivo, lutando pela sobrevivência. Fazia mais de dois meses que estavam vivendo naquela caverna, um dia

quando Cândida varria com uma vassoura de piaçava à parede de pedras do fundo da caverna, notou que a palha da vassoura ficava toda amarelada, mostrou para o marido, como Clemente foi nascido e criado às margens do Rio Coxipó, uma região de garimpos de diamantes, e mineração de ouro, deduziu que o cascalho das paredes daquela caverna, poderiam estarem impregnadas de minério de ouro. Lavaram a vassoura várias vezes na água de uma gamela, que ele havia construído à machado, depois de friccioná-la repetidas vezes contra aquele ponto da parede, deixaram decantar, e perceberam resíduos de um pó dourado no fundo da gamela. Com cuidado colocaram todo pó em uma colher e aqueceram no fogo do fogão à lenha, e o pó tornou-se líquido, quando resfriou transformou-se em uma pequena pepita dourada. Sem dúvida havia literalmente um tesouro dentro de sua casa.

Clemente confabulou com a esposa, fazerem uma viagem até Vila Bela, procurariam um ourives para analisar a pepita, caso seu material fosse ouro de verdade, comprariam alguns equipamentos apropriados, e passariam minerar em segredo o cascalho do interior da gruta.

Durante quinze dias Clemente dedicou-se à pesca, com o restante do sal que possuíam, secaram ao sol uma quantidade de mantas de peixes grandes e médios. Com o machado e facão, construiu dois pares de remos leves e eficientes, e uma espécie de carrinho de mão, colocaram tudo na canoa, saíram ao anoitecer, com o frescor da noite, iluminados pela luz da lua cheia, viajaram a noite toda margeando o rio, evitando os obstáculos e

a corrente contrária, no outro dia à tarde chegaram exatamente no ponto onde Sr. Quim, havia amarrado a canoa, pernoveram nesse local, no dia seguinte pela madrugada, transferiram os peixes secos da canoa para o carrinho de mão, antes do meio dia haviam chegado à cidade. Enquanto Cândida vendia os peixes de casa em casa, Clemente se informou e procurou o escritório de um comprador de ouro, que se chamava Sr. Juvenal, pediu que examinasse sua pepita. E o resultado foi positivo, a pepita era de ouro de boa qualidade. Aproveitou e a converteu em dinheiro, procurou a esposa, a encontrou e lhe revelou o resultado do exame, depois ajudou-a vender o restante dos peixes secos, sem esquecerem de guardar alguns para presentear Sr. Quim e Dona Sulema.

Ao anoitecer foram até à casa de Sr. Quim Vila e Dona Sulema, que ficaram muito felizes com a visita do jovem casal, e com os peixes secos que ganharam. E os convidaram para o jantar e para pousar. Clemente contou uma história diferente ao Sr. Quim: Que naquela mesma tarde haviam encontrado uma casa abandonada às margens do rio, que a ocuparam e agora estariam vivendo da pesca. Depois disse ao Sr. Quim:

— Gostaria se possível que o Senhor me indicasse, uma pessoa que já trabalhou em garimpo de extração de ouro, gostaria de receber algumas informações, nunca é demais saber as coisas.

— Meu compadre Sr. Basílio, que é descendente de escravos, trabalhou uma boa parte de sua vida em garimpos, agora ficou velho, está encostado, mas sabe tudo

de garimpagem, depois do jantar vamos até sua casa que fica aqui perto.

Depois do jantar, foram os dois casais até a casa de Sr. Basílio, que os receberam muito bem, mas feliz ficou quando soube o motivo da visita. Porque Sr. Basílio foi ao longo da vida um minerador obstinado, mas nunca bem-sucedido, mais por falta de sorte do que eficiência, isso ficou bem evidente pela maneira como explicou em detalhes e com muito carinho, todo processo de extração: Características do cascalho, lavagem do material, decantação, secagem do pó, derretimento, solidificação, e tudo que envolve o trabalho de um minerador de ouro, depois falou a Clemente:

— O Senhorzinho não gostaria de comprar os equipamentos necessários para se fazer todo trabalho? Foram muito usados, mas se encontram em perfeita condição de uso, como não vou mais mexer com garimpo de ouro, vendo tudo para o menino bem barato. Vou mostrar tudo do que irá precisar.

Sr. Basílio e a esposa Dona Gertrudes, ambos negros, descendentes de escravos, trouxeram uma porção de equipamentos, usados especificamente para realização de todo trabalho. Clemente pensava comprar apenas alguns equipamentos essenciais, mas interessou conhecer o material. Depois que Sr. Basílio explicou a finalidade de cada objeto, fez seu pedido, isso não significava que não aceitaria uma contraproposta por um valor inferior, por reconhecer que ferramentas usadas depreciam muito e são difíceis de serem vendidas.

Clemente sabia perfeitamente quanto haviam apurado com as vendas da pepita e dos peixes, o dinheiro era suficiente para adquirir todo enxoval de garimpo de Sr. Basílio, e as demais coisas que pretendia comprar, principalmente as sementes para semear, disse ao Sr. Basílio:

— Sr. Basílio vou lhe pagar o valor que pediu, e lhe darei uma gratificação pelas explicações que me proporcionou, caso consiga encontrar o precioso metal, lhe recompensarei ainda mais, está satisfeito?

— Muito satisfeito, e Deus vai ajudá-lo, para poder me ajudar.

Se Clemente tivesse trazido sua sacola de roupas, com certeza daria uma de suas camisas para Sr. Basílio, que após receber o valor da negociação, acrescido da gratificação sorria de felicidade. Ainda bem que Cândida e Dona Sulema vieram, para ajudar levar toda a parafernália de um garimpeiro profissional.

21/04/2022

Futuro Promissor

N O DIA SEGUINTE pela manhã, depois do café, Clemente e Cândida despediram-se dos amigos, sem não antes agradecê-los pela acolhida e pelo favor prestado. E antes de sair empurrando o carrinho rústico, feito à machado e facão, levando a tralha que havia adquirido, disse ao amigo:

— Sr. Quim, quando eu e Cândida tivermos nosso primeiro filho, o Senhor e Dona Sulema, serão seus padrinhos, quero muito também ser vosso compadre.

Todos riram, Sr. Quim respondeu: — Teremos muita honra em tê-los como compadres, sempre que vieram nossa casa, será vossa casa.

Passaram pelas poucas casas comerciais da cidade, e adquiriram não tudo que necessariamente precisavam, mas aquilo que o dinheiro que sobrou permitiu comprar, empurrando o carrinho agora bem mais leve, do que quando chegaram carregado de peixes, tomaram o caminho que os levariam de volta até o rio, onde deixaram a canoa amarrada, que ficava bem distante.

Impulsionada pela força dos remos, aliada à correnteza do rio, a embarcação rompia a distância rapidamente, o sol quente do meio-dia não proporcionava a beleza e o romantismo daquela tarde, quando o casal apaixonado ignorou completamente que aquele caminho, possuía lá os seus perigos, mas a lembrança daqueles momentos felizes, não deixariam de transitar pelas mentes dos dois, porque estariam lá para sempre, gravadas como doces recordações, que sempre seriam lembradas.

Passava do meio da noite quando iluminados pela luz da lua, avistaram ao longe as duas pequenas serras, que inutilmente tentaram impedir que o rio seguisse seu curso, conseguiram colocar apenas um obstáculo considerável naquele caminho, Clemente embicou a canoa para o lado da margem direita, ambos estavam cansados e com sono, e lá existia uma cama de pedras, com um colchão recheado com capim do campo os esperando.

No dia seguinte seguindo as instruções do velho negro Senhor Basílio, Clemente com uma espátula de aço,

cascou uma parte da parede interna de sua casa de pedras que dava para os fundos, suficiente para encher um balde de vinte litros, com ajuda de Cândida lavaram todo aquele material em uma gamela com água, retiraram toda parte sólida, deixaram a água descansando, passado algumas horas, retiraram toda água, a quantidade de ouro em pó amarelava o fundo da gamela, esperaram que enxugasse, entornaram a gamela sobre um plástico, o ouro em pó encheria com folga uma colher. Clemente estava tremendo de emoção, olhando nos olhos da esposa disse:

— Esse será um segredo somente nosso, ninguém deverá saber que encontramos uma mina de ouro, quando precisarmos fazer compras, levaremos ouro somente para as compras, exploraremos em segredo todo ouro que existir nessas paredes, sairemos daqui quando não restar mais nenhum ouro, aí estaremos muito ricos. Todos os dias lavaremos um ou dois baldes de cascalho, e vamos guardando o pó em uma vasilha, quando tiver bastante derreteremos e transformamos em barras de ouro, do mesmo peso e tamanho.

— O que acontecerá se descobrirem que encontramos ouro?

— Certamente vão tentarem nos roubar e nos expulsar daqui isso se não nos matarem, porque não vou entregar meu ouro sem resistir. Continuaremos sendo as mesmas pessoas, levaremos peixes para vender, para que não desconfiem de nada. Amanhã vou cascar a parede do outro lado, quero descobrir se existe ouro em todas as paredes, ou somente nessas do fundo da caverna.

No dia seguinte Clemente cascou uma parte da parede do lado oposto, resultando mais de dois baldes de material, na companhia de Cândida, colocaram na gamela de água, lavaram bem o material, retiraram todos os calhaus, esperaram decantar como no dia anterior, retiraram toda a água, e nenhum sinal de pó de ouro no fundo da gamela. Decepcionado com o resultado, Clemente tinha urgência conhecer o potencial da reserva de ouro da caverna, no mesmo dia fez o mesmo procedimento nas duas paredes laterais, e o resultado foi o mesmo, nenhum sinal de pó de ouro. O veio de ouro existia somente na parede dos fundos, e poderia estar só na superfície, ou não. Como disse Sr. Basílio, garimpeiro não pode desanimar, se não for obstinado e perseverante não serve para a função.

Quando terminaram as experiências era quase noite, Clemente estava desanimado, pensar que toda aquela euforia poderia terminar em nada, ou quase nada, porque com certeza pelo menos um pouco de ouro existiria naquela parede dos fundos. Para espairer Cândida o convidou para um banho no rio, e ele aceitou, e ambos foram banhar pelados no rio.

Para um minerador obstinado todos os dias são dias úteis, à noite teve uma ideia, se cavasse na parede um buraco horizontal saberia até que profundidade existia o minério, com uma talhadeira cortou o cascalho uns vinte centímetros de profundidade, o suficiente para encher o balde, equivalente ao material que havia retirado da superfície e tinha extraído uma colher de pó de ouro. Na companhia de Cândida lavaram criteriosamente o

material, e o resultado obtido correspondeu à metade da primeira lavada.

Como Clemente possuía noção de cálculos, passou explicar para Cândida suas projeções, se o ouro existisse naquela proporção em toda parede, retirariam trinta baldes de cascalho em cada metro quadrado, a parede deveria ter no mínimo cinquenta metros quadrados, que daria para encher um mil e quinhentos baldes. Se cada balde produzisse em média quatro gramas, obteriam aproximadamente seis quilos de ouro. Esse seria na melhor das hipóteses, a quantidade de ouro que poderiam encontrar naquela parede.

Além de calculista, Clemente era metódico, riscou em torno daquela escavação, um quadrado de um metro, disse à esposa: — Para confirmar minhas projeções, vamos concentrar nossa extração nesse espaço de um metro quadrado. Se produzir quinze colheres, teremos aproximadamente cento e vinte gramas. Então derreteremos todo o pó, e fundiremos em uma barra, comprarei uma balança de precisão e saberemos o peso exato.

E dessa maneira passou garimpar a parede dos fundos da caverna, às vezes lavavam um balde de cascalho, outro dia dois, sem nenhuma pressa, quando terminaram de processar o primeiro, resolveram riscar outro quadrado idêntico ao lado, a produção estava correspondendo às previsões, decidiram processar o segundo quadrado. Aquela viagem rio acima não era nenhum passeio, exigia esforço físico muito grande, além do mais, tinham alimentos para mais algumas semanas.

Havia chegado a época do ano que a vazão do rio diminuía drasticamente, devido à escassez de chuvas, em toda extensão da cabeceira daquele rio, como em toda região. Então puderam presenciar um fenômeno natural, digno de comoção, o banquete das aves, o local se transformava em um reduto de aves das mais variadas espécies, vindas não se sabe de onde, como se tivessem sido convidadas para uma festa de longa duração. Os peixes na tentativa de atravessarem a comprida passarela de pedras, tornavam-se presas fáceis para animais e aves, porque ficavam presos entre as pedras. Pela madrugada as aves começavam chegar em bandos, causando verdadeira algazarra de sons, formando um espetáculo sonoro inteligível, como uma festa de crianças desarvoradas.

Clemente e Cândida como concorrentes desleais, munidos com um saco de estopa, todas as manhãs, percorriam toda extensão daquela pedreira, recolhendo os peixes maiores, tratavam e colocavam ao sol para secarem, para não se perderem. O restante do dia sempre juntos, se dividiam entre cuidar da pequena roça, que lhes supriam com vários alimentos, tipo, mandioca, quiabo, pepino, berinjela, batata doce, e muitos outros que estavam se desenvolvendo. Depois se dedicavam à lavagem de cascalho, e a quantidade de pó de ouro aumentando dia a dia dentro do recipiente precioso, na mesma proporção que aumentava o retângulo cavado na parede, que já estava medindo quatro metros quadrados, sem prejuízo da média obtida na produção da primeira escavação. Estimavam que o espaço minerado já havia produzido meio quilo do

pó dourado, e dezenas de pequenas pepitas que se destacavam e eram guardadas em separado.

As chuvas haviam recomeçado, aumentando a vazão do rio, obrigando as aves procurarem outro lugar para ganhar à vida. Permitindo aos peixes transporem aquela barreira sem correrem o risco de ficarem encalhados. Com a elevação do nível das águas do rio, Clemente convidou a esposa a fazerem outra viagem até à cidade, levariam um pouco de peixe seco para vender, e as pepitas de ouro, e fariam uma boa compra, para passarem uma boa temporada sem precisarem fazer outra viagem. Estávamos no início do mês de outubro, e Cândida tinha leve suspeita de que estava grávida, não lhe restando outra alternativa à não ser dividir com o marido suas preocupações, que o fizeram adiar a viagem, e impedi-la de fazer certas tarefas pesadas. Passado uns quinze dias, o que era apenas suspeita, agora havia se tornado constatação, Cândida seria mãe antes de completar dezessete anos. Gravidez não é doença, mas requer alguns cuidados, Clemente como marido responsável que era, se preocupava com o bem-estar da esposa, e repensava suas decisões para o futuro, as coisas certamente teriam que ser alteradas. Mas o casal estava feliz, com a perspectiva da chegada do filho. Que com certeza melhoraria ainda mais suas vidas, porque se consideravam, e eram de fato muito felizes.

27/04/2022

Declaração Desaforada

DEPOIS DO RETORNO de Dona Cecília e a filha Fernanda para casa, na companhia do Coronel Ferdinando, as coisas demoraram voltar à normalidade, Coronel por um longo período sentiu-se ferido em seu orgulho e dignidade, não só pelo fato da filha ter fugido com um reles professor, mas pela quebra do compromisso que havia assumido com o irmão e o sobrinho, sentiu-se tão envergonhado que não se dignou fazer uma visita de cortesia ao irmão, e sobretudo pela humilhação

que a própria esposa o submeteu, obrigando-o retirar a queixa contra Clemente, depois de todo esforço e dos gastos que efetuou, para vê-lo atrás das grades.

Mas a vida haveria de continuar. Quem pensa que Coronel, aceitaria que as coisas ficassem por isso mesmo se enganam. Ao chegar à Fazenda convocou seus dois capangas, Sr. Saturnino e Sr. Calixto, instrui-os que escolhessem dois burros da fazenda, e saíssem discretamente investigando o paradeiro de Clemente, e a ordem era encontrá-lo, eliminá-lo sem deixar provas, voltarem às escondidas, avisá-lo onde a filha se encontrava, receberiam o restante do combinado, e estariam desligados de suas funções. Entregou-lhes metade do valor combinado, e exigiu que fizessem trabalho de profissional. Haviam se passado seis meses do ocorrido, seus dois capangas nunca mais deram sinal de vida, tinha certeza de que havia sido enganado por eles, porque sua intenção seria fazer uma queima de arquivo, eliminá-los também quando voltassem.

Esse era um segredo que somente Coronel Ferdinando Macambira conhecia, caso Dona Cecília um dia descobrisse, tinha certeza de que ela nunca o perdoaria. Agora olhava para o passado, sentia-se envergonhado de suas próprias atitudes, porque seu desejo era rever a filha, que não imaginava que a amava tanto, mesmo que fosse na companhia daquele sujeito, o tal Clemente. Ficava se perguntando, onde e como estaria a pobre menina, depois desse tempo todo. Se para ele as coisas não estavam sendo fáceis, imagina para Dona Cecília, que

em nenhum momento condenava a filha pelo que havia feito, só queria saber se ela estava bem, e se era feliz ao lado do marido, isso era o que realmente importava. Porque sentia que o marido era quem havia de fato contribuído pelo acontecido.

O mesmo dilema vivia Clemente e Cândida, eram felizes porque se amavam e viviam bem, mas um sentimento de culpa cerceava que sentissem uma felicidade plena. Como ambos gostariam de dizer aos seus pais que eram felizes, que ela estava grávida, e lhes dariam um neto.

Haviam se passado quatro meses que Cândida estava grávida, aproximava-se o final do ano, nesses três últimos meses Clemente se dedicou exclusivamente ao garimpo, o retângulo do cascalho retirado da parede, estava medindo sete metros quadrados, a quantidade de pó de ouro extraído estava próxima de um quilograma. Conversando com a esposa decidiram que viajarão à cidade, passarão o Natal na casa do futuro compadre Sr. Joaquim Vilarinho. Então Clemente disse à esposa:

— Estive pensando e tive uma ideia, gostaria saber sua opinião, conversaremos com Sr. Quim Vila e Dona Sulema. Se consentirem que você ficasse na casa deles alguns dias, gostaria ir até à casa de meus pais em Coxipó, levaria algum dinheiro para eles, e pediria que fosse até o pantanal, na fazenda de seu pai, e levasse até eles algumas notícias nossas. Caso tivessem nos perdoado, e consentissem, prometeríamos visitá-los no mês de maio quando nosso filho estivesse pra nascer. O que você acha da ideia?

— Era exatamente o que estava pensando pedir que fizesse por mim. Se não consentirem, penso que nunca mais desejarão nos ver, por que estou morrendo de saudade de todos eles.

— Então faremos como na vez anterior, sairemos ao anoitecer, quando chegarmos no lugar onde costumamos deixar a canoa, você ficará na casa mais próxima, irei até a cidade buscar um transporte para você. Venderei parte de nosso ouro granulado, depois do Natal irei até à casa de meus pais, pagarei um transporte para levá-lo até o pantanal, espero ele voltar e saberemos a resposta de sua família. Se consentirem, em maio iremos até lá.

— Se eles me amam, como eu os amo, vão consentir. Obrigado meu amor. Você pretende revelar a eles onde estamos?

— Por enquanto não, no mês de maio quando nos receberem, revelaremos.

Alguns dias que precediam o dia de Natal, numa noite de luar, Clemente e Cândida, embarcaram na canoa, levando a bordo o carrinho de mão e uns cinquenta quilos de peixes salgados e desidratados ao sol, e partiram margeando o rio em direção a sua nascente, Clemente proibiu a esposa que levasse seus remos, para que ela não remasse, a viagem demoraria um pouco mais, mas com certeza chegariam.

Apesar de ter demorado um pouco mais, a viagem transcorreu sem nenhum incidente, Cândida ficou na casa de uma família que morava próxima ao rio, enquanto Clemente foi à cidade alugou um transporte e veio

buscá-la, juntamente com os peixes. Faltavam dois dias, para o Natal quando chegaram à casa de Sr. Quim Vila, e Dona Sulema, que ficava próxima à ponte do Rio Guaporé, localizada no perímetro urbano de Vila Bela. Sr. Joaquim Vilarinho e Dona Sulema Vilarinho, ficaram felizes com a chegada da visita surpresa, principalmente quando souberam que o jovem casal já havia encomendado o futuro afilhado, para todos os efeitos agora, já eram de fato compadres.

Clemente deixou parte dos peixes na casa do compadre Sr. Quim, para ser distribuído aos amigos, entre eles Sr. Basílio, colocou o restante no carrinho de mão e saiu sozinho vendendo de casa em casa, terminado o trabalho foi até o escritório do ourives que ele já conhecia, e se chamava Sr. Juvenal, que era um comerciante de ouro bem discreto, e nunca lhe perguntava onde conseguia extrair aquele ouro, limitava-se examinar o produto, pesá-lo, fazer o cálculo do valor, e efetuar o pagamento em dinheiro. Igualmente discreto, Clemente apenas conferia o cálculo, e o numerário, lhe agradecia, se despedia e ia embora. Dessa vez lhe vendeu apenas metade do ouro à granel que havia levado, a outra metade ficou com Cândida, para ser vendido quando retornasse da viagem, cujo valor seria utilizado exclusivamente para fazer as compras necessárias, e o retorno pra casa.

O ouro à granel se caracteriza em pequenos pedriscos, ou pepitas, que ficam expostas no fundo da gamela, e ele as separavam e poderiam ser esmagadas ou não antes de serem derretidas, que podem conter em seu interior al-

gumas impurezas, como terra, ou outros minerais menos nobres. Para algumas pessoas aquele valor que Clemente recebeu, pelo ouro vendido poderia representar uma grande soma, mas se comparado ao valor do ouro em pó que ele tinha guardado, representava uma pequena parcela. Clemente não era o tipo que se deixava deslumbrar-se ou ostentar-se, a finalidade daquele valor, estava minimamente calculada e seria direcionada para atender às despesas que necessariamente pretendia realizar.

A atividade extrativa realizada por Clemente e Cândida não existia nada de ilícito, afinal eles encontraram aquela caverna abandonada, e depois de dois meses morando em seu interior, por acaso descobriram que havia minério de ouro incrustado em uma das paredes, passaram minerá-la, e vinham obtendo resultado satisfatório, a quantidade de pó de ouro lá existente, era uma incógnita, poderia esgotar-se a qualquer momento, ou se expandir indefinidamente para o interior da rocha, e revelar um grande tesouro, propagar essa descoberta seria o mesmo que abrir mão do direito de ter exclusividade sobre ela. Portanto aquele era um segredo que nem sob hipótese poderiam compartilhar, e disso ambos tinham consciência, pois sabiam das implicações caso essa informação se tornasse pública. Não era uma questão de egoísmo, era a própria segurança deles que estava em jogo. Até aquele momento somente Sr. Juvenal, tinha conhecimento que Clemente tinha acesso a um lugar onde existia ouro, e de boa qualidade. Sua intenção era vender ali, somente o necessário para sua sobrevivência, sem deixar transparecer o potencial de seu garimpo.

Sr. Joaquim Vilarinho e Dona Sulema tinham um casal de filhos, mas com o êxodo ocorrido na região, devido à mudança da Capital, haviam se casado e se mudado, segundo informações seus filhos estariam residindo em Cuiabá, na nova capital do estado, mas há algum tempo não apareciam, nem mandavam notícias. Se não fossem as presenças de Clemente e Cândida, provavelmente o casal Vilarinho teriam comemorado o Natal sozinhos. Ficaram felizes quando souberam, que Cândida permaneceria em sua casa, enquanto Clemente visitaria seus pais no Coxipó, nem foi revelado o motivo da viagem, só disseram que Cândida não iria, devido sua gravidez.

No dia de Natal, Cândida com ajuda do marido escreveram uma carta muito bem fundamentada, com pedido de desculpas e justificativas, omitindo apenas onde se encontravam residindo, revelando a felicidade que estavam sentindo, com a expectativa da chegada do primeiro filho, e seu desejo de que nascesse na casa da avó, endereçada a sua mãe, no dia seguinte Clemente pegou um transporte na intenção de fazer o caminho de volta até Cuiabá, que pela época do ano, seria uma grande aventura, devido às chuvas intermitentes, e a precariedade das estradas. Depois de alguns dias de viagem, Clemente chegaria na chácara que até algum tempo atrás pertenceu a sua família. Lá ficou sabendo que seu pai Sr. Cristovão e sua mãe Dona Santa, haviam se mudado para uma casa na cidade. De posse do endereço foi até lá, então ficou sabendo pelos pais que não lhes restaram outra saída, foram obrigados venderem a pequena

chácara para pagar dívidas, compraram aquela casa modesta, e muito pouco havia sobrado, e por enquanto seus irmãos se encontravam esparramados, segundo seus pais resolveram trabalhar.

Quando Clemente pediu ao pai que gostaria que fosse até o pantanal, na Fazenda do Sr. Ferdinando, para entregar uma carta de Cândida, ficou sabendo de toda história, e do terrorismo provocado na época pelo Coronel, colocando a polícia de quase todo Estado atrás dele, e por muito pouco não o havia encontrado, que sua intenção era colocá-lo na cadeia. Por medo Sr. Cristovão se recusava fazer o que o filho estava lhe pedindo. Então pediu ao pai que fosse até à Delegacia de polícia, como quem querendo pedir informações, se a polícia o havia encontrado, ou se ainda procurava por ele. Depois de muito insistir Sr. Cristovão, criou coragem e decidiu ir até à Delegacia, para descobrir o que o filho queria saber.

Na Delegacia Sr. Cristovão ficou sabendo através do Delegado de polícia, que constava no histórico da ficha de Clemente dos Santos: Que o próprio Coronel Ferdinando Macambira, havia solicitado: Primeiro, que a polícia desconsiderasse a queixa. Segundo, suspendesse a procura em todo Estado, Terceiro, que ele mesmo por sua conta e risco, assumiria as buscas e responderia pelo ônus de seus atos. Que isso era tudo que constava em sua ficha, desde então a polícia não teve mais informação sobre o caso. Sr. Cristovão retornou até sua casa e relatou ao filho na íntegra tudo que havia descoberto.

Clemente disse ao pai: — Se é assim, eu mesmo vou pessoalmente até a Fazenda do Coronel Ferdinando Macambira, levar a carta de sua filha, e lhe dizer o que pensamos a seu respeito.

— Dê-me a carta meu filho, não vou permitir que aquele Coronel lhe faça qualquer maldade contra você, com seu pai ele nada fará.

— Obrigado meu pai, mas agora faço questão de ir lá pessoalmente, entregar a carta de Cândida, e desabafar.

Clemente abraçou e beijou seu pai e sua mãe, e antes de sair entregou-lhe um envelope e disse: — Esse é meu presente de Natal para vocês dois. Não se preocupem comigo, eu e Cândida estamos muito felizes, nosso filho, vosso neto, deverá nascer no mês de maio.

28/04/2022

A Incerta Profissão de Garimpeiro

QUANDO CLEMENTE disse aos seus pais que iria pessoalmente na Fazenda do Coronel, entregar a carta da filha, estava falando sério, mas enquanto se dirigia ao centro da cidade para alugar um transporte, lhe veio um pensamento. O desejo do Coronel afastar a polícia do caso, e assumir para si a responsabilidade de fazer justiça a sua maneira, era uma demonstração de que não o havia perdoado, e o odiava, e desejava vingar-se

pessoalmente dele, talvez evitar o confronto pessoal seria uma boa ideia. A melhor maneira de castigá-lo, era fazê-lo continuar vivendo mais alguns longos anos, sem saber o que teria acontecido à filha. Porque sabia que ele o odiava apenas a ele, por sentir que ele havia roubado algo que lhe pertencia, e que amavam sem dúvida.

Então deliberou que a melhor coisa fazer era voltar, e deixá-lo continuando sofrendo com seu ódio, e orgulho ferido, sem notícias da filha. Até fazê-lo compreender que os filhos têm seus próprios sentimentos, não são propriedades dos pais, como mercadoria de troca, para atender seus interesses pessoais. Explicaria tudo para Cândida, que haveria de compreendê-lo, afinal ela não desejaria que acontecesse com seus dois irmãos, o que lhe aconteceu.

Clemente entrou em uma loja que vendia objetos e ferramentas, usadas em garimpo de ouro, adquiriu uma balança de precisão, um recipiente próprio para ser levado ao fogo para derreter o metal precioso, e três formas idênticas para moldar ouro fundido, depois foi até o terminal rodoviário e pegou um transporte motorizado, para voltar para Vila Bela da Santíssima Trindade. Entre o dia de sua saída e de sua chegada, havia se passados mais de quinze dias. Cândida já estava impaciente esperando o retorno do marido.

Foi até o escritório do ourives, Sr. Juvenal, e vendeu o restante do ouro à granel que havia deixado com Cândida. Como as duas vendas foram sido feitas muito próximas uma da outra, Clemente percebeu uma certa surpresa nos

modos do comerciante, mas eximiu-se de fazer qualquer comentário. Na companhia da esposa fizeram uma boa compra de mercadorias, principalmente aquelas imperecíveis, o suficiente para o suprimento por alguns meses, alugaram um transporte, se despediram dos amigos, e retornaram até o rio onde haviam deixado a canoa.

Durante a viagem de barco no retorno pra casa, Clemente revelou à esposa tudo que tinha descoberto. Como o pai dela, Coronel Ferdinando, não havia superado a revolta contra ele pela fuga, e a sua maneira ainda os procurava, sabe lá com quais intenções. Achou melhor por ora não o confrontar, talvez com o passar do tempo, refletisse melhor e mudaria seus propósitos. Cândida considerou que seu pai não seria capaz de fazer nada, contra eles. Mas achou um absurdo da parte dele colocar a polícia para procurá-los, tinha certeza de que a mãe não coadunava com essas atitudes do pai. Diante dos fatos, acabou concordando que o marido agiu bem, não procurar os pais naquele momento, queria estar presente quando isso acontecesse, mas acreditava que tudo iria acabar dando certo, principalmente quando conhecesse o neto. Afinal, apesar de tudo, seu pai era um homem de bons sentimentos.

Ao chegarem em casa, Clemente antes de recommençar os trabalhos de garimpagem, decidiu transformar todo seu ouro em pó em barras de ouro, obteve oito barras de cem gramas, e ainda sobraram umas trinta gramas, confirmando as previsões iniciais. Agora mais otimista resolveu riscar alguns quadrados na parte infe-

rior da parede, no dia seguinte começaria as escavações e lavar o material.

Cândida comentou com o marido que conversando com Dona Sulema, descobriu que Dona Gertrudes, esposa do Senhor Basílio, era excelente parteira, que a maioria das gestantes da localidade, recorriam a ela no momento do parto, somente as gravidezes que apresentassem algum tipo de complicação eram encaminhadas com antecedência ao médico do pequeno hospital da localidade. Caso o marido o tivesse informado da impossibilidade de irem à casa da mãe, na época do parto. Deveriam ter conversado com Dona Gertrudes, para realizar seu parto no mês de maio. Clemente a tranquilizou dizendo que viajariam com antecedência para Vila Bela, e providenciariam tudo há tempo.

No dia seguinte Clemente iniciou seu trabalho logo pela manhã, antes do almoço já havia escavado um quadrado da parte inferior da parede, lavou um balde do material na gamela de madeira, esperou decantar, depois do almoço retirou a água como sempre fazia, o ouro em pó acumulado no fundo da gamela era tão insignificante, que chamou Cândida para testemunhar o fracasso da lavagem, colocou água limpa na gamela, lavou mais um balde, repetiu todo o processo, quando retirou a água, constatou que na parte inferior da parede, praticamente o ouro não existia. Passou o restante daquela tarde lavando cascalho, o produto de ouro obtido em um metro quadrado da parte inferior da parede, aproximadamente trinta baldes, não

correspondia à um balde do cascalho existente nos quadrados imediatamente acima que havia explorados. Era tudo que Clemente e Cândida não esperavam.

Metódico como era, no outro dia riscou um quadrado na parte imediatamente superior da parede, escavou o quadrilátero de um metro quadrado, e passou lavar o material, e o resultado foi ainda mais decepcionante. No final da tarde havia terminado o trabalho e o resultado foi praticamente nulo. Considerando que somente a parte intermediária da parede possuía o minério, Clemente refez suas projeções, caso o restante da parte intermediária da parede mantivesse a produção, o máximo de ouro que poderia extrair, não chegaria a um quilograma. Chamou a esposa, e apresentou-lhe o resultado de suas previsões, na melhor das hipóteses aquela estimativa inicial de seis quilos de pó de ouro, havia reduzido para no máximo um quilo e oitocentos gramas. Dos dezessete metros quadrados da parte intermediária da parede, restavam a ser explorados apenas dez. Os outros dois terços da área, poderiam até serem explorá-los, mas pela produção previamente obtida, o resultado não compensaria o trabalho, então decidiu concentrar seu trabalho, por ora na parte intermediária.

Clemente estava visivelmente arrasado. Disse à esposa: — Faltam menos de cinco meses para nosso filho nascer, vou me dedicar integralmente na exploração da parte produtiva ainda restante. Conforme as coisas acontecerem, talvez depois do nascimento de nosso filho, nos mudamos definitivamente para um outro lugar.

Vendemos todo nosso ouro, compramos uma casa em uma cidade grande, arrumo um emprego, e viveremos nossa vida.

Cândida expressou seu parecer de esposa, e filha saudosa: — Podemos até fazer o que está pensando, mas antes iremos até à casa de meus pais. Caso nos aceitarem penso que nosso lugar é ao lado deles, você poderá trabalhar com ele, e eu estarei ao lado de minha mãe.

— Temos ainda muito tempo para pensar e decidir. Mas penso que seu pai, nunca aceitará que voltemos para vivermos com eles. Acho que ele nunca nos perdoará.

— Eu não penso assim. Quando chegarmos lá com nosso filho, e ele perceber o quanto somos felizes, vai se arrepender de tudo que fez, e vai nos aceitar, por que sei que ele nos ama, você não o conhece como eu. Tenho certeza de que ele já nos perdoou.

01/05/2022

Coronel Ferdinando, Devidamente Punido

HÁ MUITOS quilômetros ao sul na Fazenda Estaleiro, incrustada às margens direita do Rio Mutum, a vida seguia seu curso. Pensar que há um ano atrás, todos esses acontecimentos que relatamos pertenciam ao futuro, mas agora fazem parte do passado, mas a família de Coronel Ferdinando, encontrava enorme dificuldade para esquecê-los, porque com um pouco de tolerân-

cia e compreensão, poderiam terem sido evitados que ocorressem da maneira como se deu. Faz-se oportuno recordar que no início do ano anterior, chegava àquela Fazenda, um jovem procurando trabalho, justamente quando Dona Cecília e os três filhos, visitavam seus pais em Corumbá, esse início de ano não houve passeio. Em compensação receberam a visita dos pais de Dona Cecília, que depois daquela permanência forçada de aproximadamente trinta dias que Dona Cecília, havia feito em sua casa, não obtiveram mais notícia alguma, sobre o que havia sucedido com a neta.

Sr. Antonio e Dona Celeste, era um casal de anciões septuagenários, diria com ideias, um pouco à frente daquele tempo. Na época que Coronel Ferdinando, esteve em sua casa, para buscar a esposa, ouviu do sogro poucas e boas, condenando seu procedimento de pai arbitrário e possessivo. Mas enganam-se quem pensa que um ano é pouco tempo, Coronel Ferdinando Macambira, apesar de ostentar sua autoridade natural que a posse da fortuna lhe concedia, agora convivia com uma espécie de remorso e sentimento de culpa, que não possuía antes, mas agora o martirizava, talvez cansado de procurar sem encontrar, a alegria que existia antes nos olhos da esposa que sempre amou, que a ausência da filha retirou e levou consigo.

Em uma tarde de domingo, todos sentados em torno da enorme mesa da varanda próxima à cozinha, conversavam recordando a fuga da filha com o professor, pela primeira vez Coronel Ferdinando, confessou-se arrependido de tudo que havia feito, mas justificou-se dizendo,

que não merecia aquela ingratidão da filha. Então ouviu uma avalanche de acusações dos sogros e da esposa, que o fez engolir à seco, todo seu orgulho, sem poder nada dizer. Aliás, disse sim: Confessou com lágrimas nos olhos, que quando retornou de Corumbá com Dona Cecília, delegou aos seus dois capangas a missão de procurarem e trazerem nem se fosse sob o uso da força até à Fazenda os dois fugitivos. Omitindo que tinha dado ordem para eliminarem Clemente. Mas admitido que havia sido enganado pelos jagunços, que levaram dele dois de seus melhores burros encilhados, e uma grande quantia em dinheiro.

Ouviu da esposa uma possibilidade que até então não tinha pensado: — Ferdinando, agora vejo que não lhe conheço, se soubesse que faria isso não teria voltado. Você já pensou que aqueles selvagens podem ter matado os dois, caso tenham se recusado voltar, mesmo à força?

Um arrepio estremeceu todo corpo do Coronel, conseguiu apenas dizer: — Eles não fariam isso, sabiam que eu os matarias.

— Por isso não voltaram.

Sr. Antonio avaliou que aquela possibilidade existia, mas obtemperou para não piorar as coisas: — Não vamos pensar que isso possa ter acontecido, mas entendo que está na hora de fazerem as pazes e viverem todos em harmonia. Ferdinando, logo eu e minha companheira Celeste, estaremos partindo deste mundo, como você sabe não somos mais crianças, Cecília foi a única filha, que Deus nos confiou, vocês herdarão tudo que possuímos que não é pouca coisa, com certeza dobrará vossa fortuna.

Gostaria que antes que isso acontecesse, você resolvesse esse problema, que particularmente considero que você contribuiu para que ocorresse, faça isso pelo seu velho sogro, que lhe estima como ao filho que não tivemos, mas que Deus nos presenteou colocando-o em nossa família.

— Saiba meu sogro, que isso é o que mais desejo que aconteça. Como já disse, estou muito arrependido do que fiz, e tenho muito sofrido com tudo isso.

Dona Celeste com sua voz embargada, intercedeu: — Têm males que veem para nosso bem, somente quando ficamos velhos percebemos, que os filhos e os netos são os verdadeiros tesouros nossos que ficarão, ainda que provisoriamente aqui nesse mundo. Os tesouros materiais que juntamos, esses pouco ou quase nada nos representam.

Não obstante Sr. Antonio e Dona Celeste não conhecerem Clemente, pela maneira como a filha Dona Cecília, falava sobre ele, concluíram que não deveria ser uma má pessoa, o fato dele ser professor, ou melhor, dele aceitar essa condição, era um indicador que não deveria ser uma pessoa rude, de difícil convivência, então Sr. Antonio sugeriu ao genro:

— Caso Cândida e o marido retornarem, faremos muito gosto em tê-los em nossa casa, necessitamos de um casal jovem que possamos confiar, e que nos façam companhia, e leve-nos para passear nos lugares onde desejamos, na cidade para ajudar resolver nossos negócios, fazer nossas compras do mês. Afinal são pessoas da família, e o dia de amanhã tudo que temos acabarão sendo deles, o futuro de nossa família queiramos ou não dependerá de nossos três netos, seus três filhos.

Dona Cecília que se mantinha calada, visivelmente magoada com o marido, acrescentou:

— Não papai, o lugar de nossos filhos é aqui, como o Senhor disse, queiramos ou não isso tudo amanhã pertencerá a eles, eu e Ferdinando não pretendemos viver como o Senhor e a mamãe, socados naquela fazenda, sem conforto, trabalhando a vida toda. Porque vocês dois nunca tiveram uma boa vida, só trabalharam e sofreram.

— Não minha filha, vivemos a vida que escolhemos viver, por sinal muito felizes, porque sempre nós amamos, e procuramos sempre evitar criar problemas para nós, e para você nossa única filha. O que eu quis dizer, foi justamente, que é preferível que Cândida e o marido vão morar conosco, que viverem aqui causando ou sofrendo algum tipo de atrito.

Coronel Ferdinando depois de refletir um pouco, avaliou que sua situação perante a esposa, que já não era das melhores, havia piorado consideravelmente com a revelação parcial de seu segredo, recorreu ao pequeno grupo familiar, para fazer alguma coisa, no sentido de solucionar o problema, perguntou:

— O que sugerem que eu deva fazer, para tentar localizá-los, e convidá-los para que retornem, e comecem refazerem suas vidas aqui junto de nós?

Dona Cecília, parece que há muito tempo acalentava uma sugestão, que dormitava em sua consciência de mãe, disse: — Talvez os pais de Clemente sabem onde eles estejam morando, se você me levasse até à casa deles, a mim talvez revelariam.

— Prometo em breve levá-la até onde moram. Já estive lá, moram em uma chácara, às margens de um pequeno rio, em Coxipó do ouro, fica próximo à Cuiabá.

— Você já esteve lá? Perguntou o sogro admirado.

Dona Cecília respondeu ao pai, pelo marido: — Esteve papai, acompanhado pela polícia para prendê-lo, se o tivessem encontrado.

Coronel Ferdinando, justificou-se: — Isso foi logo quando fugiram.

Estávamos no final do mês de janeiro, depois de permanecerem por uma semana na casa do genro e da filha, Sr. Antonio e Dona Celeste, retornaram para sua fazenda, próxima à Corumbá, com a promessa que logo o genro e a filha, fariam a viagem até à casa dos pais de Clemente. Assim que os sogros se foram, Coronel Ferdinando colocou-se à disposição da esposa, para realizarem a esperada viagem.

A bordo de um transporte alugado, Coronel Ferdinando e Dona Cecília, chegaram à chácara às margens do rio, que havia pertencido à família de Sr. Cristovão, onde ficaram sabendo do novo endereço deles, na cidadezinha.

Coronel Ferdinando e a esposa, não tiveram dificuldade em encontrar a nova residência de Sr. Cristovão e Dona Santa, bateram palmas em frente à casa modesta, Sr. Cristovão abriu a porta e deparou-se com o casal, e imediatamente reconheceu o pai de Cândida, que foi apresentado à esposa. Foram convidados a entrarem e Dona Cecília, conheceu a mãe de Clemente Dona Santa. Sentaram-se em cadeiras, e Dona Cecília revelou o

motivo da visita. Para o desespero de Coronel Ferdinando, Sr. Cristovão começou dizer tudo que sabia:

— Na virada do ano recebemos a visita de nosso filho Clemente, pediu-me que fosse até vossa casa, para levar uma carta de vossa filha, como fiquei com medo ir até lá, a pedido de Clemente, fui até a Delegacia e fiquei sabendo através do Delegado, que o Coronel havia retirado à queixa, e tinha assumido por sua conta e risco a procura deles. Então Clemente não permitiu mais que eu fosse, e deliberou ir pessoalmente até vossa casa para entregar a carta de Cândida, deixou-nos um envelope com uma boa quantia em dinheiro, como presente de Natal, despediu-se e não o vimos mais. Antes de ir dizer-nos apenas que ele e a esposa Cândida, estavam muito bem, que ela estava grávida de quatro meses, e pretendia ganhar o filho em vossa casa no mês de maio. Garantiu-nos que iria até lá, o que o fez mudar de ideia, isso não sabemos, pois não o vimos mais. O tempo todo que esteve aqui, não os revelou onde estavam morando. Talvez não quisesse que deveríamos saber. Isso é tudo que sabemos deles.

Em todo o caminho de volta por mais que Coronel Ferdinando, tentava agradecer a esposa, a única coisa que conseguiu ouvir dela, foram essas palavras:

— Ferdinando, lá em nossa casa lhe disse que não o conhecia, que não deveria ter voltado. Agora lhe digo que o conheço ainda menos. E só voltarei ser sua mulher quando tiver minha filha de volta.

Coronel Ferdinando também desconhecia a esposa, e somente agora havia descoberto que era uma mulher extre-

mamente determinada e obstinada. Ele tinha consciência que havia cometido muitos outros erros graves, ao longo de sua vida conjugal. E sabia que enquanto não trouxesse a filha de volta pra casa, não teria mais Dona Cecília, como esposa. Esse era o preço que teria que pagar, primeiro; por ter colocado seus dois capangas no encalço de Clemente e Cândida, segundo; ter dado ordem de eliminar Clemente, terceiro; retirado a queixa de rapto, mas assumido o compromisso de capturá-los por sua conta e risco, quarto; permitir que a esposa descobrisse suas mazelas através de outrem. Quantos segredos mais Dona Cecília desconhecia? Com certeza perdeu a credibilidade que tinha com ela. Segundo o adágio, a verdade demora, mas uma hora aparece. Ou os dizeres bíblicos, que não existe nada de oculto, que não se revele. E o ditado popular que diz, que a mentira tem as pernas curtas. Ele tinha consciência que tudo isso era verdadeiro, como também, que a esposa desconhecia muitas verdades, que estavam pendentes de solução, mas haveriam de se apresentarem cada uma em seu tempo. Revelar tudo para a esposa esperando obter dela, delação premiada, era um ato de altíssimo risco que ele não ousaria correr, porque seria o mesmo que mandá-la de volta para casa paterna, e isso ele não suportaria.

03/05/2022

Clemente, o Visionário

E SSE PROBLEMA Clemente não tinha, tudo que lhe acontecia, ou o que ele fazia, compartilhava com a esposa, e na medida do possível ela o ajudava aceitar, ou resolver as intempéries da vida, que agora havia decidido se apresentar em forma de decreto. A parede dos fundos da caverna, havia tomado uma decisão autocrática, decretado não produzir mais pó de ouro. O primeiro quadrilátero explorado da parte intermediária da parede, recusou-se repetir a produção dos quadriláteros vizinhos. Então Clemente viu suas projeções despencarem à níveis inconcebíveis, se os

nove quadrados restantes produzissem como esse último, sua produção total não atingiria uma mil gramas, ou seja, redução de oitocentos gramas.

Como disse Sr. Basílio, com sua vasta experiência, garimpeiro não pode desanimar, se não for obstinado e perseverante não serve para a função. Mas quem não desanima presenciando um quadrado de um metro produzir oitenta gramas menos que seu vizinho, somente o consolo de uma esposa compreensiva e carinhosa poderia confortá-lo. Depois que Clemente e Cândida retornaram da viagem que fizeram naquele final de ano, misteriosamente o minério de ouro desapareceu daquela parede, que à princípio lhe acenava com perspectiva de um futuro promissor, e sem mais nem porque a cada lavada a produção diminuía diante de seus olhos.

Estrategista como era Clemente precisava de um alento para recuperar seu ânimo, riscou um quadrado de um metro, do lado oposto de onde havia cavado pela última vez, no dia seguinte colocaria todo aquele cascalho no chão, e lavaria tudo. Então estaria selada sua perspectiva de produção. No dia seguinte Clemente constatou que a reserva de minério de ouro de sua mina, havia prematuramente se expirado. O ouro existente estava concentrado na área de um retângulo, que media um metro de largura, por sete metros de comprimento, por mais otimista que fosse, a perspectiva de encontrar mais ouro era praticamente inexistente.

Conclusão, sem considerar o ouro que havia vendido ao Sr. Juvenal, que foi utilizado para cobrir as

despesas triviais, havia lhe sobrado oitocentos e oitenta gramas em barras de ouro. Isso era tudo, qualquer direção que escavasse e lavasse o cascalho escavado, o ouro não aparecia. Clemente continuou cavando e lavando, no início do próximo mês iriam à cidade, para que Cândida tivesse a criança, pretendia levar todo ouro em pó que conseguisse, para não ter de vender ouro em barra para o Sr. Juvenal, que na última transação demonstrou suspeitar de algo incomum. Mas o trabalho de mineração de ouro dentro daquela caverna estava economicamente inviável. Isso significava que o que se obtinha não compensava o trabalho.

Enquanto Cândida se dedicava arrumando as roupinhas da criança em uma mala, Clemente insistia no trabalho infrutífero de lavar cascalho, para aumentar seu excedente de ouro em pó, para fazer frente aos gastos que com certeza teriam que realizar, com a chegada de seu primogênito. Nos últimos dias dedicou-se à pescaria, levaria uns cinquenta quilos de peixe desidratado, para vender e doar para os amigos, como sempre fazia, e alguns produtos de sua roça caseira, sairiam com certa antecedência para viajarem tranquilo, colocou um colchão na canoa para que Cândida viajasse mais confortavelmente.

Tudo ocorreu conforme previsto, hospedaram-se como sempre na casa do compadre Sr. Quim Vila e comadre Dona Sulema Vila, foram até à casa de Sr. Basílio e ficou combinado que Dona Gertrudes lhe assistiria durante o parto, e todos os dias lhe visitaria para

acompanhar a evolução de sua gestação. Não obstante Sr. Quim e Dona Sulema, terem nenhum parentesco com Clemente e Cândida, desde que se conheceram tornaram-se grandes amigos, e Clemente sempre soube recompensá-los pela generosidade que demonstravam, afinal eram pessoas muito necessitadas, mas nunca lhes revelou nada sobre suas atividades de garimpeiro de ouro. Por uma questão de segurança, nessa particularidade o casal era muito discreto, e pouco falavam.

Fazia uma semana que Clemente e Cândida, estavam na casa de Sr. Quim, numa noite de quarta-feira, Clemente foi chamar Dona Gertrudes, Cândida apresentava sintomas que a criança nasceria naquela noite. Na madrugada nascia um lindo menino, forte e saudável, a quem os pais já haviam decidido, se fosse menino chamaria Felipe, o primeiro filho de Clemente e Cândida, ele com menos de vinte anos, e ela com dezessete, um casal muito jovem, que estavam juntos há pouco mais de um ano, não eram ainda casados legalmente, mas se amavam profundamente. Quando Clemente viu o filho, ficou como abobalhado, abraçou-se à esposa e começou chorar.

Quando o dia amanheceu Clemente continuava atrapalhado, era muita emoção para usufruir sozinho, como gostaria compartilhar com seus pais, com os sogros, aquela felicidade que sentia, Cândida ainda convalescente do esforço desferido em quase três horas de trabalho de parto, olhava para o marido, e achava tudo muito engraçado, mas o simples ato de sorrir ou falar, causavam lhe desconfortos, então preferia fingir que o

ignorava. Bastava a criança resmungar na cama, lá vinha o pai cuidadoso ampará-lo.

Dona Gertrudes e Dona Sulema, aconselharam Cândida que permanecessem lá descansando ao menos uma semana, seria muito bom para sua recuperação e também para o bem-estar da criança, embora o pai demonstrasse pressa em retornar, acabou cedendo, ouvindo a voz da experiência, afinal não tinha nada de importante para fazer, lá onde moravam. Para passar o tempo, Clemente começou frequentar uma espécie de praça abandonada próxima à ponte do rio, onde alguns homens se reuniam para conversar, ou propor algum negócio. Ouviu daquelas pessoas, as facilidades para se obter uma gleba de terras, bastava escolher uma área onde ninguém residia, construir um barraco ou uma casa, procurar o órgão competente do Estado, e requerer o título de domínio e posse. Ou adquirir de terceiros uma gleba já requerida do órgão agrário do Estado, o preço das terras nessa época era insignificante, isso porque existiam muitas terras, e poucas pessoas interessadas ocupá-las, devido a uma série de dificuldades, falta de estradas, escassez de recursos, baixo preço dos produtos da lavoura, doenças silvestres. Mas à medida que os colonizadores vindos dos Estados do Sul do Brasil, fossem ocupando a região, principalmente os paulistas e os mineiros, as terras com certeza valorizariam. O momento de investir em terras era aquele.

À noite Clemente conversando com Sr. Quim Vila e Sr. Basílio, sobre a possibilidade de requerer uma gleba

de terras do Estado. Ouviram deles que não valia a pena, o ganho que obteria não compensava o sacrifício, teria que morar no mato como um bicho, e terras não valiam praticamente nada, à não ser que tivesse ouro, madeira e produtos de lavouras, também não tinham valor, exigia gastos e muito trabalho, e as áreas de garimpo já tinham seus proprietários. O que mais existiam na região eram fazendas abandonadas pelos proprietários, endividados abandonavam tudo e fugiam, fazendas somente para quem não tivesse outra opção, mas não tinha futuro promissor.

Na opinião de Clemente pessoas como Sr. Quim Vila e Sr. Basílio, já haviam sofrido muito na vida e muito pouco conseguiram, estavam resignados em suas condições de pobreza sem expectativas de que as coisas pudessem melhorar, não os condenavam por pensar assim, seu pai era um exemplo de homem malsucedido, trabalhou toda uma vida, para terminar apenas com uma casinha na periferia de uma pequena cidade. Mas ele era jovem, e tinha que provar para Cândida e para si mesmo, que tinha capacidade de conquistar alguma coisa de sólido e consistente, para não ter um futuro como aquelas pessoas, que por nada possuírem, se encontram esquecidos e abandonados pelos próprios filhos. Pensava consigo, se um dia conseguir uma gleba de terras, vou buscar meus pais para virem morar comigo, penso que não são felizes naquele lugar sozinhos, depois de terem criado sete filhos. De meu sogro e minha sogra, não quero mais nada, deram-me tudo que queria. Só desejo que um dia eles reconheçam que estavam errados sobre minha pessoa.

Passado uma semana, Clemente, Cândida e o pequeno Felipe, despediram-se dos amigos, sem não antes, retribuí-los e agradecê-los por tudo que fizeram. Alugaram um transporte para levá-los até o rio, onde se encontrava a velha canoa que ganharam de um negro desconhecido chamado Sr. Vitorino, mas se Deus permitisse um dia ainda queria reencontrá-lo.

Enquanto a canoa era conduzida pela correnteza do rio, Clemente no piloto do barco, perguntou à esposa que estava sentada sobre o colchão, abraçada ao filhinho, o que ela achava que ele pretendia fazer quando chegassem em casa?

Cândida ficou pensando, olhando para o filhinho, arriscou dizer: — Penso que deve desistir de procurar ouro naquelas paredes, e ajudar-me olhar e cuidar desse nosso maior tesouro.

— Exatamente que pretendo fazer. Mas pretendo fazer outra coisa, e queria ouvir sua opinião?

— O que está pensando fazer?

— Estou pensando demarcar nossa fazenda. Fincar um marco de aroeira no ponto onde nasce a serra, onde moramos, medir cinco quilômetros subindo às margens do rio, fincar outro marco, fazer uma picada de cinco quilômetros, nas outras três faces, perfazendo uma área de cinco quilômetros quadrados, o que daria duas mil e quinhentas hectares, ou mil alqueires de terra. Depois de demarcada a área, ir até a capital, requerer o título de posse. Caso obtivesse a concessão, venderia todo nosso ouro, arregimentaria dezenas de trabalhadores, construi-

ria algumas casas simples para moradia, derrubaria umas três centenas de hectares da mata, com ajuda desses trabalhadores, depois buscaria meus pais para morar conosco, e começaríamos formar nossa fazenda.

— E tudo é simples assim?

— Como você acha que seu pai, seu tio, conseguiram suas terras. Foi exatamente dessa maneira. As terras nessa região são conseguidas dessa maneira. Foi a informação que tive lá na cidade, todas essas terras pertencem ao Estado, quem requerer o título de propriedade e ocupá-la, e não permitir que ninguém a invada, essa passa ser seu verdadeiro proprietário. Mas para se conseguir a documentação, precisa-se gastar um pouco.

— E quanto valem essas terras?

— Hoje não valem nada, mas daqui cinquenta anos estarão produzindo muitas coisas, e valerão muito, faremos isso pelos nossos filhos, daqui a dez anos o Felipe estará me ajudando, e no futuro tudo isso pertencerá a eles, porque teremos muitos filhos.

Clemente disse aquelas palavras com tanta convicção, que Cândida não ousou contradizê-lo, porque a razão de sua vida agora, seria em função daquele filho que trazia nos braços, que a pouco havia considerado nosso maior tesouro, se teriam muitos outros filhos, haveriam de ser muito ricos, possuiriam um tesouro ainda maior, ao lado do marido que muito amava, e desse tesouro que o marido lhe prometia, nada poderia temer. Aquela agora seria sua grande família. Chegaram em casa no meio da noite. Na manhã seguinte, Clemente

escalou uns cem metros da serra, e teve a visão dimensional daquilo que seria sua futura fazenda. Era um imenso planalto, coberto de densa vegetação uniforme, que até então não tinha tido a curiosidade de observar, porque até então nunca tinha cobiçado, nem pensado fincar ali suas estacas e construir seu paraíso. Mas a chegada daquele filho, suscitou-lhe o desejo de ali se estabelecer, e fazer daquele local a sua terra prometida, que com a ajuda e as bênçãos de Deus, haveria de fazer jorrar leite e mel, criar sua prole, e deixá-la para sua posteridade, para que se lembrassem dele e da esposa, como o casal de jovens que fugiu da terra de seus pais, em uma velha canoa roubada, para muito longe encontrarem um paraíso perdido, nas entranhas de uma floresta, às margens de um rio, onde duas serras tentaram sem sucesso, impedir o curso de suas águas, para ali juntos viverem uma linda história de amor, e construir seus futuros.

05/05/2022

Segunda

Parte

Mudanças nos Planos

O HOMEM determinado se caracteriza por saber o que quer, e onde deseja chegar, o casal determinado necessita compartilhar das mesmas pretensões e objetivos, qualquer divergência de entendimento constitui dificuldades que certamente os conduzirão em direções diferentes. Cândida à princípio não emitiu seu parecer, competia a ela se inteirar melhor do assunto, conhecer as reais possibilidades, a verdade que ela tinha consciência que a partir do momento que aceitou acompanhá-lo, seria

uma decisão irreversível, com a chegada do filho essa condição se tornava ainda mais consolidada, a vida dele, seria sua própria vida.

Clemente abandonou definitivamente a picareta, a talhadeira, o balde e a gamela, o garimpo seria como uma grata experiência, que faria parte de seu passado. Logo na manhã seguinte, amolou o velho machado e a foice, com o facão a tiracolo, uma cabaça com água, e uma matula com comida, embrenhou-se na mata rio acima, até encontrar um pequeno afluente, que distava uns cinco quilômetros de seu ponto de partida, ali seria o limite da área margeando o rio que pretendia apossar-se. Continuou subindo o córrego em direção a sua nascente, quando calculou que havia penetrado mais ou menos a mesma distância, fincou o terceiro marco, e iniciou a picada no sentido paralelo ao sentido do rio, faria essa picada até atingir uma linha reta ao início da serra às margens do rio, ali fincaria o quarto marco, concluiria a picada até à serra que começava às margens do rio, fechando assim o quadrilátero de aproximadamente cinco quilômetros quadrados, seria a área que pretendia requerer, e ali construiria um pequeno paraíso para sua posteridade.

O homem tem o direito em sonhar, mas realizar esse sonho exige iniciativas e atitudes, sobretudo sacrifícios, e investimentos, as coisas não acontecem só porque as desejamos. Por três meses Clemente trabalhou interruptamente realizando essas picadas que circundavam, demarcando assim toda a área. Acompanhado da esposa e do filho, iriam até à cidade, fazer uma boa

compra, batizar o filho, se informar como deveria proceder, para requerer sua gleba de terras. Separou uma parte de uma barra de ouro, de aproximadamente trinta gramas, a esmagou transformando em pepitas novamente. Chegando à cidade converteu seu ouro em pepitas em dinheiro, a maior quantidade vendida em uma única vez, desta vez Sr. Juvenal, perguntou-lhe onde estava conseguindo encontrar tanto ouro. Explicou ao comerciante que infelizmente aquela seria a última partilha de ouro que venderia, sua mina havia esgotado por completo a produção, sem revelar a localidade nem acrescentar nenhum detalhe

Na companhia de Sr. Quim Vila, procuraram por um engenheiro agrimensor chamado Sr. Olavo, e contratou seus serviços de profissional habilitado para realizar a medição da área, fazer o croqui, e elaborar o memorial descritivo da área. Para depois procurar o Departamento Estadual competente para formalizar o requerimento. Quando revelou a distância e o tempo da viagem de barco, Sr. Quim Vila, considerou que Clemente só poderia estar brincando, estabelecer-se em região tão distante e isolada, era uma verdadeira loucura.

No domingo pela manhã Sr. Joaquim Vilarinho e Dona Sulema Vilarinho, batizaram o pequeno Felipe, e o padre aproveitou o ensejo e realizou o casamento religioso de Clemente e Cândida, foi a condição que impôs para batizar a criança. Tudo muito prático, rápido e eficiente, mas com preços bastante majorados. Depois das cerimônias, Clemente patrocinou um almoço para os

amigos, na casa do agora compadre Joaquim Vilarinho. E todos estavam muito felizes.

No início da semana depois de realizarem uma boa compra de mantimentos, o casal retornou acompanhado do agrimensor Sr. Olavo e seu auxiliar chamado Sr. Julinho, que viajaram em barco próprio, com o propósito de executar os serviços relativos à medição e demarcação da área de terras de Clemente. Estávamos no período de poucas chuvas, exatamente quando as aves retornavam ao local, para banquetear a abundância de peixes presos nas fendas das pedras, Sr. Olavo ficou encantado com a exuberância do lugar, e a quantidade e a facilidade para se obter peixes, naquele ponto do rio. Durante quinze dias trabalharam acompanhados por Clemente, para efetuarem todos os registros, das distâncias e dos respectivos pontos cardiais, necessárias para identificar a localidade correta do imóvel. Nesse período todas as manhãs, percorriam sobre as pedras, recolhendo os peixes maiores, e conseguiram acondicionar uma enorme quantidade em mantas, que foram salgadas e secados ao sol, para levarem para suas casas.

Terminado o serviço de campo, Sr. Olavo comprometeu-se que no prazo máximo de vinte dias, toda escrituração dos dados e elaboração das planilhas e dos mapas, estariam concluídas, constituindo assim a documentação necessária, que estaria à disposição de Clemente para as providências que ele considerasse pertinentes.

Agora Clemente pretendia com ajuda da esposa, escolherem um local às margens do rio, que

estivesse fora do alcance das enchentes, para limparem o terreno, construírem uma moradia provisória, plantarem algumas árvores frutíferas, onde mais tarde pudessem construir uma boa casa, pretendiam ali criarem seus filhos, e começar todo um trabalhoso e demorado processo, para formação de uma boa parte da propriedade. O rio por enquanto era a única via de acesso, por isso pretendia também adquirir um bom barco, acoplado com recursos eólico de dirigibilidade, para facilitar suas viagens até a cidade, que ficava há quase cento e cinquenta quilômetros rio acima. Daí um mês voltariam à cidade, deixaria a esposa e o filho na casa do compadre Sr. Quim Vila e de comadre Dona Sulema, iria até a Capital requerer a posse de suas terras, e se possível trazer seus pais para morar definitivamente com eles. Seu pai Sr. Cristovão, era um homem forte e saudável, não tinha completado ainda sessenta anos de idade, sempre morou na roça, certamente iria aceitar sua proposta. Sua mãe Dona Santa, talvez relutasse à princípio devido aos outros filhos, mas com ajuda do pai a convenceria também mudar-se. Sua intenção era retirar os pais daquela vida de confinamento, em uma casa de periferia, e proporcionar-lhes uma vida de descanso e liberdade, sem preocupações.

Como dissemos no início desse capítulo, um homem determinado necessita possuir escrúpulos, havia se passado um mês, Clemente e sua pequena família chegavam de volta a Vila Bela, deixou a esposa e o filho na casa do compadre Sr. Quim, apropriou-se dos documentos

de suas futuras terras, pagou o restante que devia ao agrimensor Sr. Olavo, despediu-se da esposa, do filho, e dos compadres e pegou o transporte com destino à Capital.

Levou consigo trezentos gramas de ouro, três barras do mesmo peso e tamanho, na Capital em uma loja que comprava ouro em quantidade, não obstante seu produto ser de origem clandestina, tinha pureza e qualidade, com algum deságio converteu o metal precioso em dinheiro, contratou os serviços de um advogado experiente nessa área, procuraram o Departamento de Serviços de Assentamentos Agrários do Estado, e deram entrada ao processo de requerimento do título de posse e propriedade, daquela área conforme documentação. Dr. Otacílio ficou encarregado acompanhar todo processo, assim que tivesse novidades, comunicaria ao Sr. Olavo, em Vila Bela. Com o restante do dinheiro, que não era pouco, pretendia acertar a encomenda da construção de um barco maior, que havia empreitado junto a uma marcenaria de Vila Bela, seria uma surpresa que pretendia fazer à esposa.

Depois foi até à casa dos pais em Coxipó, convidou-os para acompanhá-lo e vir morar com eles em uma enorme gleba de terras, localizada às margens de um rio, nos sertões de Vila Bela da Santíssima Trindade, que havia se apossado e requerido o título de propriedade. Sr. Cristovão e Dona Santa, ficaram sem saber o que dizer, e se deviam acreditar ou não no que o filho estava falando. Então os pais lhe revelaram a visita que receberam de Coronel Ferdinando e da esposa Dona Cecília, que

desejavam saber o endereço deles, e estavam dispostos a relevar tudo que fizeram, e tê-los de volta na fazenda.

Para surpresa dos pais, Clemente disse que decidiu não ir à casa do sogro, porque não desejava que eles soubessem, onde estivessem morando. Pelo que haviam feito, desejava que os sogros sofressem a ausência da filha por alguns longos anos. Que só iriam procurá-los quando pudessem olhá-los e dizer-lhes, que não precisavam nem queriam nada que viesse da parte deles.

Sr. Cristovão e Dona Santa sentiram tanta convicção nas palavras do filho caçula, que imediatamente decidiram acompanhá-lo. Colocaram as poucas roupas que possuíam em uma mala, pegaram as poucas coisas de valor que possuíam, deixaram as chaves da casa com uma vizinha, revelando apenas que iriam passar uns tempos na casa do filho Clemente, que os demais filhos não se preocupassem com eles, isso era tudo que tinham a dizer. Na verdade, o casal achou o convite oportuno para se ausentarem, aproveitarem aquele momento que os outros filhos decidiram cada qual, cuidar de sua própria vida, afinal todos eram adultos, e já haviam dado muitas dores de cabeça aos pais.

Foram até ao centro da Capital, de onde partiam os transportes para todas as regiões do Estado, pegaram uma jardineira motorizada em direção ao longo caminho que os levariam para a antiga capital do Estado.

08/05/2022

Surpresa Frustrada

N ESSA ÉPOCA A QUAL reportamos, viajar era um verdadeiro desafio, principalmente nessa região. Não obstante a presença dessas jardineiras rústicas motorizadas, usadas exclusivamente em longas distâncias, a precariedade das estradas, e das pontes, aliadas à intensidade de chuvas em certas épocas do ano constituíam um empecilho real, que faziam dos rios e das embarcações as principais vias e meios de locomoção mais eficientes, e eram usados intensi-

vamente. Mas a região de Vila Bela, está sob a influência de um divisor de águas, ascendentes à bacia Amazônica, logo as viagens na direção sul do país, e vice-versa, obrigatoriamente tinham que ser via terrestre. Depois de alguns dias de viagem, Clemente e os pais chegavam à Vila Bela, onde Cândida e o filho Felipe, os esperavam.

Naqueles poucos dias que Clemente esteve na Capital, com o propósito de requerer o título de posse de sua gleba de terras, aconteceu esse fato que tornariam seus nomes bem conhecidos na pequena cidade, o barco que ele havia mandado construir em uma marcenaria local, inclusive sem o conhecimento da esposa, pois queria fazer uma surpresa, o que acabou não acontecendo como desejaria. O dono da marcenaria, que se chamava Sr. Salustiano, havia assumido o compromisso de montar a embarcação próximo ao ponto do rio onde Clemente costumava deixar sua canoa. Optou por montar o barco em sua marcenaria, quando ficou pronto teve que montar um grande esquema, para remover a embarcação até onde havia combinado, foram necessários atrelarem dois carros de bois, para transportar a embarcação até o rio, devido seu tamanho acima do normal, e isso chamou a atenção dos moradores locais, e todos queriam saber quem seria o dono daquela embarcação, Sr. Salustiano acabou revelando sem nenhuma restrição o nome de Clemente, o rapaz que há alguns meses atrás, havia encomendado a construção do barco, para atender suas necessidades e pretensões. Começou-se grande especulação para se descobrir quem seria Clemente, acabaram

descobrimos que era o jovem casal que costumava se hospedar na casa de Sr. Joaquim Vilarinho, os mesmos que vendiam peixes secos de casa em casa, de repente já ficaram sabendo que Clemente vendia pepitas de ouro no escritório de Sr. Juvenal, depois descobriram que recentemente tinha contratado os serviços do engenheiro agrimensor Sr. Olavo, para demarcar uma gleba de terras, às margens do Rio Corrente, em um lugar tão distante que ninguém conhecia, exceto o Sr. Olavo e seu auxiliar o Sr. Julinho, que estiveram lá executando os trabalhos, e disseram que o lugar era muito distante, em compensação um verdadeiro paraíso, inclusive que trouxeram de lá enorme quantidade de peixes secos, e muitos desejavam conhecer esse casal Clemente e Cândida. Quando o marceneiro ficou sabendo que ele havia chegado, acompanhado de seus pais, na casa de Sr. Joaquim Vilarinho, foi até lá para comunicar o que ele havia ficado sabendo pela própria esposa, que a embarcação já se encontrava ancorada no lugar onde tinha orientado, muitos curiosos acabaram indo até lá e acabaram os conhecendo. Então o marceneiro propôs levá-los até o rio para receber a encomenda. Clemente acompanhado da esposa, do filho, dos pais, e dos compadres, foram levados até onde o barco se encontrava ancorado, depois de inspecionar minuciosamente a embarcação e fazer algumas manobras dentro do rio, aprovou o trabalho da equipe de marceneiros de Sr. Salustiano, que poderiam ser considerados barqueiros profissionais, e para surpresa dos presentes, ali mesmo efetuou o pagamento em

dinheiro, do valor que haviam ajustado. Apesar de ser uma pessoa muito jovem e simples, todos tiveram boa impressão a seu respeito, como também de todos que o acompanhavam.

Depois voltaram todos para à cidade, fizeram uma boa compra no comércio, e antes de irem embora, Clemente encarregou seu compadre Sr. Joaquim Vilarinho, identificar algumas famílias que desejassem se mudar para sua fazenda, para derrubar matas e plantarem roças, que em breve retornaria para acertar os detalhes, pois esse foi o compromisso que havia assumido junto ao Departamento Agrário do Estado, que exigiu que começasse abrir e cultivar imediatamente suas terras. E dessa forma o casal que por quase dois anos permaneceram ali praticamente anônimos. Devido a construção do barco, tornou-se de repente conhecido por muitos, uns diziam que Clemente procedia de família muito rica, outros de família muito poderosa.

Não obstante os pais de Clemente serem pessoas procedentes e acostumados com a vida sertaneja, à medida que a embarcação imponente ia deslizando sobre as águas daquele rio, e penetrando a intimidade daquelas matas, um sentimento de saudosismo invadia seus corações, como uma grata satisfação, que não mais pensavam que poderiam reviver. Aquele mundo intocado tinha o poder de ressuscitar velhas recordações, que apenas dormitavam em suas memórias, mas ainda pulsavam com vitalidade das melhores épocas de suas vidas. Clemente sentado no piloto da embarcação, observava a esposa en-

tretida e sorridente com o filho nos braços, lembrava a emoção que sentiu na primeira vez que passou por aqueles caminhos, agora observava os pais, imaginando o que poderia estar passando em suas mentes cansadas. Com certeza lembranças de seus bons tempos do passado.

Quando o barco novo de Clemente aportou o ancoradouro de pedras, próximo ao estreito entre as duas elevações rochosas, deveria ser cinco horas da tarde, horário em que miríades de pássaros sobrevoavam a plataforma de pedras, disputando os peixes pequenos que nadavam ziguezagueando entre as pedras da corredeira do rio, numa algazarra de gritos e cantos, formando um barulho perturbador. Sr. Cristovão e Dona Santa, de pé no barco contemplavam aquele cenário, e não acreditavam que poderia existir sobre a terra um lugar como aquele, em todas suas vidas não tinham vistos nada que se assemelhasse àquele paraíso. A quantidade e a diversidade de aves, era indescritível, pássaros de todos os tamanhos e cores, se misturavam numa festa desorganizada. Saíram do barco, Clemente foi conduzindo seus pais, em direção a rampa que dava acesso à elevação rochosa, quando atingiram certa altura, tiveram a visão de toda extensão da mata, disse aos pais: — Estão vendo toda essa área, é aí que pretendo formar nossa fazenda, já trouxe o agrimensor medimos e demarcamos toda essa área, é um quadrado que mede cerca de cinco mil metros cada lado, totalizando mais de um mil alqueires, ou mais de duas mil e quinhentas hectares, levei todos os papéis no Departamento Agrário do Estado, e através de

um advogado requeremos em meu nome o título de propriedade.

— Com que dinheiro você conseguiu fazer isso meu filho?

— Agora venham conhecer nossa casa, que vou explicar.

Andando sobre as pedras, desceram pela rampa, através de uma trilha andaram aproximadamente setenta metros, entraram por uma fenda na parede de pedras, adentraram a galeria principal da caverna onde Cândida já estava com o filho, então Clemente começou explicar aos pais: — É aqui que estamos morando desde que encontramos esse lugar, estão vendo essas escavações nessa parede, daqui conseguimos extrair quase um quilo de ouro em pó, como o ouro acabou, resolvi abandonar o garimpo e aposar de uma parte dessas terras que pertencem ao Estado, vendi uma parte do ouro que extraímos, paguei o agrimensor para medir e fazer os documentos, contratei um advogado na Capital, e requeremos o título de propriedade, mandei construir o barco. Agora pretendo construir as moradias, assim que ficarem prontas nos mudaremos para lá. Lá no Departamento Agrário do Estado, assinei um documento me comprometendo começar abrir a propriedade e plantar lavouras. Para isso deixei meu compadre Sr. Joaquim Vilarinho, encarregado encontrar algumas famílias que queiram se mudar para aqui, para derrubar mato e plantar roças. Construiremos casas simples de pau a pique, cobertas com folhas de buritis, somente no futuro construiremos casas melhores, tudo têm que ser muito planejado, calculado, e aos poucos executados.

— Como sabe que não existe mais ouro nessas paredes?

— Já cavamos por todos os lados, o ouro existente nesses cascalhos é muito pouco, não vale a pena extrair, tenho todas as ferramentas, mas desisti de continuar garimpando. Resolvi investir na terra, formar uma fazenda, no futuro criar gado. Se o Senhor quiser experimentar fazer um teste, cederei todas minhas ferramentas.

— Por que nos trouxe para morar com vocês?

— Aqui poderão ter quase tudo, terão liberdade para fazerem o que quiserem, sem precisarem trabalharem nem se preocuparem com nada, poderão descansar, comer, dormir e pescar, achei que aqui seria melhor para vocês dois, do que ficarem presos naquela casa lá na cidade.

Enquanto Clemente e Sr. Cristovão buscavam as compras no barco, Dona Santa brincava com o neto e conversava com a nora, Cândida providenciava o jantar, em um fogão improvisado sobre pedras, Dona Santa perguntou à nora, onde tomavam banho, Cândida respondeu à sogra: — Todas as tardes vamos os três pelados até o rio e nos banhamos, agora não sei como faremos.

Dona Santa refletiu um pouco e disse: — Depois vou esquentar água, e tomar um banho de caneco aqui dentro, Cristovão não sei como vai preferir se banhar. Mas poderão continuar banhando no rio, mas vestidos.

Depois de transportarem as compras, Clemente acompanhado do pai, foram até a roça munidos com o carrinho de mão, e colheram vários produtos que seriam utilizados para complementar a alimentação de todos, e do pequeno Felipe. Sr. Cristovão ficou admirado do ca-

pricho e da organização do filho, em manter uma roça bem cuidada e com a variedade de plantas produtivas. Estava ali a oportunidade de se ocupar, e de se sentir útil, e contribuir para terem uma alimentação saudável.

A intenção de trazer os pais para morar com eles, era uma ideia que desde o princípio Clemente alimentava, agora tinha conseguido realizar, por isso não teve dificuldades acomodá-los, seu pensamento era construir futuramente uma casinha para os dois morarem, mas por enquanto ficariam todos juntos.

11/05/2022

Um Paraíso Terrestre

O LEITOR HÁ DE SE lembrar que Clemente esteve na casa dos pais em Coxipó, no início do ano, depois voltou no mês de outubro e os levou para morar com eles. Como também há de se lembrar que Coronel Ferdinando e Dona Cecília, estiveram na casa dos pais de Clemente no final do mês de janeiro, logo depois que Clemente havia passado por lá. Fazia menos de um mês que Sr. Cristovão e Dona Santa, haviam fechado sua casinha, deixando a

chave com a vizinha, dizendo que iriam passar uns tempos na casa do filho caçula. Apareceu por lá novamente Coronel Ferdinando, porém estava sozinho, como encontrou a casa fechada, ficou sabendo através da mesma vizinha que o casal há poucos dias receberam a visita do filho Clemente, e deliberaram passar uma temporada em sua casa, mas infelizmente não revelaram o endereço para onde iriam.

Coronel Ferdinando não queria acreditar que a vizinha desconhecia o lugar para onde teriam ido, ofereceu-lhe muito dinheiro em troca da informação, mas propositadamente Clemente não deixou seu endereço. Aquela ameaça que Dona Cecília fez ao marido, que só voltaria ser sua esposa quando tivesse a filha de volta, estava rigorosamente levada a sério, da mesma forma que Dona Cecília alegou que não conhecia o marido, ele até então também não conhecia a esposa que tinha. Assim que chegaram em casa, Dona Cecília, mudou-se para o quarto da filha, e rompeu suas relações com o marido, apesar de viverem sob o mesmo teto, se falarem normalmente, Dona Cecília estava cumprindo o que havia prometido. “Só voltaria ser sua mulher, quando tivesse a filha de volta”. Uma verdadeira tortura para o Coronel, mas ele conheceu como ninguém, o que significava ter uma mulher obstinada. De uma coisa tinha certeza, um dia os pais de Clemente haveriam de voltar, então arrancaria deles o endereço da filha, ou não se chamaria Coronel Ferdinando Macambira. Deixou sigilosamente um outro vizinho encarregado de avisá-lo, quando

Sr. Cristovão retornasse com a esposa, em troca de uma quantia em dinheiro irrecusável. Voltou pra casa, sem dizer nada à Dona Cecília.

No dia seguinte que Clemente, Cândida e o pequeno Felipe, chegaram acompanhados de seus pais, logo pela manhã convidou os pais para conhecerem o local onde havia limpado, para construir as duas casas onde pretendiam morarem, à bordo da canoa antiga, que tinha trazido rebocada ao barco novo, foram margeando o rio pelo lado direito, até um ponto onde a margem ficava bem mais elevada, desceram e foram até o local que ficava retirado pouco mais de cem metros da margem do rio, onde já havia plantado algumas mudas de árvores frutíferas, um lugar plano e alto, que por mais que o rio enchesse, não seria atingido pela enchente. Depois continuaram subindo margeando o rio pelo mesmo lado, até o córrego que limitava a área que havia demarcado. Sr. Cristovão pode ter ideia da dimensão da propriedade, o filho não poderia ter escolhido um lugar melhor, a única inconveniência seria a distância da cidade. Mas esse detalhe não chegava ser um empecilho, na visão de Clemente. Era num lugar assim isolado que pretendia se estabelecer.

Sr. Cristovão perguntou ao filho: — Eu poderia escavar aquelas paredes, e tentar encontrar algum ouro?

— É claro meu pai, eu ajudarei o Senhor, mas logo vai perceber que o ouro lá existente é muito pouco. A não ser que o Senhor tenha muita sorte, não custa tentar. Acredito que o ouro que tinha lá extraímos praticamente tudo.

— Assim que retornaram Clemente ajudou o pai retirar um balde de cascalho, da parede dos fundos, encheu a gamela com água, e deixou que o pai acompanhado de sua mãe, concluíssem o trabalho, lavaram com todo capricho o material, depois retiraram o material descartável inútil, e deixaram em decantação enquanto almoçavam. Sr. Cristovão todo empolgado fazia planos para reiniciar sua antiga profissão de garimpeiro, esperaram o tempo necessário, retiraram toda a água da gamela, e o ouro depositado no fundo era tão insignificante que deixou o velho garimpeiro abatido e desolado, então Clemente para reanimá-lo, foi até o esconderijo, numa fenda da parede, e retirou as cinco barras de ouro remanescentes, e trouxe para os pais verem. Sr. Cristovão e Dona Santa nunca tinham visto uma daquelas, pegaram nas mãos e ficaram admirando os tabletes de cem gramas de ouro reluzentes, então Clemente disse emocionado aos pais:

— Com esse ouro pretendo formar uma parte dessas terras, porque eu e Cândida não pretendemos mudar desse lugar, é aqui que vamos criar nossos filhos.

— É claro que vocês vão conseguir, eu e sua mãe criamos sete filhos, sem ter nenhum pedaço de terras, garimpando ouro e diamantes e pescando nos rios. Quando consegui comprar aquela chácara vocês já eram praticamente criados. Se seus irmãos tivessem começado trabalhar cedo, para me ajudarem, como você fez, não teriam me endividado, poderíamos ter nossa chácara até hoje. Mas o que importa agora, é que parece que entenderam que cada uma precisa se cuidar de si mesmo.

— Se soubesse que poderia confiar em meus irmãos, poderia buscá-los para trabalharem aqui, mas prefiro que cada um deles encontre por si mesmo seu próprio caminho.

— Você está certo meu filho, nem eu aprovaria que fizesse isso, seus irmãos juntos não dão certo, tem que ser cada um por si, de preferência um bem longe do outro, e Deus por todos, foi necessário que vendesse a chácara, para pagar as dívidas que fizeram em meu nome, aí os obriguei que cada qual fosse cuidar de sua própria vida. Deus queira que nenhum mude de ideia e resolva voltar, não tenho mais condições de sustentar nenhum deles, porque se souberem que ajudei um deles, todos vão querer também ser ajudado, o bom é que não saibam onde estamos, não são como você que se preocupa com os pais.

— Meu pai acho melhor o Senhor fazer como eu, desistir desse negócio de garimpo, vai descansar um pouco, mais tarde vamos pegar os bambus e fazer uma pescaria, sei que vai gostar, aqui tem muitos peixes de qualidade, os únicos pescadores por aqui sou eu, e os passarinhos.

A pescaria de Clemente e os pais, demorou uma hora, mas poderia ter durado menos, em poucos minutos haviam pegado vários peixes, então passaram reterem os maiores e soltarem os menores. Se Clemente pretendia encontrar um bom motivo para agradar os pais, havia encontrado, pescar naquele rio era o sonho de qualquer pescador, a abundância e a variedade de peixes surpreenderiam até os mais experimentados ribeirinhos.

Quando Clemente teve a ideia de trazer os pais para morar naquele lugar, tinha certeza de que Sr. Cristovão e Dona Santa, não teriam nenhuma dificuldade para se adaptarem, porque viveram sempre em contato com a natureza, garimpando, pescando, cultivando suas pequenas roças, principalmente depois que foram forçados trocar a vida na chácara, pela periferia de uma cidade sem nenhum atrativo.

13/05/2022

Sorte de Garimpeiro

SR. CRISTOVÃO compreendeu que o filho estava certo, se dedicasse algumas horas do dia pescando somente peixes grandes, fizesse mantas, salgasse e colocasse secar ao sol, depois venderia na cidade, seria mais rentável que garimpar ouro dentro daquela caverna. Clemente deu todo seu apoio ao pai, em menos de um mês estariam voltando à Vila Bela, e o pai poderia acompanhá-lo e vender seus peixes. Iria com o barco grande, e se possível pretendia trazer uns com-

panheiros para dar início na construção das duas casas, conforme havia programado.

O relacionamento entre Cândida e a sogra, que à princípio desenhava-se difícil, devido cada uma pretender a preferência de Clemente, foi ofuscada pela presença de Felipe, que conquistou a atenção incondicional das duas, e acabou constituindo um elo que uniu a nora e a sogra na tarefa de proporcionar a ele todo seus carinhos e dedicações. Clemente sabedor da importância do bom relacionamento entre as duas, aproximava-se mais do pai, por achar cada vez mais imprescindível suas presenças ali com eles. O que caracteriza a boa índole de um homem, não se resume em proporcionar atenção e dedicação aos filhos, mas também aos pais.

Estávamos no mês de dezembro, Clemente acompanhado do pai, decidiram ir até à cidade, seria uma viagem bem rápida, Cândida, Dona Santa e o pequeno Felipe, ficariam em casa. Sr. Cristovão havia acondicionado quase cem quilos de mantas de peixes desidratados, os dois tiveram dificuldades em conduzir a enorme embarcação até o ponto mais próximo da cidade, e depois a quantidade de peixe até o mercado, mas felizmente em uma só peixaria conseguiram vender toda a produção, mas sem não antes reservar alguns para os amigos.

Passaram no escritório do engenheiro agrimensor Sr. Olavo, e obtiveram informações promissoras recebidas do advogado Dr. Otacílio, sobre o andamento do processo de escrituração de suas terras, com previsão de conclusão para o início do próximo ano. Depois foram

até à casa do compadre Sr. Quim Vila e Dona Sulema. Quando Clemente disse que pretendia levar dois ou três companheiros para ajudá-lo construir duas casas simples, com madeira da mata e cobertura com folhas de buritis, foi surpreendido com a proposta de seu compadre, diante da esposa falou categórico:

— Compadre Clemente está falando com a pessoa que pode ajudá-lo, nunca lhe disse nada, mas eu e compadre Sr. Basílio, já construímos muitas casas nesse estilo em fazendas, vamos falar com ele, se dispuser ir, possui todas as ferramentas necessárias, não precisará comprar quase nada, levaremos as mulheres, e poderemos ficar lá pelo tempo que for necessário, não se preocupe quanto iremos lhe cobrar, pagará aquilo que achar justo.

— Tem certeza de que poderão ajudar-me construir as casas?

— Certeza absoluta, vamos até à casa do compadre Basílio, se estiver de acordo poderemos sair amanhã logo pela manhã.

Foram os três até à casa de Sr. Basílio que morava próximo, quando Sr. Quim Vila, convidou o companheiro para a empreitada. Se Clemente tinha alguma dúvida, foram dissipadas pelo entusiasmo de Sr. Basílio, era como tivesse sido convidado para uma festa, uma excursão, menos para um trabalho. Se Clemente havia se impressionado com o entusiasmo de comadre Dona Sulema, mais surpreso ficou quando viu a felicidade de Dona Gertrudes, quando soube que acompanharia o marido. Diante daquela recepção positiva, não teve como pôr em dúvida

a competência dos amigos. Porque Sr. Basílio, apesar de ser mais velho, inspirava mais credibilidade, e ratificava as informações do Sr. Quim Vila, segundo ele, ambos já haviam construído em parceria mais de uma dezena de casas, nesse estilo simples, caso Clemente não tivesse muita pressa que as casas ficassem prontas, poderia deixar por conta dos dois, não precisaria se envolver. Levariam além das ferramentas necessárias para execução dos trabalhos, alguns colchões para dormirem e utensílios domésticos para facilitarem as coisas na cozinha. Enquanto Clemente e o pai foram fazer uma boa compra, pois tinham pela frente duas datas comemorativas, o Natal e o Ano Novo, os dois casais ficaram arrumando os apetrechos, com o entusiasmo de crianças que fariam um passeio muito desejado. Contratarem um transporte, e no outro dia bem cedo, saíam em direção ao rio. O barco novo de Clemente, era espaçoso e confortável, estando a favor da corrente do rio, quanto mais pesado mais rápido se deslocava, fazendo que a viagem proporcionasse uma sensação gratificante, aliado à beleza da paisagem fazia o tempo transcorrer célere, e a viagem um prazeroso passeio.

Depois de navegarem por algumas horas, à medida que o rio ia se encorpando, e a mata das duas margens se revelavam cada vez mais densas e impenetráveis, Sr. Basílio e Sr. Joaquim Vilarinho, moradores antigos da região, que conheciam muitos lugares, mas desconheciam completamente aqueles caminhos, então questionaram Clemente, o que teria lhe acontecido para arriscar-se penetrar por região tão isolada e perigosa, aquelas

matas certamente escondiam muitos perigos, bugres e índios selvagens, animais ferozes, e cobras de todos os tamanhos e periculosidade, esses inconvenientes eram características muito própria de toda região. Então para justificar aquele que sem dúvida foi um ato impensado, não lhe restou outra saída, e acabou revelando o que de fato aconteceu.

— Naquela tarde eu e Cândida, resolvemos descer pelo rio, procurando nas margens por algum casebre abandonado, como nada encontramos, de repente anoiteceu, como estávamos muito cansados, resolvemos forrar o assoalho da canoa e deitamos, e deixamos que o barco fosse levado pela corrente do rio, embalados pelo balanço do barco, ficamos contemplando o céu iluminado de estrelas, e sem percebermos dormimos, e só não aconteceu uma tragédia por que Deus não permitiu, quando acordamos estava amanhecendo o dia, o barco estava parado, preso em uma enorme pedra, na parte rasa do rio, próximo onde as águas passam sobre uma extensão de pedras em grande velocidade entre duas serras, caso não tivesse desviado da corrente central do rio, teríamos nos precipitado na corredeira, com toda certeza não teríamos sobrevivido, exatamente o local onde decidimos morar. Quando lá chegarmos mostrarei a vocês, como tudo aconteceu. Quanto a presença de bugres e índios, até hoje nunca vimos nenhum deles por lá, quanto às onças elas gostam de ir comer peixes lá na corredeira.

Todos acharam muita imprudência deixar-se conduzir à deriva, por um lugar daqueles, principalmente

à noite, quando se desconhece o que se possa aparecer de repente, realmente estavam protegidos por Deus. No entardecer ao longe dava para se ver as duas elevações rochosas imponentes, aparentemente postadas frontalmente ao rio, como quem estivessem querendo impedi-lo que segue seu curso. Clemente mostrou as serras aos tripulantes, anunciando que em breve chegariam ao destino. De toda extensão daquela viagem, sem dúvida aquele lugar era particularmente o mais bonito de todos, como se fosse um paraíso escondido propositalmente dos homens.

Mais impressionados ficaram quando chegaram ao ancoradouro de pedras, subiram pela rampa e tiveram a visão dimensional de toda corredeira do rio, era simplesmente um raro espetáculo que somente a natureza caprichosa, seria capaz de projetar e executar, estava explicado como deveria ser fácil pegar peixes naquele lugar. Depois desceram a rampa, andando por uma trilha estreita, chegaram no ponto onde havia enorme fenda na parede maciça de pedras, entraram e se viram incluso em enorme galeria, que pelo horário se encontrava iluminada por algumas tochas acesas, que eram abastecidas com óleo mineral, e foram recepcionados por Cândida, Dona Santa, e o pequeno Felipe.

Sr. Joaquim Vilarinho, Dona Sulema, Sr. Basílio e Dona Gertrudes, estavam como hipnotizados, em todas suas vidas não tinham vistos nada parecido, a natureza por acréscimo de generosidade, havia contemplado o casal com uma espaçosa residência esculpida em plena

rocha. Observando as escavações feitas nas paredes da caverna, pela experiência Sr. Basílio, imaginou bem possível se encontrar ouro naquele tipo de rocha, explicava o interesse de Clemente obter informações sobre garimpagem. Perguntou a Clemente:

— Você encontrou ouro nessas paredes?

Clemente respondeu: — Encontrei relativamente pouco, no início imaginei que poderia existir muito mais.

Sr. Basílio aproximou-se das escavações, retirou um punhado de cascalho com as mãos, e ficou analisando à luz da tocha acesa, e disse: - Clemente aqui deve existir um tesouro em ouro em pó.

— Para ser sincero, só encontramos ouro, praticamente nesses sete metros quadrados, nessa parede dos fundos, nas demais escavações não encontramos quase nada.

Se o compadre Sr. Quim Vila, sentia-se hipnotizado apenas com a visão daquele cenário, ao ouvir aquela conversa sobre a existência de ouro, naquelas paredes enormes, estava abestalhado, mas em assunto de garimpo nada compreendia, limitava-se ouvir o que diziam, por que de certa forma o assunto da existência de ouro também lhe interessava.

Sr. Cristovão aproximou-se de Sr. Basílio, e disse: — Clemente está dizendo verdade, minha vida toda trabalhei em garimpos de ouro e diamante, quando chegamos aqui, observando as características desse cascalho, imaginei que poderia existir muito ouro nessas paredes,

com ajuda de meu filho e minha esposa, escavamos em diversos lugares, e lavamos todo o cascalho retirado, mas nada encontramos.

Clemente aproveitou o momento e expôs suas ideias: — Trouxe vocês aqui para ajudar-me construir duas casas simples, nas terras que demarqueei, e requeri junto ao Estado de conformidade com as Leis vigentes. Depois que as casas ficarem prontas, mudaremos para elas, desocuparemos esse espaço, que na verdade não faz parte de nossa área, se quiserem poderão morarem, pescarem e garimparem aqui pelo tempo que desejarem, não posso afirmar se existe ou não mais ouro, todas as tentativas que fizemos foram sem resultado, por isso desistimos de continuar garimpando, decidimos investir o pouco do ouro que encontramos, nessas terras. Assumimos compromisso junto ao Departamento Agrário do Estado, de morarmos e defendê-las de qualquer invasor que seja, e à medida do possível abri-las e fazê-las produzir, da maneira que melhor nos convier, com a garantia de que serão definitivamente, nossas e de nossos sucessores. Considero-os grandes amigos, por isso peço-lhes, e os aconselho-os se quiserem terem sossego e privacidade, não devem comentar com ninguém, que por essas bandas existe ouro, foi o que eu e Cândida sempre fizemos.

Sr. Quim Vila, sem querer demonstrar indiscrição perguntou ao jovem compadre: — Compadre Clemente, poderia nos dizer o quanto de ouro encontraram nessas paredes?

Clemente respondeu: — À princípio calculei que poderia haver seis quilos de ouro, cinquenta metros quadrados de parede, produziriam aproximadamente um mil e quinhentos baldes de vinte litros de cascalho, cada balde no início produzia cerca de quatro gramas de ouro, somente nessa parede dos fundos, mas encontramos exatamente oitocentos e oitenta gramas. Como à medida que escavávamos o ouro cada vez mais escasseava, optamos por desistir.

18/05/2022

Viagem Bem-Sucedida

NO OUTRO DIA PELA manhã os quatro homens foram até o local onde Clemente havia preparado o terreno para construir as casas, como já registramos, ficava próximo ao rio, mas em um lugar elevado fora do alcance de enchentes. O material para se construir uma casa simples de fazenda, geralmente se retira da mata, para sustentação e baldrames, usa-se madeira mais grossa e resistente, para as paredes madeira mais finas resistentes, atreladas por ta-

bocas desdobradas, depois rebocada com barro próprio, a cobertura com madeira fina e resistente, e uma camada espessa de folhas de buritis preparadas para essa finalidade, presas à madeira com arame, ou cipó flexível encontrado na própria mata, portas e janelas usa-se tábuas leves e resistentes. Basicamente seriam esses os materiais usados, mais pregos e dobradiças, já adquiridas no comércio da cidade.

Imediatamente entraram na mata e iniciaram a coleta da grande quantidade de madeira necessário para se construir as paredes, enquanto uns cortavam à machado, outros retiravam, carregando sobre os ombros, através de picadas, até o local da construção.

As quatro mulheres ficavam em casa, encarregadas de prepararem a alimentação, e os demais serviços afetos à casa. Dona Santa ficaria por conta de cuidar de Felipe, porque o assoalho da caverna, apesar de estar sempre limpo, era todo calçado de pedra rústicas.

E o tempo seguia seu curso, havia se passado o dia de Natal, depois o dia de Ano Novo, e um novo ano se iniciava, com perspectivas de boas realizações, a quantidade de madeira armazenada no lugar onde seriam construídas as casas, era significativa, em breve deveriam iniciar as construções.

No final do mês de janeiro, Clemente deixou o pessoal trabalhando, foi até à Capital, pois a informação que tinha recebido de Sr. Olavo, que a documentação de suas terras estava concluída, dependendo apenas de seu comparecimento juntamente com seu advogado Dr.

Otacílio no Departamento, basicamente para efetuar os respectivos pagamentos das taxas e dos honorários devidos. Cumprido com sucesso o compromisso que motivou sua viagem, a pedido do pai, foi até à casa deles em Coxipó da Ponte, para saber se estava tudo em ordem.

Lá chegando primeiro falou com a vizinha, que lhe revelou que depois que seus pais se foram, não havia recebido a visita de nenhum de seus filhos, somente do Coronel Ferdinando, querendo retirar dela a qualquer preço seu endereço, então Clemente lhe deu uma pequena gratificação, e pediu que continuasse olhando pela casa. Quando ia saindo foi interceptado pelo vizinho, o mesmo que ficou encarregado de avisar o Coronel assim que Sr. Cristovão e a esposa retornassem, e lhe perguntou insistentemente quando seus pais voltariam, como Clemente disse que não voltariam mais, queria saber com um interesse muito suspeito o endereço onde eles estavam, mas Clemente se negou dizer, por entender que estava a serviço do Coronel.

Resolvido o que tinha ido fazer na Capital, e em Coxipó, a única coisa que Clemente tinha a fazer, era retornar para casa, enquanto aguardava a jardineira que o levaria de volta, viu um homem sentando-se em um banco de concreto, que lhe pareceu conhecido, aproximou-se dele e o reconheceu, era o velho negro Sr. Vitorino, parou em sua frente e perguntou-lhe:

- O senhor está se lembrado de mim?
- Não, acho que não o conheço.

— O Senhor não está se lembrando, que há quase dois anos atrás, ali na mesa daquela padaria fez-me redigir uma carta ao seu compadre Sr. Joaquim Vilarinho, autorizando que me entregasse sua velha canoa?

O Senhor Vitorino, ficou olhando para Clemente, e perguntou: — Mas você não tinha uma esposa, jovem e bonita?

— Cândida, ainda está jovem e bonita, e continua sendo minha esposa, agora já é mãe de meu filho, o Felipe.

Sr. Vitorino, levantando-se do banco, ficou procurando ao redor com os olhos, tornou perguntar: — E onde estão eles?

— Estão muito longe daqui, mas estou indo exatamente para onde eles se encontram. O Senhor não gostaria ir morar com a gente?

— Mesmo se quisesse, como faria isso, estou completamente sem nenhum dinheiro, até para comer um prato de comida?

— Isso não é nenhum impedimento. Diz-me que quer ir, e eu o levarei.

— Se é assim as coisas mudam, eu vou com o Senhor.

— Toma esse dinheiro e vá até aquela padaria, comer alguma coisa, vou comprar sua passagem, depois é só esperar a jardineira.

Clemente saiu em direção à rodoviária, Sr. Vitorino pegou sua bagagem, e saiu em direção à padaria. Em poucos minutos retornou, em tempo para ver o amigo acabar de devorar um enorme sanduíche de pão com

mortadela. Clemente comprou vários pães e uma mortadela, e disse ao amigo.

— Acho que vamos precisar disso pelo caminho, a viagem é longa e demorada.

— Para onde iremos?

— Para um paraíso todo nosso, escondido às margens de um rio, nos sertões de Vila Bela da Santíssima Trindade. O Senhor vai ter sua velha canoa de volta, ela está nos esperando.

Sr. Vitorino era como uma criança desprotegida, e via na pessoa do jovem Clemente, alguém em quem poderia confiar, se ele lhe dissesse, vamos por aqui, ele iria sem questionar. A vida já o havia maltratado o bastante, que acabou se cansando de viver sozinho, precisava de alguém para ser seu Senhor, e não haveria por esses caminhos, uma pessoa que inspirava mais confiança do que aquele rapaz desconhecido, estava velho e tinha perdido a esperança que pudesse encontrar na vida, uma pessoa que demonstrasse por ele um pouco de afeição e consideração, o amparasse nessa fase derradeira da vida, alguma coisa que não compreendia, lhe dizia que poderia confiar em Clemente.

Quando passaram por Vila Bela, Sr. Vitorino lembrou-se do compadre Sr. Quim Vila, mas não disse nada, para não parecer inconveniente, não sabia ele que o amigo lhe preparava uma surpresa que ele jamais esperava. Fizeram uma boa compra, alugaram um transporte e foram até o rio, chegando lá Clemente disse ao companheiro:

— Sr. Vitorino em um dia, quando não tínhamos nada, sem conhecer-nos deu-nos essa canoa, hoje pos-

so dizer que conseguimos alguma coisa, como o senhor vai poder constatar com seus próprios olhos, mas reconheço que não teríamos conseguido nada se não fosse esse velho barco, por isso quero que ele volte para seu verdadeiro dono. Muitas pessoas quiseram comprá-lo de mim, mas algo me dizia que nunca poderia vendê-lo. Quando chegarmos em casa compreenderá o que estou lhe dizendo, por que o Senhor foi a pessoa que mais nos ajudou. Agora chegou nossa vez de retribuí-lo.

À medida que a embarcação singela singrava o leito daquele rio, e penetrava um mundo novo e intocado, o velho Sr. Vitorino, sentia uma energia desconhecida invadindo seu corpo e seus pensamentos, como estivesse retrocedendo no tempo e readquirindo suas forças da juventude, afastando de sua mente uma infinidade de acontecimentos desagradáveis que macularam sua personalidade, e fizera dele uma pessoa frágil, subserviente e fraca. Entendeu que não somente a sucessão dos anos têm o poder de aniquilar a vitalidade de uma pessoa, mas principalmente os maus tratos e os desrespeitos impetrados por muitos, com quem teve a má sorte de conviver, que com o passar dos tempos foram aos poucos vilipendiando suas forças e a alegria de seu espírito, retirando gradativamente o sentido de sua existência. Mas agora percebia que Deus, havia lhe reservado para os últimos anos umas boas surpresas.

O sol escondia dentro da mata sem fim, quando Clemente e Sr. Vitorino, aportaram o ancoradouro de pedras onde se encontrava amarrado seu barco novo imponente,

a atmosfera do lugar tinha um cheiro diferente, cheirava vida, esperança, liberdade. Imediatamente foram recepcionados pelos três construtores que permaneceram em serviço. Sr. Quim Vila, ficou olhando para Sr. Vitorino, como querendo reconhecê-lo, mas foi imediatamente reconhecido pelo velho Sr. Vitorino, que lhe disse:

— Não é que estou vendo meu compadre Quim Vila.

Ao ouvir a voz inconfundível do velho negro, instintivamente ambos se abraçaram, Sr. Quim Vila, disse: — Não é que meu compadre Santinho do Poço, ainda é vivente desse mundo?

Então Sr. Basílio, ouvindo a voz, e ouvir o nome Santinho do Poço, o reconheceu e também o abraçou, e lhe perguntou:

— Você não me conhece mais?

Como Sr. Vitorino não se manifestou, se apresentou dizendo: — Sou seu primo o velho Basílio do Poço.

Então Clemente apresentou o pai ao Sr. Vitorino, e lhe perguntou: — Poço, é nome de família?

Coube ao Sr. Basílio, explicar o imbróglio: — Meu pai que se chamava Ercílio Santiago, e mais três irmãos, eram escravos de uma família de portugueses, que tinham uma fazenda no Rio do Poço, depois da abolição, eu, meus irmãos e meus primos, espalhamos pelas fazendas da região para trabalhar, como procedíamos da Fazenda no Rio do Poço, tivemos o Poço acrescido aos nossos nomes. Como Vitorino, era conhecido dentro da família e pelas pessoas conhecidas como Santinho, passou ser chamado Santinho do Poço.

Clemente perguntou ao Sr. Vitorino, como era o nome de seu pai?

— Meu pai se chamava Samuel Santiago, meus tios chamavam Ercílio Santiago, Alfredo Santiago e Dorival Santiago, todos já falecidos.

Clemente perguntou ao pai, como estava indo à construção, Sr. Cristovão respondeu ao filho: — No mesmo ritmo de sempre, as chuvas têm atrapalhado um pouco, mas continua avançando.

Cada um pegou uma parte das compras, e levaram para dentro da casa, Sr. Vitorino foram recepcionados pelas três mulheres, que o reconheceram de imediato, o chamando por Sr. Santinho, porque era assim que era conhecido por todos em Vila Bela.

Somente Dona Santa, mãe de Clemente não o conhecia, Clemente chamando-a, apresentou-lhe, dizendo: — Mãe esse Senhor chama-se Vitorino, mas é conhecido aqui em Vila Bela, por Santinho do Poço, foi ele quem nos deu a canoa pequena, como já contei a vocês.

Depois pegou o filho nos braços, apresentou o ao amigo, dizendo: — Sr. Vitorino esse é o Felipe, nosso maior tesouro.

Sr. Vitorino quis pegar o menino, mas ele se recusou deixar os braços do pai, agarrando forte em seu pescoço, Clemente justificou-se: — Ele estranhou o Senhor, mas logo se acostumará, foi desse jeito com meu pai, agora não sai do colo dele.

Clemente entendeu que o momento era oportuno para esclarecer a presença de Sr. Vitorino, falou:

— Como já contei essa história a vocês, quero contá-la novamente, e acrescentar algo que não revelei. Um dia Deus colocou Sr. Vitorino em nosso caminho, sem nos conhecer, nos deu algumas informações sobre Vila Bela, quando dissemos que viríamos para aqui, nos apresentou com sua velha canoa, suas ferramentas, e suas tralhas de pesca, sem ter certeza se essas coisas existiam ainda. E graças essa canoa encontramos esse lugar. Prometi a mim mesmo, caso um dia o reencontrasse o traria para morar com a gente, como diz o ditado, onde comem cinco, comem seis, e aqui tem espaço e comida para todos. Quis Deus que eu tivesse a felicidade de reencontrá-lo, quase no mesmo lugar que o conhecemos, perto da rodoviária, então não tive nenhuma dúvida, o convidei para vir morar aqui conosco, e ele acabou aceitando meu convite, agora ele faz parte de nossa família. Devolvi sua canoa, poderá pescar a hora que quiser, salgar e secar os peixes, e vendê-los na cidade como fazemos. Poderá ajudar zelar da roça e da horta, plantar o que quiser, e olhar pela casa quando estivermos trabalhando fora, ou viajando, aqui será respeitado por todos e não passará nenhuma necessidade, terá tudo aquilo que nós tivermos.

22/05/2022

Coronel e seus Conflitos

EM COXIPÓ O VIZINHO de Sr. Cristovão que se chamava Sr. Euclides, vivia agora com uma dúvida cruel, se deveria ou não procurar o Coronel Ferdinando, as informações que tinha sobre os vizinhos ausentes, não interessavam em nada a ele, porque não resolviam seu drama. Decidiu primeiro procurar a vizinha, para tentar arrancar dela alguma informação do endereço onde poderiam estar Sr. Cristovão e a esposa. Ouviu dela, que nada perguntou ao filho sobre essa informação, nem tão

pouco ele lhe havia feito qualquer revelação sobre esse assunto, certamente não desejava que soubessem. Para se deslocar até a Fazenda do Coronel que ficava distante no pantanal, gastaria um bom dinheiro, como o que sabia era irrelevante, deliberou por esperar por ele, uma hora haveria de aparecer.

O castigo imposto pela esposa ao Coronel, tinha caráter inflexível e irrevogável, e para ele tinha atingido seu limite extremo e insuportável. Dona Cecília era uma mulher jovem, muito bonita, e seus pais muito ricos, qualquer pressão por parte do Coronel, ela ameaçava voltar para casa dos pais em Corumbá. Não demorou Coronel compareceu novamente em Coxipó, mais precisamente no endereço de Sr. Cristovão, e ficou sabendo através dos vizinhos que Clemente havia passado por lá, mas se negou revelar onde estariam morando, e que seus pais não voltariam tão cedo, isso era tudo o que sabiam.

Aquela informação desestabilizou por completo a paciência de Coronel Ferdinando. Foi até uma Agência de Investigadores Profissionais, contratou os serviços investigativos de alguns Agentes, e exigiu urgência nos resultados. Imediatamente alguns detetives profissionais saíram à campo, em direções diferentes, procurando por Clemente dos Santos e pela filha do Coronel. Não demorou um deles chegava à Vila Bela da Santíssima Trindade. Como deverão se lembrar, por ocasião da construção do barco, o nome de Clemente e Cândida, acabaram ficando bem conhecidos na cidadezinha. O detetive chamado Sr. Manolo, não teve muita dificuldade

em rastreá-los, primeiro foi até a marcenaria de Sr. Salustiano, de lá foi levado até o escritório do engenheiro agrimensor Sr. Olavo, e lá ficou sabendo sob sigilo, que Clemente havia demarcado enorme área privilegiada de terras, localizada às margens direita do Rio Corrente, e já teria obtido e registrado junto aos órgãos competentes do Estado, título definitivo de posse e propriedade da área onde agora residia com a esposa, e os pais, inclusive teve acesso à cópia do memorial descritivo da demarcação da propriedade, feita pelo próprio agrimensor. Com tudo registrado, localização, confrontações, distâncias, e as respectivas referências cardiais, com as devidas coordenadas. O detetive experiente anotou todos os dados em sua prancheta, e foi aconselhado por Sr. Olavo, não ir sozinho desprotegido até o local, tinha recebido do Departamento Agrário do Estado, cópia de um documento que concedia à Clemente, o direito de posse e defender seus domínios, podendo fazer, se preciso fosse, uso de força e de armas, e tinha conhecimento que ele havia recrutado há alguns dias atrás na cidade, seguranças e trabalhadores para construir algumas casas. Caso precisasse ir até o local, seria conveniente munir-se de mandado judicial e escolta policial armada.

Diante da possibilidade de tal resistência o detetive Sr. Manolo, deu por encerrada e cumprida sua missão, e retornou incontinenti à Capital do Estado, trazendo em mãos os dados comprobatórios da localização certa e segura do endereço dos indivíduos procurados. Agora competia aos seus superiores deliberarem novas diligências, se fosse o caso.

Chegou no final da tarde à Capital, foi direto à Agência de Investigação, e entregou ao seu superior imediato, Sr. Hércules, o laudo e todos os documentos pertinentes ao caso, depois de analisá-los minuciosamente, e consultar algumas fontes, deu-se por satisfeito e parabenizou Sr. Manolo pela sua eficiência e excelente trabalho realizado.

No outro dia pela manhã Sr. Hércules, acompanhado de seu sócio Sr. Alípio, munidos com a documentação conclusiva, relativa ao caso de investigação do paradeiro de Clemente dos Santos e de Cândida Macambira, a bordo de um auto alugado, saíam em direção ao Rio Mutum, na região pantaneira do Estado de Mato Grosso, mais especificamente com destino à Fazenda Estaleiro, de propriedade de seu cliente o Coronel Sr. Ferdinando, para informá-lo o que haviam descoberto.

Dois dias depois, logo pela manhã chegavam à sede da Fazenda Estaleiro, foram recepcionados pelo Coronel Ferdinando, e conduzidos até à varanda próxima à cozinha nos fundos da casa, sentaram em torno da enorme mesa, na presença de Dona Cecília e do jovem casal de filhos gêmeos, Fernando e Fernanda, foi servido pelas empregadas da casa, reforçado café da manhã para os visitantes, depois de degustarem o desjejum com tudo que tinham direito, Coronel um pouco sem jeito, ansioso para saber das novidades, perguntou:

— E aí Sr. Hércules, alguma notícia sobre o paradeiro de nossa filha Cândida?

Sr. Hércules com um sorriso vitorioso, respondeu: — Caso definitivamente solucionado Coronel Ferdinando.

Coronel Ferdinando aproximou-se da esposa, e tornou perguntar: — Sr. Hércules por favor conte-nos em pormenores, essa sua resposta não diz nada, diz tudo que descobriram.

— Descobrimos que Clemente dos Santos, hoje é um proprietário de terras muito respeitado e bem-sucedido na região de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira Capital do Estado de Mato Grosso, como ele conseguiu realizar tudo isso, ainda não sabemos. Hoje ele e a esposa Cândida, vivem com o filho Felipe de oito meses, na companhia de seus pais, e alguns amigos que fizeram, lá mesmo da cidade, em uma magnífica gleba de terras brutas de quase seis mil hectares, com registro definitivo em Cartório em seu nome e da esposa, localizada há mais de cento e cinquenta quilômetros ao norte de Vila Bela, às margens direita do Rio Corrente, possuem um dos maiores barco de navegação fluvial da região, construído recentemente e pago em dinheiro vivo ao construtor. Pelo que me constava, o Senhor nos havia adiantado que Clemente seria um rapaz de origem pobre. O Senhor teria alguma coisa acrescentar, a essas revelações?

— Essas suas informações são todas fantasiosas e falsas, ratifico que Clemente dos Santos é um simples peão de fazenda, sem expressão e sem capital, um João ninguém. Vocês acaso estiveram com eles? Viram minha filha Cândida?

— Não, infelizmente nosso A gente foi aconselhado não ir até lá, por questão de segurança pessoal.

— Vocês não estão pensando que vou lhes pagar, um centavo do que combinamos, por essa invenção absurda, saibam que não sou otário ao ponto de acreditar nessa história.

— Então teremos que levá-lo pessoalmente até lá. Mas fique sabendo que a conta ficará bem mais cara do que foi combinado.

Dona Cecília que ouvia toda a conversa ao lado do marido, chamou-o para dentro de casa, e lhe falou alguma coisa em particular, depois de alguns minutos, os dois retornaram, e Coronel falou com autoridade: — Nós dois iremos com vocês, caso estejam dizendo a verdade lhes pagarei o dobro que combinamos, e nos trarão de volta para casa, caso estejam mentindo, nos trarão de volta do mesmo jeito, mas nada lhes deveremos.

— Podem se arrumarem, estaremos os esperando.

Coronel Ferdinando e Dona Cecília não demoraram muito, se arrumaram devidamente, levavam apenas uma valise com poucas roupas, ele levava uma pequena bolsa de couro nas mãos, dentro continha seus documentos pessoais, muito dinheiro, e dois revólver calibre trinta e oito, completamente carregados, mais uma caixa de munição. Ele fez algumas recomendações ao filho de quinze anos, abraçou-os, beijou-os, se despediu e saiu. Dona Cecília recomendou algumas coisas às empregadas, abraçou e beijou os dois filhos, se despediu com lágrimas nos olhos, e seguiu o marido. Entraram no automóvel preto de praça, o chofer deu partida e desapareceram na estradinha pontilhada de buracos e poças de água das chuvas.

Chegando à Capital, Sr. Hércules e Sr. Alípio que eram os proprietários, ficaram na Agência de Investigação, se despediram do Coronel e da esposa. Pediram ao chofer que os deixassem por conta da Agência, em um bom hotel do centro da cidade, a viagem prosseguiria na manhã do dia seguinte, sem dizer que a missão de os acompanhar seria delegada ao Agente Sr. Manolo. Quando no dia seguinte pela manhã, Coronel viu chegar em frente ao hotel, o mesmo automóvel preto alugado, dirigido pelo mesmo chofer, acompanhado de um outro elemento, o detetive Sr. Manolo. Se antes estava duvidando da história contada por Sr. Hércules, agora tinha certeza de que de fato não era verdadeira. Assim que Coronel Ferdinando e Dona Cecília, ocuparam o banco traseiro do automóvel, o detetive apresentou-se e explicou que os patrões não poderiam acompanhá-los, como tinha sido ele que havia descoberto o endereço de Clemente, competia a ele, levá-los até lá.

Coronel perguntou ao detetive: — Sr. Manolo, quantos Clementes dos Santos, o senhor acha que possam existir na região?

— Penso que somente o que procurávamos.

— Eu penso diferente, acredito que possam existir vários outros Clementes dos Santos.

O detetive Sr. Manolo, considerou os fatos tão evidentes que em nenhum momento havia pensado nessa possibilidade, por um momento ficou calado, avaliando pensativo a hipótese do Coronel, mas se absteve de fazer qualquer comentário. Diria que a feição do Coronel Fer-

dinando, expressava certa superioridade, e prepotência, era cara de poucos amigos.

Não obstante a distância que separava o ponto de partida, a Capital Cuiabá e o destino de chegada, Vila Bela da Santíssima Trindade, aliada às precariedades das estradas, e a péssima animosidade dos quatro passageiros, a viagem dava impressão ser interminável, de vez em quando Dona Cecília, com intenção de descontrair a tripulação, arriscava perguntar alguma coisa ao detetive, inerente as suas investigações no caso, ele com medo de dizer alguma resposta inconveniente, eximia-se responder objetivamente sem comprometer-se, contribuindo que o clima de incertezas permanecesse acompanhando os viajores.

Depois de uma eternidade o automóvel de praça, chegava à Vila Bela, Sr. Manolo para arrefecer o clima que estava insuportável, devido à postura irredutível e desconfiada do Coronel, e afastar também as incertezas, que acabaram apossando-se dele, propôs:

— Vamos até o escritório do engenheiro agrimensor Sr. Olavo, foi quem efetuou a medição da área de terras de Clemente, esteve lá por alguns dias trabalhando, conhece Clemente e a esposa, conversando com ele saberão se trata das mesmas pessoas, caso contrário voltaremos daqui mesmo. Foi ele quem aconselhou-me não ir sozinho até lá, por questão de segurança.

Chegaram ao escritório do agrimensor Sr. Olavo, imediatamente reconheceu o detetive, se cumprimentaram, depois Sr. Manolo disse:

— Sr. Olavo esses são os pais de Cândida, esposa de Clemente dos Santos, Coronel Sr. Ferdinando e Dona Cecília, trouxe-os até aqui, para levá-los até onde moram, gostaríamos que nos dissesse como devemos fazer para chegarmos até lá?

— Muito prazer em conhecê-los, façam o favor, vamos entrar e se sentar, conversaremos e explicarei como devem fazer para se chegar até onde moram.

Dona Cecília retirou da bolsa uma porta retrato do tamanho de um livro, com a fotografia pintada em óleo da filha, quando ela tinha treze anos de idade, entregando ao Sr. Olavo perguntou-lhe: — O Senhor poderia reconhecer nossa filha Cândida, nesse retrato?

Sr. Olavo analisou o retrato calmamente, e lhe respondeu: — Sem nenhuma margem de dúvidas esse retrato é de Dona Cândida, que à propósito é muito parecida com a Senhora. Muito bonito também é vosso netinho Felipe, quando estivemos lá trabalhando deveria ter uns dois meses.

Coronel Ferdinando estava de pé perto da porta, quando ouviu o que Sr. Olavo acabara de dizer, sentiu-se como atordoado e sentou-se na cadeira, Dona Cecília olhou para ele, e sorriu de felicidade, não lhe restando outra alternativa, a não ser também sorrir. Ela sentou-se ao seu lado, enquanto Sr. Manolo questionava o agrimensor, agora imprimindo mais entusiasmo na voz: — Qual a melhor maneira de chegarmos até onde moram?

— Para se chegar até lá existir apenas e somente um caminho, o Rio Corrente, daqui no rio são uns dez qui-

lômetros de estradas ruins, devido aos buracos, depois é descer através do rio mais cento e cinquenta quilômetros. Para ir tudo bem, é só manter a embarcação no canal do rio. Mas para voltar, precisa-se margeá-lo, e remar sem parar, o correto seria alugar uma embarcação de médio porte, não se vai até lá em menos de um dia de viagem. O ideal seria sair bem cedo, para chegar lá ainda com luz do dia. A viagem é muito prazerosa, a beleza da paisagem encanta as pessoas, mas bonito mesmo é o lugar onde moram, diria que é um pedaço do paraíso que Deus escondeu dos homens. Quanto tempo pretendem permanecerem por lá?

Coronel Ferdinando quis responder, mas sua voz saiu truncada, como não soubesse o que dizer, coube à Dona Cecília responder: — Talvez um, talvez dois dias no máximo, queremos somente ver como estão vivendo.

— Em quantas pessoas pretendem viajar?

— Somos em três pessoas.

Sr. Manolo que parecia ainda estar com receio de ir até lá, se manifestou dizendo: — Talvez não tenha necessidade eu acompanhá-los, ficaria aqui com o Sr. Odílio esperando por vocês.

Então Sr. Olavo desabafou o que estava pensando fazer: — Eu tenho um barco que pode levar com toda segurança quatro pessoas, como esses dias estou desocupado, sem trabalho, poderia com ajuda de meu funcionário o Sr. Julinho, levá-los em meu barco com toda segurança, enquanto visitam os parentes, ficamos pescando, quando terminarem a visita retornaremos. Os pais de Dona

Cândida, poderiam ficar em minha casa essa noite, hoje levaria o barco até o rio, e sairíamos amanhã bem cedinho. Preciso levar meu funcionário Sr. Julinho, por que voltar remando sozinho, eu não conseguiria.

Coronel Ferdinando recuperou seu estado emocional, conseguiu dizer: — Ficaríamos muito agradecidos, se nos prestasse esse serviço, e vos recompensaria pelo trabalho, nada como viajar com alguém que já conhece os caminhos.

À noite na casa de Sr. Olavo, conversando com Coronel Ferdinando perguntou se ele tinha algum tipo de participação nos negócios do genro, ou se tinha algum sócio. Disfarçadamente respondeu que não sabia nada sobre os negócios de Clemente, Sr. Olavo fez alguns comentários positivos, enaltecendo a conduta dele, começou contando o que sabia a seu respeito, dizendo:

— Há cerca de dois anos atrás, apareceu por aqui esse rapaz ao lado da esposa, no começo vendendo peixes secos de casa em casa, pelas ruas da cidade, depois veio até meu escritório e contratou meus serviços de agrimensor para medir uma gleba de terras, que havia demarcado às margens direita do Rio Corrente. Na oportunidade estava acompanhado da esposa e do filho, vieram batizar a criança, e ficamos sabendo que também acabaram se casando na igreja. No começo da semana, retornaram e nós os acompanhamos em nosso barco, não imaginava que fosse assim tão longe. Depois de um dia de viagem chegamos ao local. Eles na época, moravam em uma caverna incrustada numa serra, um dos

lugares mais bonitos daquela região. Ficamos lá alguns dias fazendo as medições da área que ele havia demarcado os cantos com estacas de aroeira, e feito picadas nas divisas, medimos e anotamos tudo, e pescamos no rio todas as tardes, quando terminamos o trabalho, voltamos com o barco cheio de peixes salgados e secados ao sol. Em trinta dias preparei toda a documentação, pagou-me corretamente pelos serviços, pegou os papéis e num espaço de tempo muito curto, conseguiu legalizá-la junto aos órgãos competentes, na Capital do Estado. Esse tipo de serviço não fica barato, tem de ser pagos em dinheiro vivo, taxas, honorários advocatícios. Depois mandou construir um barco em uma marcenaria aqui da cidade, quando a embarcação ficou pronta todos se admiraram, segundo o marceneiro Sr. Salustiano, foi projetado para ser acoplado velas de lona para impulsioná-lo, tudo idealizado e projetado por ele mesmo, pagou à vista na entrega do bem, agora fiquei sabendo que estaria construindo algumas casas na propriedade. Esse rapaz tem se revelado muito dinâmico, direito e honesto em seus negócios. Por isso achei que tivesse algum sócio ou investidor por trás dele.

Esses comentários de Sr. Olavo, corroboravam com as observações feitas por Sr. Hércules, em dois anos Clemente tinha se tornado um homem respeitado e bem-sucedido, na região de Vila Bela, como teria conseguido tudo isso em tão pouco tempo? Teria ele se apropriado ilicitamente de algum valor para realizar essas coisas? Aquelas considerações de Sr. Olavo e de Sr.

Hércules, ficaram martelando na cabeça do Coronel, impedindo-o de conciliar o sono. Na verdade, há muito tempo Coronel, vinha sendo punido pelas suas atitudes radicais e julgamentos equivocados, cometidos deliberadamente contra Clemente e Cândida, desde o início sua esposa Cecília, não pactuava das suas decisões, e discordava explicitamente de suas atitudes. Pela primeira vez Coronel Ferdinando, sentiu-se muito culpado, e certamente esse seu passado de arbitrariedades lhe imputaria um grande ônus para repará-lo.

No outro dia bem cedo o chofer do carro alugado, Sr. Odílio levaria os quatro até às margens do rio, onde se encontrava o barco de Sr. Olavo, antes que o sol aparecesse no horizonte, o barco já havia percorrido um bom trecho do rio, impulsionado pela corrente forte do canal, devido o volume de águas providas das chuvas dessa época do ano. Dona Cecília que poucas vezes na vida, havia viajado em uma canoa pequena, tinha aceitado o desafio somente porque a causa era nobre, rever a filha depois e dois anos, e conhecer o neto com oito meses, eram razões mais que suficientes para superar suas fobias, redirecionar sua vida conjugal na trajetória natural devida, outra razão que justificava passar por toda aquela experiência assustadora. Coronel Ferdinando, que desconhecia qualquer tipo de medo das coisas tangíveis do mundo, temia apenas os adversários íntimos que pululavam seu coração e sua consciência, contemplava a paisagem à medida que a embarcação penetrava através do rio, com o pensamento no desafio que enfrentaria

quando estivesse frente a frente com a filha, o genro e o neto. Aquele seria o prenúncio de uma série de resgates necessários, que somente agora reconhecia que poderiam ter sido evitados, mas eram as consequências de sua estupidez e irracionalidade contumaz, que havia se iniciado há muitos anos atrás.

Quando o sol começava arrefecer, Sr. Olavo no piloto do barco, avistou ao longe os dois morros, como dois enormes seios de rochas, tentando obstruir o percurso das águas daquele rio, mostrando-os aos tripulantes, informou: — Estão vendo aqueles dois morros tentando cercar o rio, é lá que temos que chegar.

23/05/2022

Quem Somos, Diante dos Desígnios de Deus?

E RA DIA AINDA QUANDO o barco de Sr. Olavo, atracou ao lado do barco novo de Clemente. Sua chegada não passou despercebida. Sr. Quim, Sr. Basílio, Sr. Cristovão e Sr. Santinho, tinham acabado de sair do banho, em uma piscina natural, incrustada na plataforma de pedras, que nessa época ficava cheia devido às chuvas. Por alguns minutos não foram surpreendidos em pleno

banho. Ao saírem do barco Coronel Sr. Ferdinando e Dona Cecília, imediatamente foram reconhecidos pelo Sr. Cristovão, que foi ao encontro deles cumprimentando-os. Se ainda pudesse restar alguma dúvida para os pais de Cândida, a presença de Sr. Cristovão, naquele fim de mundo, esclarecia tudo. Enquanto todos se cumprimentavam, não compreendendo como poderiam terem sido descobertos, Clemente vinha chegando pela trilha, vestindo apenas um short, trazendo no pescoço um garotinho completamente despido, para o banho da tarde.

Ao deparar com aquelas inesperadas visitas, não lhe restou outra alternativa a não ser cumprimentá-los pegando na mão de todos, chamando cada qual pelo seu nome. Dona Cecília ao ver Felipe todo despido montado no pescoço do pai, lhe sorriu e ameaçou pegá-lo, a criança arredia esquivou-se e não permitiu. Então Clemente meio desconsertado, desistiu do banho e convidou a todos, nesses termos:

— Venham por aqui para conhecerem nossa casa.

E tomou o caminho de volta, liderando a fila indiana, com Felipe montado em seu pescoço. Chegando na fenda da rocha, que dava acesso ao interior da caverna, gritou para a esposa:

— Cândida! Venha ver quem veio nos visitar!

Cândida chegou à saída da gruta, quando viu os pais, soltou um grito, e chorando de emoção, conseguiu dizer, atirando-se nos braços dos pais: — Mamãe! Papai! Nos perdoem.

Ato contínuo Clemente passou o filho para os braços da avó, e foi acender as tochas das paredes, porque começava escurecer no interior da enorme caverna. Acesa as tochas todo ambiente ficou devidamente iluminado. A esse tempo Clemente, havia construído vários bancos de madeira, e assentos, e espalhados pela sala. Feito algumas divisórias com madeira e folhas de buritis, assegurando privacidade aos quartos de dormir, emprestando ao ambiente aspecto de residência. Nesse espaço maior seria uma sala com dupla finalidade, estar e jantar, no centro enorme mesa de madeira, rodeada de bancos também de madeira, as pessoas foram se acomodando da melhor maneira, menos Dona Sulema e Dona Gertrudes, que depois de cumprimentarem as visitas, voltaram para a cozinha, para terminarem de preparar o jantar. O aroma apetitoso dos alimentos sendo cozidos no fogão à lenha, construído sobre pedras, impregnava todo ambiente interno da enorme galeria. Ao todo eram cinco casais, mais três homens e um garotinho, quatorze pessoas dentro de um buraco de pedras incrustado na rocha.

Coube ao dono da casa dar algumas explicações, para tranquilizar os visitantes: — Ninguém precisa se preocupar, existem camas e comida para todos. Há muito tempo nos preparamos para quando esse dia ocorresse, sabíamos que um dia Coronel Ferdinando e Dona Cecília, viriam até nós, e estamos muito felizes em recebê-los em nossa humilde casa, se é que podemos chamar esse buraco de casa, se tivessem deixado para chegarem na próxima semana, certamente seriam recebi-

dos em nossa casa nova, por que até o final desta semana deverão estar prontas, não é mesmo Sr. Basílio?

— Com as graças de Deus, essa semana terminaremos. Ainda mais que agora, Deus mandou mais três companheiros para nos ajudar.

Todos riram de Sr. Basílio.

Sr. Olavo protestou: — Eu não, amanhã vou pescar o dia todo.

Todos riram de Sr. Olavo.

Coronel Ferdinando, disse para que veio: — Amanhã tenho um compromisso, brincar com meu neto Felipe o dia todo.

Todos riram do Coronel.

Clemente surpreendeu a todos, foi até o sogro e o abraçou, e disse: — Cândida estava certa. Quando disse, que é o Senhor nos perdoaria, quando conhecesse o Felipe.

— Há muito tempo já os perdoei. Agora queria saber se vocês vão me perdoar?

Cândida veio até o pai, o abraçou e disse: — Nós sempre o amamos, por isso não precisamos perdoá-lo.

Dona Cecília aproximou-se dos três, e os quatro se abraçaram, e todos estavam com lágrimas nos olhos.

Os presentes se emocionaram com as palavras de Cândida, e o gesto dos quatro. Não demorou muito tempo, nem foram necessárias muitas palavras, a família de Coronel Ferdinando estava literalmente reconciliada. Nisso apareceu Dona Gertrudes, e perguntou:

— Dona Cândida a janta está pronta, devemos colocar as panelas sobre a mesa?

— Coloque somente os pratos, os talheres, e as travessas de saladas. Cada um pegue seu prato e vai se servir à vontade nas panelas sobre o fogão.

Esse estilo sempre foi uma tradição na cozinha da Fazenda Estaleiro, de Coronel Ferdinando Macambira. Clemente fez seu prato, sentou-se à mesa, e na mesma hora perdeu a fome, isso sempre acontecia quando estava muito emocionado.

Dona Gertrudes, Dona Sulema e Dona Santa, eram três excelentes cozinheiras, Cândida apenas decidia o que elas deviam preparar, e o resultado era sempre o mesmo, elogios para a dona da casa, pela excelente comida. Talvez fustigado pelo desgaste de um dia de viagem naquele rio, e a superação da emoção que sentiu pelo reencontro com a filha e o genro, Coronel Ferdinando extrapolou a expectativa, foi às panelas três vezes. Depois do jantar, todos reunidos na grande sala, Clemente achou oportuno narrar como ocorreu o encontro dele e Cândida, com Sr. Vitorino, na praça próximo à rodoviária, em Cuiabá, e a decisão de vir conhecer Vila Bela, depois o encontro com Sr. Quim Vila, e a viagem noturna de canoa que fizeram dormindo, o desfecho de como a canoa misteriosamente, deixou o canal do rio, para vir se enroscar em enorme pedra do fundo do rio, impedindo que ela se precipitasse na corredeira de pedras, a descoberta da caverna, as primeiras pescarias, o cultivo da pequena roça e horta. Às vezes Cândida interrompia a narração do marido e acrescentava seus pareceres e detalhes importantes, reforçando a veracidade da narrativa.

Depois Clemente explicou como Cândida por acaso, varrendo com uma vassoura, descobriu ouro na parede da caverna, e como se deu as primeiras garimpagens, até a exaustão da reserva do ouro, e as oitocentas e oitenta gramas de ouro obtido. Ato contínuo, foi até seu quarto e trouxe as últimas quatro barras de ouro de cem gramas, que ainda possuíam, que foram passadas de mãos em mãos, para que todos comprovassem e entendessem de onde vieram os recursos, que possibilitaram o projeto de demarcação das terras, corroborado com a presença e os depoimentos de Sr. Olavo e Sr. Julinho, que confirmaram tudo. Cândida foi até o quarto, buscou o título de registro definitivo de propriedade das terras, entregou ao pai para que examinasse a autenticidade do documento público.

Clemente falou de sua decisão de mandar construir o barco, e de como o havia projetado, estava aguardando a chegada da vela que havia encomendado, assim que chegasse, ele mesmo com ajuda dos amigos o equiparia, e poderia transportar sem muito esforço até três toneladas de carga, isso quando o rio estivesse cheio como naquele momento. Porque provavelmente na época da seca, não seria possível transportar esse volume de carga. A decisão de mandar construir as duas casas simples, a maior para eles e a menor para os pais, depois desocupar a caverna para que os amigos pudessem explorá-la, caso desejassem.

Depois revelou o compromisso que havia assumido, junto ao Departamento Agrário do Estado, de começar cultivar suas terras, para isso pretendia trazer algumas fa-

mílias de agricultores, para no próximo ano começarem derrubar algumas áreas da mata. A decisão de trazer os pais e Sr. Vitorino, para morar com eles definitivamente. E o projeto dele e da esposa de terem muitos filhos. E que pretendiam se estabelecer naquele lugar, e no futuro deixá-lo para os filhos.

Coronel Ferdinando ouvia o genro sem dizer nada, quando sentiu que ele havia concluído sua narrativa, tomou a palavra e desabafou tudo que estava sentindo, começou dizendo:

— Um homem nesse mundo comete erros e acertos, às vezes quando queremos acertar é que cometemos nossos erros maiores. Um pai e uma mãe, sempre desejam o melhor para os filhos, porque são as pessoas que mais amamos nesse mundo. Há vinte e dois anos atrás conheci uma jovem maravilhosa, ela tinha dezesseis anos e era filha única, falei com seu pai, que era um fazendeiro rico, que queria me casar com ela, ele disse-me que consentiria com uma condição, se eu fosse morar com eles. Isso eu disse que não podia fazer, por já ter um projeto para meu futuro. Então o pai dela proibiu nosso namoro. Passado algum tempo voltei procurá-la, propus levá-la comigo, caso não aceitasse não a procuraria mais. Ela aceitou ir comigo, e dessa maneira a subtraí da casa paterna. Nós estabelecemos na região do Rio Mutum, na Fazenda Estaleiro, por cinco anos à privei de procurar pelos pais, só os procuramos quando Cândida tinha dois anos. Meu sogro Sr. Antonio nos recebeu, e foi sincero até demais comigo, disse-me que só não me

mataria, porque tinha uma filha para criar, mas a Justiça de Deus, faria que eu sofresse tudo que o fiz sofrer. Por isso há dois anos atrás, quis que ela se casasse com meu sobrinho, e mantê-la próxima de mim, e impedir que a Justiça de Deus prevalecesse contra mim. Então os acontecimentos fizeram que compreendesse que nada somos, perante os desígnios do alto. Começava assim minha longa luta para encontrá-los, por não suportar mais a dor da separação, e lhes dizer que reconhecia que fui o único culpado pelo que aconteceu. Como privei meu sogro e minha sogra de conviverem com sua única filha praticamente a vida toda. É justo que eu seja privado também de conviver com minha filha. Estou apenas colhendo o que plantei.

Dona Cecília que se mantinha calada acompanhando a narrativa do marido, tomou a palavra, e deu o seu testemunho: — Desde essa primeira visita que fizemos aos meus pais, quando Cândida tinha apenas dois anos, eu e Ferdinando, fizemos um compromisso de todos os anos passar uma temporada com eles, tipo duas semanas, não sabemos se foi coincidência, ou se tinha chegado a hora de começar pagar nossa dívida, há dois anos atrás, Ferdinando pela primeira vez, se recusou acompanhar-nos, alegando compromisso de trabalho na fazenda, caso ele tivesse ido com a gente, não teria conhecido e contratado Clemente para trabalhar lá em casa. Logo conclui-se que foi o próprio Ferdinando que colocou Clemente dentro de nossa casa, e permitiu que os dois se conhecessem. Depois tentou separá-los, mas quem somos diante dos desígnios de Deus?

Sr. Joaquim Vilarinho que ouvia com muito interesse as histórias, não resistiu fez uma observação, no mínimo intrigante: — Ouvindo essas histórias, comecei analisar minha situação, e cheguei à conclusão de que também eu e minha esposa estamos colhendo o que semeamos, e pelo jeito não há nada que possamos consertar. Faz mais de vinte anos que não vemos nosso casal de filhos, se mudaram para Cuiabá, ainda muito jovens, e só vieram nos visitar uma vez, quando ainda morávamos em Cáceres, nem sabemos mais onde estão morando, perdemos completamente o contato com eles. É a paga que estamos recebendo. Deixei minha família no Estado de Pernambuco há quarenta anos, nunca mais voltei lá, ou tenha visto um parente meu. Morei na Bolívia por dois anos, conheci e me casei com Sulema, viemos morar numa fazenda na região de Cáceres, no Mato Grosso, nunca mais voltamos lá também, nem recebemos nenhuma visita de um parente dela. Faz mais de dezoito anos que moramos em Bela Vista. É justo que nossos filhos também tenham nos abandonados.

Clemente fez uma observação: — Vossos filhos não os abandonaram, na verdade eles não sabem mais onde estão morando, não sabem como encontrá-los. Por isso trouxe meus pais para morarem comigo.

Cândida intercedeu dizendo: — E você os esconderam de seus irmãos. Por isso é necessário que eles saibam, que estão morando conosco, e saibam onde estamos morando, assim se desejarem encontrá-los, saberão onde procurá-los.

Clemente justificou-se: — Os trouxe justamente porque não ligam para meus pais.

Dona Santa, contestou o filho dizendo: — Não é que não ligam para nós, é que por enquanto estão conseguindo se virar sozinhos. Quando precisarem vão querer nos procurar.

— É por isso que não vou dizer a ninguém onde estão. Se os pais sofrem por não saberem notícias dos filhos, os filhos só sofrem as ausências dos pais, quando se preocupam com eles, quando não ligam é porque não os ama de verdade.

E com essa conversa acabou ficando tarde, estava na hora de todos irem dormir, Clemente como dono da casa, encerrou as polêmicas, dizendo:

— Amanhã à noite se quiserem continuamos falando sobre esse assunto, mas agora vamos todos dormir. Coronel Ferdinando e Dona Cecília, dormirão em nosso quarto, em nossa cama. Sr. Olavo e Sr. Julinho, aqui na sala, nesses dois colchões, os demais todos têm suas próprias camas. Eu, Cândida e Felipe, dormiremos em um colchão na cozinha. O banho de hoje fica transferido para amanhã, um boa noite a todos, vou deixar apenas uma tocha da sala acesa, caso precisem levantar-se à noite.

25/05/2022

Nada Acontece por Acaso

A NOITE TRANSCORREU na mais perfeita normalidade, menos no quarto onde Coronel Ferdinando e Dona Cecília, dividiram a mesma cama. Graças a Clemente encerraram um longo jejum conjugal, como tivessem realizado uma segunda noite de núpcias. E ambos puderam avaliar o alto preço que pagaram, porque o tempo não retrocede, e ambos perderam dois preciosos longos anos, da melhor parte de suas vidas conjugais. A satisfação de dormir lado

a lado, se aquecerem um ao outro, nas noites de frio intenso, compartilhar suas angústias e seus segredos no silêncio das noites.

O dia seguinte amanheceria com o delicioso aroma de café fresco coado, impregnando todo interior daquele ambiente cavernoso, convidando a todos, se levantarem rapidamente, que lá fora existia um sol de verão iluminando um pequeno paraíso, que poucos privilegiados teriam a felicidade de contemplar. E quem contemplasse pela primeira vez, nunca mais o esqueceria. Em poucos minutos o interior da caverna havia se esvaziado, todos se encontravam lá fora, sobre a plataforma de pedras, assistindo ao raro espetáculo patrocinado pelo amanhecer, que a natureza benevolente, com sua batuta Divina, regia uma orquestra celeste, formada de cores, luzes, e sons, que fazia o observador simplesmente emudecer. Porque suas palavras não conseguiriam traduzir, como era possível aquele paraíso silvestre refletir tanta beleza.

Clemente pediu ao Coronel Ferdinando e Dona Cecília que o seguisse, foram subindo a rampa de pedras, até quando chegaram a um platô, que dava visão dimensional de toda área que formava a gleba de terras de sua propriedade, um quadrilátero de aproximadamente vinte e cinco quilômetros quadrados, com topografia mais ou menos plana e alta, coberta por vegetação espessa, uniforme, e escura, que se perdia no horizonte, denunciando a excepcional fertilidade daquele solo intocado, em toda sua extensão lateral cercada pelo Rio Corrente, como se fosse uma enorme serpen-

te protetora. Mais ou menos na parte intermediária do quadrilátero, próximo ao rio, via-se uma pequena clareira no meio da mata densa, e em sua área central as silhuetas das duas habitações cobertas com folhas de buritis. Clemente mostrou ao longe, onde ficariam as duas residências, depois falou: — Agora vamos voltar, pegaremos o barco e vamos até lá, vou levar o pessoal para trabalhar, queremos terminar a construção essa semana.

Voltando até o ancoradouro onde todos se encontravam, Clemente convidou a todos para conhecer o local da futura sede da Fazenda, que já havia decidido que se chamaria, “Fazenda São Cristovão”, em homenagem ao Santo protetor dos viajantes, e também à pessoa venerada de seu pai. As treze pessoas adultas aboletaram-se e se sentaram nos bancos do barco novo, Cândida com Felipe nos braços, Clemente assumiu o piloto, e sozinho com dois remos, conduzia a embarcação como se fosse uma pequena canoa, foi margeando por quase três quilômetros, do lado esquerdo do rio para quem navega no sentido contrário a sua corrente, até quando chegaram num ponto elevado do barranco, onde já existia um ancoradouro de madeira resistente, construído por ele com a ajuda do pai e de Sr. Santinho. Todos desembarcaram, subiram por uma escada cavada no próprio barranco de terra firme, e caminhando através de uma estradinha de chão batido no meio da mata fechada, chegaram à clareira onde se encontravam as duas casas, várias mudas de árvores frutíferas já cresciam no enorme quintal conjugado

das duas casas. Cândida com Felipe nos braços, liderava o grupo de mulheres, verificando as particularidades dos cômodos das residências, eram casas simples, mas espaçosas e confortáveis. Enquanto Clemente sempre ao lado do sogro e do pai, ia explicando o que pretendia realizar no decorrer do tempo, para que tudo ficasse como desejava para o futuro. Coronel Ferdinando estava encantado com a beleza do lugar e o potencial daquelas terras, e com o desafio que exigiria de Clemente, semelhante ao que enfrentou quando começou suas aventuras há vinte e cinco anos atrás na Fazenda Estaleiro, quando era solteiro, mas quando se é jovem, com muita saúde, e vontade de progredir, tudo se torna facilmente realizável. E essa era a impressão que Clemente deixava transparecer, principalmente agora que havia conquistado a simpatia, e quem sabe o apoio do sogro.

Depois de verificarem tudo, apenas quatro homens ficaram trabalhando, era quarta-feira, e até na sexta-feira, queriam terminarem os serviços. Sr. Olavo e Sr. Julinho, iriam pescar, foi com essa intenção que aceitou trazer o Coronel. Clemente se dividia em cuidar de Felipe, que por hora não queria aceitar a amizade do avô, e dar atenção ao Coronel Ferdinando, as três mulheres tinham a missão de organizarem a casa e prepararem o almoço. Cândida faria companhia para a mãe, afinal tinham pouco tempo para ficarem juntas, e muitos assuntos para, porém em dia.

Coronel Ferdinando questionou o genro, sobre a possibilidade de se encontrar mais ouro nas paredes

da caverna, Clemente o levou para dentro de casa, e lhe mostrou o retângulo de sete metros quadrados, cavados na parede onde tinham conseguido encontrar quase a totalidade do ouro obtido, e a quantidade de escavações realizadas, muitas vezes superior, onde praticamente nada havia encontrado. Então desistiu de garimpar, poderia trabalhar um ou dois anos e não encontrar mais nada, como também poderia trabalhar alguns poucos dias e encontrar um novo veio de ouro, e tornar-se um homem rico. A profissão de garimpeiro é muito ingrata, seu pai, Sr. Basílio, foram garimpeiros a vida toda e quase nada conseguiram. Mas acreditavam que aquelas paredes escondiam mais ouro, e assim que terminassem de construir as casas, estavam dispostos a procurá-lo.

— Quando desisti de garimpar, pensei mudar-nos para uma boa cidade, vender nosso ouro, comprar uma casa, e trabalhar de empregado em alguma firma, mas quando Felipe nasceu, ouvi na cidade que não era difícil requerer uma gleba de terras do Estado, tendo um pouco de dinheiro, não seria difícil regularizar a documentação, e com o tempo transformá-la em pastagens, dedicar-me à criação de gado, e no futuro poderia valer um bom dinheiro. Então optei por realizar esse projeto, como o senhor bem sabe, é uma atividade segura, é o que pretendo fazer.

— Se dissesse para você vender seu barco, suas terras, o restante de seu ouro, e fossem morar e trabalhar comigo, lá na Fazenda Estaleiro, o que você me diria?

— Ficaria muito honrado e agradecido pela proposta do Senhor, mas hoje diria o mesmo que disse ao seu sogro, Sr. Antonio. Que isso não poderia fazer. Tenho minha família, tenho meus pais morando comigo, tenho os companheiros que confiam em mim, penso que seria mais feliz, e melhor futuro trabalhando aqui, preciso provar para minha esposa e pra mim mesmo, que com as graças de Deus, também seremos capazes de conquistar o nosso lugar.

— Me desculpe, perguntei só para ter certeza de que me daria essa resposta. Porque era exatamente o que queria ouvir de você. Estou muito orgulhoso e honrado em tê-lo como meu genro. Financeiramente eu nunca necessitei recorrer ao meu sogro Sr. Antonio, mas sei que ele não recusaria socorrer-me numa adversidade. Porque sempre nos disse que tudo que possuía, pertencia a sua única filha. Espero que você também nunca necessite, mas caso um dia precisar, saiba que tudo que possuímos pertencem aos nossos três filhos, e ficaria feliz em poder ajudar qualquer um de vocês.

— O Senhor ontem à noite disse que um homem tentando acertar, comete os maiores erros, reconheço que errei, quando estive em Cuiabá, e prometi a meus pais que iria até sua casa, levar uma carta de Cândida para Dona Cecília. Somente agora reconheço que não agi certo, quando desejei que devessem continuar sofrendo, sem ter notícias da filha. Como pode ver poderíamos ter nos entendidos há pelo menos um ano atrás, antes de Felipe ter nascido.

— Clemente acho que fez a coisa certa, há um ano atrás talvez as coisas não sejam como hoje, você poderia ter se precipitado. Lembra, quando disse, se eu tivesse ido

procurar meu sogro antes que Cândida tivesse nascido, ele teria me matado. Talvez se me procurasse naquela hora, sem a presença de minha filha, poderia não ter lhe recebido bem. Foi de alguns meses pra cá, que tive consciência que fui o grande culpado nessa história toda. O sofrimento permitiu ou possibilitou que compreendesse muitas coisas. Hoje encontramos nossa filha feliz ao seu lado, percebemos que vocês se amam, e se entendem muito bem. Que é um homem empreendedor, e tem bons sentimentos, com seus pais e com seus amigos. Como Cecília disse “Quem somos, diante dos desígnios de Deus”. Somente ELE, sabe a hora certa que as coisas devem acontecer.

Nisso chegou até eles Dona Gertrudes, e disse: — Sr. Clemente, a matula de almoço dos homens que estão trabalhando está pronta. É o Senhor que vai levar?

— Sim Dona Gertrudes, estou indo. Felipe, agora você vai brincar com seu avô.

O menino entendeu a ordem do pai, e estendeu os bracinhos para o Coronel Ferdinando, que imediatamente o pegou em seus braços, e saiu passeando pela casa com ele. Clemente ficou olhando sem acreditar no que estava acontecendo, pareceu-lhe que o filho não só havia entendido o que Dona Gertrudes, tinha lhe pedido para fazer. Como também as palavras do avô, que tinha demonstrado ser uma pessoa do bem, e que poderia confiar nele.

26/05/2022

Casa Nova, Vida Nova

N ESSA QUARTA-FEIRA, a vida na caverna tinha retomado sua rotina, todos foram tomar seu banho na piscina natural, e na janta foi servido com todo capricho, um enorme peixe, presente de Sr. Olavo, que Dona Santa fez questão de preparar, para demonstrar uma de suas especialidades “Pintado ao molho”, não seria necessário dizer que esse prato tem lá os seus segredos, tanto que fez o maior sucesso, principalmente entre os visitantes.

A essas alturas não somente Coronel Ferdinando, tinha conquistado a confiança de Felipe, como também Dona Cecília, e ele se fartava revezando de um colo ao outro, ignorando a presença dos pais e dos outros avós, como quem estivesse sabendo que logo iriam embora.

À noite todos reunidos na grande sala, Coronel Ferdinando consultou Sr. Olavo dono do barco, se poderiam voltar no dia seguinte pela manhã. Clemente intercedeu e sugeriu que ficassem ao menos por mais um dia, que ele particularmente conhecia como ninguém como era fazer aquela viagem durante o dia, preferia fazer essa viagem à noite, a ausência do calor do sol e do vento contrário, tornava a viagem noturna muito menos cansativa. Se não quisessem viajar à noite, poderiam deixar para retornarem na sexta-feira pela manhã, teriam mais um dia para pescar. Sr. Olavo aprovou as duas sugestões de Clemente, a quantidade de peixes que haviam pescado não correspondia ainda ao que pretendiam levar. Coronel olhou para esposa e interpretou que ela havia gostado da sugestão de Clemente. Abraçando ao neto, perguntou-lhe se gostaria que os avós ficassem mais um dia, como Felipe ainda não falava, apenas sorriu para o avô, que interpretou como gostaria. Então delegou a decisão ao Sr. Olavo, dizendo: — Sr. Olavo é o Senhor que decide, se sairemos amanhã à noite ou na sexta-feira bem cedo.

Dona Cecília perguntou a Clemente, quando pretendiam visitá-los? Clemente olhou para Cândida, como quem estivesse pedindo sua opinião. Cândida en-

tendeu o olhar do marido, como estivesse autorizando que ela decidisse, respondeu: — Iremos no final desse ano, passar o Natal e o Ano Novo.

Dona Cecília quis a confirmação de Clemente, ele não desautorizou a esposa e respondeu: — Se nada atrapalhar podem nos esperar no final desse ano, nós iremos.

— Então estamos combinados, esperaremos por vocês.

Não sei se perceberam, como as mulheres têm facilidade em decidir uma questão complexa, elas não levam em conta os imprevistos, o homem é mais providente e considera todas as possibilidades, mas quase sempre prevalece a decisão do marido, talvez com ensejo de agradar a mulher, e realizar sua vontade. O leitor atento deve ter percebido que estamos no mês de fevereiro, Felipe nasceu no mês de maio, estando agora com quase nove meses, é só fazer o cálculo, portanto faltavam ainda dez meses, para o final do ano.

Coronel Ferdinando perguntou ao genro se possuía ao menos uma arma de fogo, para se protegerem caso surgisse qualquer imprevisto. Clemente reconheceu a necessidade de uma arma, que pretendia comprar uma para essa finalidade, assim que tivesse oportunidade. Então Coronel o chamou até o quarto, mostrou-lhe os dois revólveres que trazia consigo, e pediu que escolhesse um deles, para seu uso. Clemente à princípio não queria aceitar o presente, mas diante da insistência, acabou pegando um deles que lhe pareceu serem idênticos. Coronel disse-lhe que a arma estava carregada, e lhe deu mais um punhado de balas. Clemente agradeceu-lhe, e

disse que mesmo assim, pretendia comprar uma arma de cano longo, tipo carabina.

Como a noite de quinta-feira, era uma noite de lua cheia, suficiente para iluminar aqueles caminhos através do rio, Sr. Olavo, optou por seguir os conselhos de Clemente, e fazer uma viagem noturna, jantaram, se despediram, e os quatro tripulantes a bordo do barco, que completava sua lotação levando mais uns cinquenta quilos de peixes salgados e secados ao sol. Sempre margeando o rio, como instruiu Clemente, ele e o Sr. Julinho nos remos, imprimiram um ritmo cadenciado, e o barco foi vencendo a distância que o separava de seu destino. Quando o sol havia tingido de vermelho o lado leste do horizonte, o barco de Sr. Olavo aportava o ancoradouro que existia nesse ponto, onde havia algumas casas ribeirinhas e a estrada que dava acesso à cidade. Coube ao Sr. Julinho ir até à cidade, avisar o chofer do carro de praça, para buscar o Coronel e a esposa, e arrumar um meio de transporte para buscar os peixes e o barco de Sr. Olavo, e desta forma estava concluída a aventura de ir conhecer o fim de mundo, onde Clemente e Cândida, resolveram se estabelecerem.

O detetive Sr. Manolo acompanhou o chofer até o rio, e ficou satisfeito quando percebeu que apesar da viagem noturna cansativa, Coronel Ferdinando e Dona Cecília estavam felizes e realizados. Pagou Sr. Olavo, que cobrou um preço simbólico, pois tinha realizado uma boa pescaria como era sua vontade, e obteve de Clemente permissão para voltar quando quisesse. Depois de sua

mudança para casa nova, disponibilizaria aquele espaço para os amigos irem pescar, quando quisessem. Afinal os rios são bens da natureza de utilização pública, inclusive todos têm o direito de utilizá-los, e o dever de zelar pela sua conservação e preservação.

Não seria necessário registrar os percalços do retorno da viagem, devido as precariedades das estradas, mas o clima estava mais descontraído e mais alegre, Coronel Ferdinando comentava orgulhoso o entusiasmo, e a disposição do genro em encarar aquele desafio, que poucos homens enfrentariam com tanto destemor e esperança de se sair vencedor, principalmente por se tratar de um rapaz jovem, criado praticamente no meio urbano. Sem dizer da beleza do lugar, e a qualidade das terras, e a quantidade de madeira existentes nas matas, e as riquezas naturais daquele rio inexplorado, sem mencionar a possibilidade que naquela caverna poderia existir um tesouro escondido.

Passando pela Capital foram até a Agência de Investigação, acompanhados pelo Agente Sr. Manolo, reencontraram Sr. Hércules e Sr. Alípio os proprietários, e através de seu depoimento ficou caracterizado que as descobertas do detetive Sr. Manolo procediam. E as informações sobre Clemente dos Santos, eram todas verdadeiras, sem revelar a fonte de suas receitas. Pagou o que devia, agradeceu pelos serviços prestados, e deram o caso por encerrado, restando apenas agora ao chofer do automóvel alugado Sr. Odílio, levá-los de volta a sua fazenda no pantanal, conforme ficou acordado.

Lá na Fazenda São Cristovão a vida continuava, terminaram a construção das casas, realizaram a transferência dos melhores móveis, Clemente, Cândida, Felipe, Sr. Cristovão, Dona Santa, e Sr. Santinho do Poço se mudaram para as casas novas. Sr. Quim Vila, Sr. Basílio, com as respectivas esposas, se instalaram na caverna, e com a participação de Sr. Cristovão, começaram escavar as paredes internas, decidiram trabalharem em conjunto uma semana e apurarem o resultado, para avaliar se o resultado compensava o trabalho despendido. Depois de uma semana de intenso trabalho, chegaram à conclusão de que aquelas paredes eram traiçoeiras, encontraram o precioso minério em vários pontos, mas em tão pouca quantidade, que chegaram a mesma conclusão de Clemente. “O resultado obtido não compensava o trabalho exigido”. Decidiram pescar por uma semana, depois voltariam para Vila Bela. Clemente os levaria e procuraria pela vela do barco que havia encomendado, através de um comerciante da cidade, que pelos seus cálculos já deveria ter chegado. No dia marcado todos foram, felizmente as velas tinham chegado. Com a ajuda de alguns amigos e companheiros, Clemente acoplou as velas ao barco, fizeram as compras necessárias e retornaram para casa. Com a ajuda das velas, o tempo da viagem foi reduzido pela metade, sem dizer que não exigia mais nenhum esforço do condutor.

Nessa viagem somente Clemente não se envolveu em pegar peixes para vender. Sr. Cristovão e Sr. Santinho, levaram algumas arrobas de peixes secos e

venderam no mercado, com o dinheiro que receberam compraram coisas para seus usos particulares, inclusive materiais para pescaria e muito sal, para as próximas remessas de peixes secos que pretendiam realizar.

As novas residências de Clemente e de Sr. Cristovão, foram construídas em lugar plano e alto, eram sem dúvida mais confortáveis, num local mais arejado, mas não tinham o mesmo encanto e o mesmo aconchego da antiga morada. Na época das cheias ouvia-se a música diuturna do murmúrio das águas do rio lutando contra as pedras, produzindo aquele som característicos das cachoeiras. Na época das secas o barulho da cachoeira praticamente desaparecia. Era substituído pela algazarra das aves, que chegavam em bandos, e ali se instalavam durante alguns meses, para banquetear os peixes que se enroscavam nas pedras. Todos ressentiram morarem agora, há mais de dois quilômetros daquele paraíso.

31/05/2022

Minha Máxima Culpa

HAVIA SE PASSADO três meses que Coronel Ferdinando e Dona Cecília, estiveram por dois dias visitando Clemente e Cândida, ficou pactuado nessa oportunidade que retribuiriam a visita no final do ano, quando prometeram que passariam lá o Natal e o Ano Novo. No final do mês de maio, Cândida descobriu que estava novamente grávida. Conversando com o marido sobre a possibilidade de cancelarem a viagem, porque pelos cálculos do casal, o segundo filho deveria nascer justamente nessa época do Natal. Ouvindo

a opinião dos pais de Clemente, chegaram à conclusão de que em vez de cancelarem a viagem, poderiam reprogramá-la para que Cândida fosse ganhar a criança na casa dos pais. Era só viajar uns dias antes, e voltarem uns dias depois, dilatando o tempo de permanência do passeio, tudo se acomodaria, Clemente convidou seus pais para acompanhá-los, que acabaram aceitando o convite, que na verdade era um verdadeiro desafio, saírem de onde estavam, irem até o pantanal, e retornarem, devido as dificuldades dos transportes terrestres na época.

Então ficou assim combinado, Sr. Santinho do Poço, deu todo seu apoio para que os amigos realizassem o passeio, ele não se importaria ficar sozinho, um mês ou mais, se preciso fosse, ficaria pescando, cuidando da roça, e olhando as casas da propriedade. Clemente lhe agradeceu, e prometeu recompensá-lo pelo apoio e compreensão.

Aquele restante de ano foi se arrastando lentamente. Enquanto a barriga de Cândida ia crescendo na mesma proporção, Felipe ia se revelando uma criança muito esperta e inteligente, primeiro arriscando seus primeiros passos, o piso da casa nova de terra batida facilitava e favorecia seu aprendizado, incontáveis foram as quedas, mas ele não desistiria, logo estava andando depois correndo e continuava caindo, e se levantando mais agilmente. Começou pronunciar as primeiras sílabas, depois as primeiras palavras. A época das chuvas se foram, iniciou-se a temporada das secas, e com ela chegaram as passaradas providas de todos os quadrantes da mata sem fim, como a localidade agora se encontrava desabitada e solitária,

os pássaros ocuparam com exclusividade todo aquele ambiente que lhes pertencia por direito adquirido, até quando as chuvas retornaram, e com as chuvas o rio ganhou volume de água novamente, a água cobriu as pedras e expulsou a passarada, liberando o caminho para os peixes, subirem o rio e realizarem a piracema.

E o mês de dezembro que estava distante, foi se aproximando, e de repente havia chegado, e a barriga de Cândida havia crescido até o limite, e Felipe agora corria e muito raramente caía, e seu repertório de palavras inteligíveis aumentava a cada dia. E o dia marcado para realizarem a tão esperada viagem ao pantanal, até que enfim, havia chegado. Antes de saírem Clemente entregou ao Sr. Santinho, o revólver carregado, que havia ganhado do Coronel Ferdinando, e as balas excedentes, para ser usado no caso de necessidade. Sr. Santinho imediatamente foi guardá-lo em sua gaveta, e disse que sinceramente não pretendia usá-lo, depois ajudou levar as bagagens até o barco que estava amarrado no ancoradouro. Todos se despediram pesarosos do amigo, que não conseguia disfarçar sua vontade de também ir, entraram no barco e ocuparam seus lugares, Clemente soltou as amarras da corda que prendiam o barco, a uma argola de ferro fixada ao esteio de aroeira do ancoradouro, ocupou o piloto, distendeu as lonas, manobrou o comando do leme, a brisa leve da manhã estufou as velas de ar, impulsionando o veleiro contra o sentido das águas, e todos acenavam para Sr. Santinho, que ali sozinho parado também acenava com as mãos.

Não é necessário registrar o que significava uma viagem terrestre, de Vila Bela, à Fazenda Estaleiro, próxima ao Rio Mutum, no coração do pantanal mato-grossense, principalmente na primeira década do século passado. Diria que para um homem comum, era uma verdadeira odisseia, para uma mulher no último mês de gestação, um esforço supremo de alto risco. Mas Cândida superou esse desafio como uma verdadeira heroína, alheia ao risco que corria, sustentada somente pela felicidade, e o desejo de rever a casa paterna.

Chegando em Cuiabá, Clemente alugou um transporte motorizado para levá-los diretamente até à Fazenda Estaleiro, como a viagem foi antecipada, chegaram na casa paterna sem que estivessem esperando. O ruído de um automóvel da época, se ouvia há quilômetros de distância, Coronel Ferdinando e Dona Cecília, saíram e ficaram esperando, para receberem a visita inesperada. Quando as portas do auto se abriram e reconheceram Clemente e Cândida, minhas palavras seriam insuficientes e pobres para expressarem com autenticidade a felicidade e a alegria demonstradas pelos donos da casa. Principalmente quando viram as condições de Cândida. Coronel Ferdinando e Dona Cecília, deixaram transparecerem através de lágrimas de sinceridade a felicidade que estavam sentindo, abraçaram à filha e ao genro, como se estivessem os encontrando pela primeira vez depois da fatídica separação.

Depois desceram Sr. Cristovão e Dona Santa, Clemente pegou Felipe que dormia despreocupado nos braços do avô, foram igualmente abraçados e bem recebidos pelos donos da casa. Nisso chegou o jovem

casal de gêmeos, Fernando e Fernanda, que agora estavam com dezesseis anos de idade, se abraçaram à irmã e ao cunhado, que ao vê-los com lágrimas nos olhos, também começaram chorar. Depois de quase três anos Coronel Ferdinando e Dona Cecília, tinha os três filhos reunidos novamente, mais um genro e um neto, muito especiais.

Como estava quase na hora do almoço, Coronel Ferdinando fez questão que o chofer do automóvel almoçasse com eles, para depois retornar. Dona Cecília abraçada a filha não resistiu e lhe revelou logo a surpresa que tinha para fazer:

— Quando papai e mamãe, ficaram sabendo que vocês viriam para o Natal, disseram que também viriam, estão doidos para conhecerem Clemente, e o bisneto Felipe, talvez agora fiquem até o segundo bisneto nascer. Sua avó está maluca para ver você.

— Quando eles vão chegar?

— Disseram que pretendem chegar uma semana antes do Natal.

Nisso chegaram as duas empregadas da casa, Dona Selma e Dona Maura, e abraçaram Cândida, e ficaram admirando o tamanho de sua barriga. Dona Selma perguntou-lhe se tinha certeza de que não eram duas crianças, devido Dona Cecília ter sido mãe de gêmeos.

Coronel Ferdinando com o neto nos braços, era toda atenção para o genro e ao Sr. Cristovão. Quem não conheceu a história do romance proibido entre Clemente e Cândida, e veem os dois andando juntos conversando como bons amigos, não imaginava que há três anos atrás,

Coronel não admitia o romance da filha com o professor nem sob hipótese. Mas nada como o decorrer dos tempos, e a conduta do rapaz, que nesse curto espaço de tempo conseguiu provar ao sogro, seu amor verdadeiro à filha, e estava demonstrando através de suas atitudes, ser digno dela. Alguém pode pensar que Coronel mudou seu pensamento, devido o genro estar sendo bem-sucedido financeiramente. Diria que também, mas Clemente conseguiu conquistar o sogro por possuir outras qualidades, não se avalia um homem somente por um único detalhe, Clemente tem dado testemunho ser um homem de bem, por demonstrar ser bom marido, bom pai, bom filho, bom amigo, trabalhador, honesto, empreendedor, respeitado. O que mais um sogro pode desejar de um genro? Depois que Coronel retornou de Vila Bela, perante a parentela, amigos, e funcionários, assumiu explicitamente o ônus de seu equívoco em preterir o namoro da filha com o professor, e o alto preço financeiro e moral que pagou por essa sua postura, e se dizia muito arrependido. Somente depois de reencontrá-los, e ver com seus próprios olhos, como estavam felizes, reconheceu que se enganou em julgá-lo precipitadamente, e estava muito satisfeito e orgulhoso do genro que tinha. E no momento oportuno reconheceria publicamente que havia agido muito mal, e se desculparia com a filha e o genro pelo que os fizeram sofrer, e poderia ter proporcionado uma outra direção para suas vidas.

03/06/2022

Uma Verdadeira Confraternização

QUANDO CLEMENTE lecionava na escola da fazenda do Coronel, passou conhecer quase todos os funcionários, e costumava frequentar suas casas, principalmente a casa de seus alunos. Agora na companhia do pai Sr. Cristovão e do filho Felipe, visitou algumas casas para apresentar o pai e o filho, aos antigos amigos. Com essa atitude Clemente demonstrava continuar sendo a mesma pessoa simples de antes, conquistando assim a simpatia e a confiança dessas

peçoas, que acabaram lhe revelando detalhes de alguns procedimentos condenáveis do Coronel, com relação a sua fuga com Cândida. Como por exemplo, a empreitada que deu aos seus dois capangas para eliminá-lo. Clemente não se revoltou, pelo contrário, disse que o próprio Coronel o havia revelado essa informação. E que tudo isso fazia parte do passado, que entre Coronel e ele não existia mais nenhum ressentimento.

Faltando uma semana para o Natal, chegaram à casa do Coronel os pais de Dona Cecília, vieram para as comemorações do Natal e Ano Novo, e principalmente para conhecerem o marido da neta, e o primeiro bisneto.

Sr. Antonio e Dona Celeste um casal já septuagenário, muito lúcidos e comunicativos, apesar de serem muito ricos, eram muito simples e humildes, que não tiveram nenhuma dificuldade em interagir e se identificar com Clemente e seus pais. Em uma reunião de família para discutirem como seria as festas de confraternizações. Depois de todos falarem e darem suas opiniões, sobre comidas, bebidas e presentes. Sr. Antonio, pai de Dona Cecília, tomou a palavra e fez um desabafo um tanto ousado, direcionado para elucidar conflitos passados e evitar desentendimentos futuros:

— Nesses últimos três anos nossa pequena família foi abalada por acontecimentos, que em minha opinião, com um mínimo de tolerância, racionalidade, e responsabilidade poderiam terem sido evitados, porque acabaram gerando conflitos, desarmonias, causando sofrimentos desnecessários. E acabaram por revolver dí-

vidas do passado. Mas Deus foi tão bom conosco que apesar de termos feito tão pouco para sermos merecedores dessa graça, permitiu que tudo voltasse a normalidade rapidamente, sem maiores consequências. Sugiro que façamos uma confraternização de Natal, que tenha o poder de sanear e neutralizar tudo que de errado temos praticado, para que não reste entre os membros dessas três gerações de nossa família, nenhum resquício de débitos e ressentimentos, por também reconhecer que faço parte desse comprometimento.

Coronel Ferdinando entendeu que o momento era oportuno para se lavar toda a roupa suja, para que todos pudessem compreender a profundidade da mensagem do sogro, que somente ele deve ter compreendido, por ter sido dirigida principalmente a ele, explicou:

— Acredito que ninguém entendeu a profundidade da mensagem de meu sogro, somente eu e ele conhecemos as razões por que tudo isso aconteceu. Quando conheci Cecília, ela tinha dezesseis anos, apesar de ser um rapaz pouco conhecido pela família de Sr. Antonio, aconteceu de me apaixonar por ela, fui falar com Sr. Antonio que desejava me casar com sua filha, ele concordou sob uma condição, que eu fosse morar com eles. Eu disse a ele, que não aceitava sua condição, por já ter um projeto para minha vida. Então proibiu-nos que namorássemos. Às escondidas convidei Cecília para que fugisse comigo, ou lhe abandonaria para sempre. Ela aceitou, e fugiu comigo. Viemos morar nesta fazenda, como capricho por cinco anos a impedi de manter qual-

quer contato, ou mandar qualquer notícia a seus pais. Depois de três anos que estávamos juntos nasceu Cândida, quando Cândida completou dois anos, decidimos visitá-los. Fomos recebidos muito bem pelos pais de Cecília. Depois de alguns momentos, Sr. Antonio chamou-me para uma conversa particular, disse-me que só não me mataria, porque tinha uma filha para criar. Mas a Justiça de Deus, haveria de fazer que eu sofresse, tudo que o fiz sofrer. Como não acreditava nessas coisas, não dei muita importância. Naquela nossa primeira visita, fizemos um compromisso de todos os anos irmos visitá-los, e passar duas semanas com eles, o que cumprimos religiosamente até três anos atrás, quando por má vontade minha deixei de acompanhá-los, foi quando apareceu aqui em casa Clemente, procurando emprego, sem imaginar que Cândida viesse se interessar por ele, o aceitei em nossa casa. Quando os dois fugiram, não percebi que a profecia de Sr. Antonio havia se consumado, tinha chegado o momento de começar pagar minha dívida, sofrer a mesma dor que fiz Sr. Antonio e Dona Celeste sofrerem. Observem se tivesse acompanhado minha família há três anos atrás, até a casa de meu sogro, provavelmente Clemente não teria me encontrado, e não teria ficado por aqui. Mas como disse minha esposa Cecília, lá na casa de nossa filha. “Quem somos para interpretar os desígnios de Deus”. Somente nós mesmos responderemos pelos nossos atos. Apesar de existir essa dívida entre nós dois, sempre tivemos um bom relacionamento, nos estimando e nos respeitando um ao outro.

— Não seria necessário dizer a série de loucuras que fiz para encontrá-los. Até quando comecei refletir em tudo que tinha acontecido. Devido minha falta de fé em Deus, comecei pensar que o pior poderia ter acontecido. Voltei meus pensamentos à Deus, e reconheci que o único culpado por tudo tinha sido eu mesmo. Com ajuda de Cecília, pude compreender e aceitar, que acima de nós existe um poder maior, e ninguém consegue burlar ou fugir às Leis Divinas. Por isso procurei até encontrar Clemente e Cândida, e graças a esse entendimento reconciliei-me com eles, por reconhecer que agi muito errado também com eles. Clemente e Cândida têm todo direito de se amarem, e morarem onde preferirem. Assim como meu sogro sempre declarou que tudo que possuem, pertence e pertencerá a sua única filha. Declaro que tudo que possuímos pertence e pertencerá aos nossos três filhos e aos seus sucessores. Quanto sofreremos a ausência de nossa filha, nosso genro, e nossos netos. Sofreremos resignados, porque sabemos que nossa filha está feliz ao lado de seu marido. Somente depois de muito refletir sobre o assunto, compreendemos que apenas que estamos pagando o que fizemos Sr. Antonio e Dona Celeste sofrerem.

— Quanto às confraternizações de Natal e Ano Novo, convidaremos todos os moradores dessa Fazenda para compartilharem conosco. Quanto às comidas, bebidas, e presentes, estão liberados para fazerem o que quiserem, tudo correrá por nossa conta, por que tudo que temos, pertence a nós todos.

No dia seguinte Coronel Ferdinando acompanhado do neto, do filho, do genro, do sogro, e de Sr. Cristovão, percorreram de casa em casa convidando a todos os moradores da Fazenda, para ajudarem e participarem do almoço de Natal e também de Ano Novo. Com churrasco bebidas e tudo que tinham direito. Comprovando o que Clemente havia falado. Que os desentendimentos e as divergências pertenciam ao passado, que agora tudo estava bem.

Coincidentemente na noite que precedia o dia Natal, Cândida entrou em trabalho de parto. Não obstante existir na comunidade da Fazenda Estaleiro, uma senhora parteira que se chamava Dona Serafina, a criança se recusava nascer, depois de algumas horas de intensa luta, Dona Serafina convocou Dona Cecília, Dona Santa e Dona Celeste, para ajudá-la, porque as condições de Cândida, começaram preocupar de verdade. Clemente, Coronel Ferdinando, e Sr. Cristovão que acompanhavam os trabalhos do lado de fora do quarto, perceberam que as coisas não estavam normais. Coronel desesperado chamou seu sogro Sr. Antonio, que com sua experiência e sua grande fé em Deus, e nas coisas sagradas, imediatamente convocou a todos para orarem. Reunidos na grande sala, todos que estavam na casa, deram-se as mãos, formaram um círculo, Sr. Antonio pediu que todos orassem fervorosamente à DEUS, e ao Seu filho maior JESUS CRISTO, o aniversariante daquela noite, para que aliviassem as dores de Cândida, e ajudassem a criança vir ao mundo. E todos preocupados, concentrados em orações, pediam ajuda ao Poder Maior, depois de

uns vinte minutos unidos naquela corrente positiva de preces, ouviram o choro da criança. Dona Cecília saiu do quarto muito nervosa, mas feliz, e disse:

— Graças à Deus terminou. Nasceu uma linda menina, e Cândida está bem.

Entre risos, lágrimas, e agradecimentos, todos se ajoelharam, depois levantaram e se confraternizaram felizes.

04/06/2022

Rio Clemente

DIZEM QUE DEPOIS da tempestade, vem a calma-ria. Aquela noite de Natal foi bem tumultuada, houve apreensão, devoção, surpresa e confraternização. Mas teve um final feliz. E a Fazenda Estaleiro pela primeira vez, por ordem do Coronel, teve seus trabalhos suspensos por mais de uma semana, na verdade, foram substituídos por uma semana de festas. E as razões se justificavam: Primeiro, o nascimento de Natália, que para Clemente e Cândida, foi o melhor presente de Natal, que poderiam receber. Segundo o clima de concórdia entre todos os integrantes da família do

Coronel, que se estabeleceu depois daquela reunião elucidativa. Terceiro, a aproximação e a integração ocorrida entre patrões e funcionários, que até então era deficitária, devido a prepotência do Coronel. Quarto, a eliminação de todos os resquícios de ressentimentos atávicos existentes entre pais, filhos e genros. Quinto, o fortalecimento da fé de todos, ao poder maior, em admitir que nada somos, e nada podemos diante dos desígnios do Altíssimo.

Sr. Santinho do Poço, já estava preocupado com a demora dos donos das casas, ficava de pé sobre o ancoradouro perscrutando a vastidão do leito solitário do rio. Quando ele menos esperava percebeu um barco grande atracando no ancoradouro. Entre a população que chegava, havia um tripulante a mais, uma pessoa em miniatura que chamava atenção pelo barulho que fazia, principalmente quando estava com fome. Cândida apresentou a filha à Sr. Santinho, dizendo: — Sr. Santinho essa é Natália, o presente que ganhamos de Deus, na noite de Natal.

Sr. Santinho emocionado cumprimentava a todos, ao tempo que juntamente com Sr. Cristovão e Dona Santa, recolhiam as coisas do barco para levar para dentro da casa. Clemente amarrava o barco na argola de ferro, presa ao esteio de aroeira, que sustentava toda lateral do ancoradouro, depois saiu ao lado da esposa em direção à casa, levando Felipe sobre o pescoço, em uma das mãos um saco de compras.

E o tempo haveria de passar célere, e uma série de acontecimentos sucederiam nessa década, que impe-

diriam Clemente e Cândida voltarem ao pantanal, não propositadamente, mas por uma série de circunstâncias, que tentaremos justificar. Coronel Ferdinando e Dona Cecília não compreendiam a razão dessa ausência tão prolongada, deliberaram voltar à casa da filha mais velha, para entenderem o que estava ocorrendo.

Chegando em Vila Bela em um carro alugado, procuraram Sr. Joaquim Vilarinho e Dona Sulema. Foram convidados entrar na casa modesta, mas estavam com pressa, e se recusaram entrar, antes que Sr. Quim começasse dizer qualquer coisa. Coronel não quis ouvir nada, disse estar muito cansado e com fome, perguntou:

— Quem poderia nos levar de barco até lá?

— Nós levaremos vocês, amanhã logo cedo, seu chofer nos levará até o rio, pegamos meu barco e levamos vocês até lá.

— Se é assim, vamos procurar um hotel, para jantar e pousar, amanhã vamos até lá para ver como estão.

No dia seguinte pela manhã o chofer do carro alugado, levou os dois casais até o rio, onde se encontrava uma canoa enorme, quase nova, que comportava com folga e toda segurança, seis tripulantes. Os dois casais entraram no barco, Sr. Quim no piloto, remou em direção ao canal, quando a canoa atingiu a corrente, aprumou-a nesse sentido, e ela ganhou velocidade. Depois de alguns minutos que estavam navegando, Coronel perguntou ao Sr. Quim:

— Saberia nos dizer por que Clemente não levou mais sua família para nos visitar?

— Compadre Clemente é um homem muito ocupado.

— Mas essa razão não justifica, privar-nos de vê-los pelo tempo de dez anos, nosso neto Felipe nem se lembra mais dos avós, nossa neta Natália logo fará dez anos.

— Quando vocês tiveram aqui há mais de dez anos, lembro que vos disse que fazia mais de vinte anos que não víamos nossos filhos, até compadre Clemente disse que na verdade nossos filhos não sabiam mais onde encontrar-nos, acho que tinha razão por que até hoje não nos procuraram mais, pelo menos vocês sabem onde vossa filha mora.

— O Coronel lembra como é o nome desse rio?

— Lembro-me, chama-se Rio Corrente.

— Não é mais. Agora chama-se Rio Clemente.

Coronel Ferdinando, não disse nada, mas ficou pensativo, depois perguntou ao Sr. Quim:

— Por que o Senhor comprou uma canoa tão grande para seu uso?

— Não fui eu que comprei essa canoa, foi um presente de compadre Clemente, presente é presente, somente depois compreendi que compadre Clemente, acertou na escolha.

Só então Coronel resolveu perguntar sobre o genro:

— Como está se saindo Clemente como fazendeiro?

— Muito bem, hoje seu genro é um homem muito rico.

— Nossa filha Cândida ganhou mais algum filho?

Perguntou-lhe Dona Cecília.

Sr. Joaquim Vila, deu uma risadinha, e falou: — Compadre Clemente e comadre Cândida têm ao todo oito filhos.

Coronel Ferdinando, se assustou, e repetiu a pergunta: — Quantos filhos eles têm?

— Oito filhos, cinco meninos e três meninas. Dona Cândida tem dois meninos que são gêmeos idênticos.

Aquela resposta de Sr. Quim mexeu profundamente com os dois avós, que preferiram não perguntarem mais nada. Afinal em poucas horas chegariam na casa da filha, e já imaginavam como seria uma casa com oito crianças, e como estaria Cândida, que não tinha completado trinta anos de idade.

Quando avistaram as duas serras na direção do rio, passavam das duas horas da tarde, Coronel observou que o lado direito do rio a paisagem havia mudado radicalmente, onde antes existia mata fechada, agora estava ocupada por pastagens bem cuidadas, logo reconheceram o veleiro de Clemente atracado no ancoradouro. Em sua lateral, escrito em letras grandes “Fazenda São Cristovão”, acostou bem sua canoa para que saíssem com segurança, o lugar estava irreconhecível, tudo bem-organizado, esperaram Sr. Quim amarrar seu barco. Ao subirem a escada, Coronel Ferdinando e Dona Cecília, perceberam que não eram mais as mesmas casas simples. Eram várias casas, a principal de alvenaria, coberta com telhas, do tipo francesas, o enorme quintal todo cercado e arborizado. Chegaram em frente ao portão, da casa principal Sr. Quim bateu palmas, uma senhora morena reconheceu Sr. Quim e Dona Sulema, e veio abrir o portão, e cumprimentou a todos.

— Dona Maria, Esse casal são Coronel Ferdinando e Dona Cecília, os pais de Dona Cândida, vieram visitá-los. Ela se encontra em casa?

Nesse momento Cândida apareceu na porta da frente, reconheceu a todos, e veio correndo ao encontro deles, abraçou e beijou os pais, cumprimentou os compadres, e convidou para que todos adentrassem.

06/06/2022

Epílogo

ASSIM QUE ENTRARAM dentro da casa, Cândida instruiu as empregadas que fossem rapidamente prepararem o almoço ou merenda para as visitas, Dona Sulema, como se fosse da casa, foi para cozinha ajudá-las. Coronel interceptou a filha e a interrogou dizendo: — Minha filha o que aconteceu, vai fazer dez anos que vocês estiveram lá em casa, e não apareceram mais. Estávamos muito preocupados sem notícias de vocês, conta-nos o que aconteceu?

— Papai, depois que retornamos daquela viagem que fizemos ao pan-

tanal, nossa vida mudou completamente, começaram acontecer uma série de coisas que não permitiram mais que fôssemos para lado nenhum. Clemente com ajuda do pai Sr. Cristovão, de Sr. Santinho, de compadre Quim, e de compadre Basílio, começaram construir casas e trazer famílias de Vila Bela, para abrir nossas terras, chegamos ter aqui vinte famílias trabalhando. HÁ cada dois anos, ganhávamos um novo bebê, nesses últimos dez anos foram mais cinco partos, nasceram mais seis crianças, temos oito filhos. Clemente precisou construir uma escola, trouxemos uma professora para ensinar nossas crianças, e as crianças dos moradores daqui. Depois Clemente começou criar gado, aí ficou impossível sairmos. Hoje moram em nossas terras, fora nossa família, mais de oitenta pessoas, mais estivemos morando aqui mais de cem pessoas.

— E onde estão nossos netos?

— Felipe está com pai pelos pastos, montado em um cavalo olhando o gado. Natália, Cristovão, Clemente, e Cecília, estão na escola. Celeste, Ferdinando, e Antonio estão brincando na casa da vizinha. Maria vai buscar as crianças, para meus pais conhecê-los!

— Quantos anos tem seu filho mais novo? Perguntou Dona Cecília.

— O mais novo é o Antonio, vai fazer três anos.

— E quais são os gêmeos? Perguntou Coronel emocionado.

— Cristovão Neto e Clemente Filho, vão fazer nove anos, são univitelinos, estão na escola.

— E a Natália como está? Perguntou a avó, também emocionada.

— Vai completar dez anos, está muito bonita, esse ano ela termina os estudos na escola.

Então chegou a vez de Cândida perguntar: — Fa-lem de Fernanda e Fernando?

Coronel Ferdinando antecipou-se para responder: — Como vocês devem saber os dois já se casaram. A esposa de Fernando chama-se Emília, têm um casalzinho de filhos, Francisco já tem cinco anos, é meu compa-nheiro de todos os dias e Vitória tem dois aninhos, mais os dois são muito inteligentes. Fernanda casou-se um ano depois de Fernando, com o filho de um vizinho de fazenda, o Vicente, moram lá com os pais dele, não fica muito longe, mas não saem lá de casa, têm uma filhinha de três anos, muito bonita que se chama Vicentina.

Nisso chegou Maria trazendo os três filhos mais novos de Cândida, Celeste, Ferdinando e Antonio, to-dos muito sujos de brincarem na terra com os três filhos da vizinha, Coronel Ferdinando e Dona Cecília tenta-ram abraçarem as crianças, mas estranharam os avós e se agarraram à mãe, então Cândida pediu que Maria desse um bom banho neles, e os vestissem com roupas limpas e bonitas.

Dona Cecília perguntou à filha: — Cândida de quem foi a ideia de vocês porem tantos filhos no mundo, como conseguiram criar tantas crianças?

— Esse sempre foi um velho desejo de Clemente, ter muitos filhos, que acabei acostumando e aceitando a

ideia, e só paramos porque o médico convenceu-nos que deveríamos parar. Mas meu único parto complicado foi o de Natália, na vossa casa naquela noite de Natal, os outros partos foram todos tranquilo, mas Clemente parece que acabou ficando satisfeito com oito filhos. Agora vamos lá para cozinha, para comerem alguma coisa, logo Clemente e Felipe deverão chegar, e vai querer levar papai para conhecer os currais.

A casa de Cândida e Clemente era simples, mas enorme, uma área externa na frente, duas salas enormes, duas cozinhas igualmente espaçosas, seis dormitórios, três banheiros e uma varanda enorme nos fundos, muito parecida com a casa do Coronel Ferdinando, lá da Fazenda Estaleiro, porém maior e mais bem acabada. Enquanto almoçavam, Coronel analisava tudo e não compreendia, como pode um homem com três barras de ouro de cem gramas, realizar tantas coisas em tão breve espaço de tempo, havia alguma coisa que certamente ele desconhecia.

Assim que terminaram de merendar, Coronel e Sr. Quim sentaram-se em cadeiras na área da frente, Coronel não resistiu e perguntou ao Sr. Quim:

— Como Clemente conseguiu realizar tudo isso em tão pouco espaço de tempo?

— Sorte Coronel, Clemente é um homem de muita sorte.

Quando ia começar explicar sua conclusão para o Coronel, parou subitamente, porque percebeu que Clemente e Felipe, estavam chegando, vestidos de va-

queiros, botas de couro e chapéu grande na cabeça. Clemente abraçou-se ao sogro e cumprimentou o compadre Sr. Quim Vila, Felipe não tinha completado doze anos, mas já era um rapazote, muito parecido com o pai. Abraçou-se ao avô, e pediu as bênçãos do padrinho.

— Dona Cecília também veio Coronel Ferdinando?

— Veio sim, está com Cândida lá na cozinha.

Clemente pediu licença ao sogro e juntamente com o filho entraram para cumprimentar a sogra.

Clemente abraçou Dona Cecília e cumprimentou a comadre Dona Sulema, Felipe abraçou a avó como o pai, e pediu as bênçãos da madrinha. Dona Cecília não acreditava que aquele rapazote era o neto Felipe, achou-o muito parecido com o pai.

Clemente conversou uns dez minutos com a sogra na cozinha. Depois foi tomar um bom banho. Sr. Quim aproveitou a ausência dele, e deu continuidade na história que pretendia revelar:

— Quando Clemente e o pai se mudaram com suas esposas, mais o Sr. Santinho para casa nova. Eu, Sr. Basílio com nossas esposas ficamos morando na caverna. Convidamos Sr. Cristovão, que foi um garimpeiro de profissão, para juntos começarmos cavar e minerar as paredes da caverna, nós três trabalhamos em conjunto por uns quinze dias, cavamos por todos os cantos e nada encontramos, então desistimos e fomos pescar, pescamos vários dias, quando conseguimos pescar, salgar, e secar, muitos peixes, pedimos para Clemente nos levar de volta pra casa, nos levou com seu barco, e nos pagou o que

devia. Depois que Clemente, Cândida e os pais foram passar o Natal e o Ano Novo lá na vossa casa, voltaram trazendo a filha Natália, que tinha nascido lá, que mais tarde seria batizada por compadre Basílio e comadre Gertrudes.

— Quem contou-me essa história foi meu compadre Sr. Santinho do Poço. Ele me disse que numa noite compadre Clemente disse ter sonhado, nesse sonho estava na caverna, e com uma picareta cavou as pedras bem onde ficava o velho fogão à lenha na cozinha, até a profundidade de mais de meio metro, de repente começou encontrar um cascalho amarelado. No dia seguinte contou seu sonho para o pai e para o Sr. Santinho, e os convidou para ajudá-lo procurar pelo ouro, eles não acreditaram no sonho de Clemente, e preferiram ir pescar. Clemente foi sozinho garimpar, disse-me que ficou trabalhando sozinho uns vinte dias, quando perguntaram se tinha encontrado ouro, disse que ainda não, mas iria continuar procurando. Ficou mais alguns dias garimpando, depois desistiu. Passado algum tempo Clemente foi até Vila Bela, foram com ele Sr. Cristovão e Sr. Santinho, levaram bastante peixes salgados e secos, venderam tudo no mercado. Clemente procurou o agrimensor Sr. Olavo, e contratou seus serviços para demarcar mais uma gleba de terras, do lado de baixo anexa a sua, sendo essa maior que a primeira, em menos de oito meses, fez algumas viagens à Capital, as terras da nova área, estavam todas em seu nome. Assim que Sr. Olavo realizou seu trabalho, Clemente nos

procurou, a mim e ao Sr. Basílio para construir algumas casas simples, e à medida que essas casas iam ficando pronta, iam sendo ocupadas por famílias de Vila Bela, para derrubar as matas. Eu, Sr. Basílio, Sr. Cristovão, e Sr. Santinho, com ajuda dele e de outros trabalhadores construímos umas trinta dessas casas. Pagava todo mundo certinho com dinheiro vivo, Sr. Cristovão quis saber de onde ele estava tirando tanto dinheiro, por que seus gastos eram muitos, mas ele não quis revelar. Sr. Santinho a pedido de Sr. Cristovão, disse que só continuaria com ele se dissesse de onde estava vindo o dinheiro que estava gastando. Ele perguntou o quanto queriam para irem cuidar de suas vidas, e deixarem de se interessarem pela sua vida financeira, eles disseram o quanto queriam. Clemente não insistiu, os levou até Vila Bela, pagou-os direitinho o valor que eles pediram, Sr. Cristovão foi embora com a esposa Dona Santa, para Coxipó da Ponte, dizendo que com o dinheiro que recebeu do filho, iria comprar sua chácara de volta. Sr. Santinho do Poço comprou com o dinheiro que recebeu, uma boa casa em Vila Bela, se amasiou com uma cabocla, chamada Clotildes, disse não precisar mais trabalhar pelo resto da vida. Recentemente conversando com compadre Sr. Santinho, disse-me que suspeitava que compadre Clemente deveria ter encontrado no mínimo trinta quilos de ouro, mas isso acredito que não aconteceu.

Depois do banho Clemente veio até onde eles conversavam, convidou o sogro e o compadre para dar uma volta pela sede da propriedade. Existiam duas colônias de

casas simples, do lado direito da casa principal havia umas vinte casas simples, cobertas com folhas de buritis, do lado esquerdo ficavam umas cinco ou seis casas do mesmo estilo, então Clemente começou explicar ao sogro:

— Nessas casas do lado direito moram os agricultores, que derrubaram a mata, e cultivam a terra por três anos e depois me devolvem, sem pagarem nada de renda. E recebem novas áreas de matas, para serem cultivadas. Dessa maneira já conseguimos formar mais de mil hectares de pastagens de qualidade, que comporta um rebanho de quase mil vacas parideiras, toda cercada com arame farpado. Desse lado esquerdo por onde estamos indo, moram as famílias dos funcionários assalariados envolvidos com os trabalhos da fazenda. Amanhã vamos percorrer as pastagens, para que o senhor, observe nosso sistema de manejo, muito diferente do usado lá na região do pantanal. Vamos também visitar a área que está ocupada com lavouras, mais de trezentos hectares plantadas em roças. Construímos uma estrada através da mata, para escoar a produção até Vila Bela.

Chegaram ao enorme curral, construído todo com madeira de lei, retirada da própria propriedade, transportada à força de juntas de bois de carro, que deixavam as estruturas da Fazenda Estaleiro, sem parâmetros de comparação. Coronel não resistiu, perguntou ao genro:

— Clemente como conseguiu tanto dinheiro para construir isso tudo, em tão curto espaço de tempo?

— Encontrei mais um pouco do ouro, nas paredes da caverna.

— Então deve ter encontrado muito ouro?

Clemente nada respondeu, confirmando a informação de Sr. Santinho, que não queria revelar o quanto de ouro teria encontrado. Construir uma casa do tamanho daquela em que mora e um curral daquele, deveria ter gastado muito dinheiro, sem falar nas colônias de casas simples, e nas cercas para conter o gado nas pastagens. Sem cogitar o valor de seu rebanho bovino, que deveria valer uma fortuna. Pelo que Coronel observou eram três, as empregadas da casa, e Cândida desfrutava e exercia apenas a condição de patroa, sem se envolver em trabalhos domésticos e cuidar das crianças.

Quando chegaram de volta à casa, os demais filhos que estavam na escola haviam retornado, juntamente com a professora. Coronel Ferdinando e Dona Cecília ficaram admirados e encantados, com a educação e o respeito dos netos, da maneira como se relacionavam e se respeitavam entre eles, principalmente os cinco maiores.

Felipe com quase doze anos, ficava sempre próximo aos adultos, ouvindo as conversas com atenção sem interferir, ao menos que alguém pedisse sua opinião, olhava para o pai e para a mãe, e respondia a quem lhe perguntava.

Natália com quase dez anos, muito discreta com seus modos de mocinha recatada, lembrava muito a tia Fernanda quando tinha sua idade.

Cristovão e Clemente, com nove anos incompletos, sempre juntos e muito calados, somente o pai e a mãe os identificavam de imediato, talvez pelo modo de olhar,

sorrir, ou falar, para os estranhos essa percepção seria praticamente impossível, eram muito bonitos.

Cecília com mais de sete anos, já frequentava a escola, talvez fosse a mais espreitada, mas um olhar reprovador do pai ou da mãe, era suficiente para desarmá-la e deixá-la sem graça.

Celeste com seis anos incompletos, a mais parecida com a mãe, no próximo ano já iria para escola, apesar de muito chorona, também era a mais sorridente, muito carinhosa com os pais, e agora não se desgrudava da avó.

Ferdinando com quatro anos, coincidência ou não, era muito parecido com o avô Coronel, mas segundo a mãe, era o que tinha mais o gênio metódico de Clemente.

Antonio com menos de três anos, por enquanto era uma criança muito tranquila, Clemente quem sugeriu colocar o nome do bisavô, no último dos filhos, por ter se simpatizado e combinado muito com o avô de Cândida.

À noite todos reunidos na sala, conversaram sobre vários assuntos, reproduziremos alguns, por considerá-los os mais relevantes, dentre eles, a decisão de mudarem o nome do rio, para Rio Clemente, explicou o homenageado:

— Na verdade essa história começou há alguns anos atrás, quando começamos abrir a fazenda, primeiro por causa da corredeira, que atraiu a atenção de pescadores de Vila Bela, que diziam, que vinham pescar na cachoeira do Clemente, depois como era praticamente o pessoal que morava aqui que navegava pelo rio, falavam Fazenda do Clemente, por causa do veleiro, que passou ser uma

referência, e conhecido por todos. E acabaram mudando o nome do rio para Rio Clemente.

— Quanto às mudanças de meus pais e de Sr. Santinho, penso que apenas realizei o desejo deles, acho que se cansaram de morar aqui, de repente começaram querer se apropriarem de informações que eu não desejava revelar, por uma questão de segurança minha e de minha família, e eles saíram satisfeitos porque paguei a eles o que pediram, e continuamos amigos do mesmo jeito.

— A decisão de requerer mais uma gleba de terras, deu-se pelo fato de que eu e Cândida, conversamos muito e decidimos que não pretendemos nos mudar. Porque aqui hoje temos muitos amigos, nos sentimos muito queridos e respeitados por todos, devido à maneira que sempre conduzimos nossos negócios. E corrigir um lapso que cometi quando requeri a primeira área de terras, deixei de incorporar em minha área, o espaço ocupado pela serrinha onde se localiza a caverna. Agora ela faz parte de nossa propriedade, e acredito que lá possa existir mais ouro escondido. Sendo de nossa propriedade temos condições de preservá-la e protegê-la. Quando meus filhos forem adultos, sem abandonarmos às atividades pecuárias, que é uma fonte de renda mais consistente, poderemos voltar a explorá-la esporadicamente, porque tudo que temos foi tirado de lá. Acredito que aquela caverna tem o poder de socorrer-nos, quando dela necessitamos.

— A ideia de construir a escola, foi de Cândida, inspirada na decisão de seu pai, quando decidiu construir a escola da Fazenda Estaleiro, para que ela pudesse

estudar. Graças a existência dessa escola foi possível que muitas famílias aceitassem se mudarem para aqui, chegamos ter trinta crianças frequentando a escola, e a professora é muito competente.

No dia seguinte pela manhã Clemente pediu a um funcionário, que fechasse a tropa no curral, iriam na companhia do sogro dar uma volta pela fazenda. Coronel ainda em plena forma, demonstrando possuir muita destreza e habilidade, fez questão de encilhar um burro fogoso, seu animal preferido para esse tipo de cavalgada. Sr. Quim não quis acompanhá-los, por não possuir habilidade com cavalos. Coronel Ferdinando, Clemente e Felipe, embrenharam pelas pastagens, transitando por entre o gado, que se mantinham tranquilos enquanto eram vistoriados, permitindo serem observados de perto sem estranharem, muito diferente do gado semisselvagem da fazenda do Coronel, que não aceitava nenhum tipo de aproximação, devido a rusticidade das pastagens e as rudes condições de manejo. Retornaram depois do meio do dia, após terem percorrido algumas léguas por caminhos entre pastagens, e lavouras, deixando Coronel Ferdinando impressionado e encantado, com a qualidade das pastagens, a docilidade do rebanho bovino, e a potencialidade das terras do genro, em termo de condução e administração de uma propriedade rural, apesar de sua idade e experiência, ele não tinha nada a ensiná-lo, por considerá-lo estar muito bem assessorado e orientado.

Clemente, Cândida e os netos insistiram que os avós permanecessem por mais tempo, mas o máximo

que conseguiram foram três dias, o chofer do automóvel os esperava em Vila Bela, para retornarem. O importante é que encontraram todos bem, com saúde e felizes.

Dessa vez Coronel Ferdinando conseguiu arrancar do genro, o compromisso de que no máximo em três anos, receberiam a visita de sua família. No retorno durante a viagem no barco de Sr. Quim Vila, Coronel Ferdinando fez um desabafo, para que todos conhecessem seus sentimentos, dizendo:

— Na verdade sinto ser um homem muito privilegiado e abençoado, Clemente é o genro que todo sogro gostaria de ter, minha filha Cândida não poderia estar em melhores mãos. Somos os avós mais felizardos desse mundo, encontrarmos em um só ninho oito netos maravilhosos. O que mais poderíamos desejar nessa vida?

09/06/2022

Fim

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Novembro de 2023